

Semanário

Director:
António Dias Lourenço

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soc

Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

Ano 56 - Série VII - N.º 661
28 de Agosto de 1986
Preço: 40\$00

Avante!

Faltam
8 dias
e
muito
trabalho
para

Avante!



MÉDICOS EM LUTA

• entrevista com
dirigentes do Sindicato
dos Médicos da Zona Sul

Semana / Págs. 1/2/3

FLORESTAS MADEIRAS INCÊNDIOS

• Em Arganil, os comunistas
organizaram um debate
sobre um tema quente,
falaram do fogo e da
maneira de o combater

Em Foco / Pág. 1/2/3

MORATÓRIA NUCLEAR DA URSS

• Reacções positivas
em todo o mundo

Semana / Pág. 7

Editorial

Contornos políticos de uma alternativa democrática

Neste número:



Contornos políticos de uma alternativa democrática

A inicitativa de uma necessária mudança na política nacional em ordem aos interesses basilares do povo e do País impõe-se com força crescente à consideração, ao diálogo e à convergência das forças democráticas que no essencial permanecem fiéis ao projecto e à mensagem do 25 de Abril.

Trata-se de uma mudança comprovadamente inconcebível no quadro governativo minoritário actual de direita Cavaco Silva/PSD.

Daí que uma necessária mudança de política envolva como condição prévia e com igual força uma necessária mudança de governo.

Em suma: uma política alternativa só concebível com uma alternativa política — ambas necessariamente inseridas no âmbito das instituições democráticas e ambas viáveis no actual quadro político-parlamentar da Assembleia da República.

Sem iluminações de profeta mas na base de uma experiência nacional vivida ao longo dos últimos dez anos, o PCP previu e preveniu dos perigos e consequências políticas, económicas, sociais e culturais da outorga da máquina governativa após as últimas eleições legislativas de Outubro de 85 a um partido estruturalmente de direita — o PSD — ou à direita parlamentar no seu conjunto, um e outra, política e numericamente minoritários no País e na Assembleia da República. A realidade aí está inofismável: num espaço inferior a dez meses as previsões e prevenções do PCP foram largamente comprovadas pela prática.

Aqueles que concederam ao Governo minoritário Cavaco/PSD um ano de moratória para aquilatarem da capacidade cavaquista para timonar no bom rumo a barca do Estado e os que por impreparação e dificuldades internas acharam conveniente não inviabilizar à nascença uma experiência governativa que já se antevia ruínoza e destinada ao fracasso, têm agora motivos de sobra para uma atitude política mais consequente.

A prova está feita.

O Governo Cavaco Silva/PSD, que se autopromocionou de «estabilidade», revelou-se, na boa linha das tradições da direita restauracionista, um foco permanente e activo de desestabilização, de guerrilha institucional, designadamente contra a Assembleia da República, de instabilidade política potencial e prática.

Afirmou-se ao contrário do seu palavreado desenvolvimentista, um artifice da continuidade do marasmo económico dos últimos dez anos quando factores conjunturais de ordem externa teriam podido favorecer uma travagem na rampa deslizando da crise e mesmo um começo de arranque na via da recuperação económica do País.

O Governo Cavaco/PSD, executor fiel da política de classe do grande capital (na Banca, na Indústria, no Comércio, na Agricultura) prosseguiu sob a falsa cortina da «concertação» a guerra social contra os trabalhadores da cidade e do campo e a ofensiva de espoliação brutal das

classes, camadas e sectores intermédios da população, fechou horizontes às profundas aspirações populares a uma vida melhor, comprometeu mais ainda as esperanças acendidas pela Revolução de Abril num futuro promissor e florescente para Portugal e para os portugueses.

Sob o Governo Cavaco/PSD o ensino, a saúde, a segurança social retrogradaram, continuam como verdadeira charada para milhões de portugueses, em particular no acesso ao trabalho, ao ensino e à cultura de muitos milhares de jovens.

O Governo minoritário de direita do PSD pôs em execução numa escala sem precedentes a demagogia, a mistificação e a falsificação políticas que, diariamente, em confronto com a realidade da sua prática, revelam a verdadeira natureza de classe, os objectivos e intenções antidemocráticos dos actuais ocupantes do Governo.

A pérfida e generalizada ofensiva em novas formas contra o sector empresarial do Estado — a que o Tribunal Constitucional pôs de momento um travão jurídico declarando a inconstitucionalidade da transformação da SOCARMAR em sociedade por acções — representa uma alteração qualitativa na política de desmantelamento e reprivatização dos sectores básicos da economia nacional, objectivo imediato do Governo Cavaco/PSD e de toda a direita restauracionista. Cavaco e a sua equipa violam abertamente a Constituição.

O caso SOCARMAR era indubitavelmente um ensaio o prelúdio de uma vasta acção contra o sector público e nacionalizado com a entrega de mão beijada, das principais empresas públicas, destacadamente a Banca nacionalizada, ao capital monopolista português e estrangeiro.

Nesse sentido aponta o projectado desmantelamento das mais importantes empresas públicas (Petrogal, Quimigal, Siderurgia, TAP, RN, Lisnave, Covina, EDP, Sorefame e outras) e a criminosa extinção da CNP, esta com o propósito confessado de a passar à exploração privada, libertando-se de imediato, através do despedimento dos seus 1300 trabalhadores, de todos os encargos sociais inerentes.

Sob o seu consulado as falências fraudulentas, técnicas e compulsivas aumentaram em número com o correspondente aumento dos desempregados e a diminuição dos postos de trabalho.

É a política da CIP e do grande patronato que enforma a prática do Governo. A reacção da especulação bolsista é um claro indicio de enfeudamento do Governo aos interesses do grande capital. É todo um plano maduramente pensado da contra-revolução que a direita revanchista intenta impor ao País.

É oportuno recordar a resposta dada por Ferraz da Costa, chefe da CIP, à pergunta de um jornalista do «Expresso» em... 2 de Julho de 1983 (!): «Que fazia se tivesse

o poder?» Resposta inequívoca do senhor da CIP: «Alterava o sistema económico, fazia a reavaliação do valor das indemnizações, chegava à conclusão que o OE não as podia pagar e... devolvia as empresas em condições a combinar através, da Bolsa, através de vários sistemas.» É isto que precisamente o Governo de Cavaco leva à prática no momento actual, usando «vários sistemas».

As intenções confessadas dos barões da grande indústria, as teorias «iluminadas» de certos «analistas» partidários da «mudança do sistema» (isto é, jurados inimigos do ordenamento económico e político saído da Revolução de Abril) e a prática política do Governo minoritário de direita Cavaco Silva/PSD, constituem um todo e só por lamentável cegueira política ou cumplicidade consciente de certos democratas se pode enterrar a cabeça na areia como a avestruz e não ver a realidade dos perigos e ameaças que envolvem a situação política actual e o próprio regime democrático.

Desgraçadamente para os barões fascistas da grande indústria, para os iluminados analistas da extrema-direita fascizante e para o seu Governo minoritário de direita Cavaco/PSD a «reação social» contra a destruição das conquistas de Abril existe.

A resistência popular contra os que intentam restabelecer o poder dos monopólios cresce, amplia-se, ganha novo vigor e combatividade, arranca significativas vitórias parciais. Um importante movimento grevista em formas diversas se desenvolve em vários sectores de actividade.

A luta tenaz, corajosa e unida dos trabalhadores do sector dos transportes; a dos operários cimenteiros, vidreiros, metalúrgicos, têxteis, mineiros e outros; a dos pescadores do arrasto costeiro; a dura e difícil luta que por todo o País se desenvolve contra o desemprego, os salários em atraso, os tectos salariais injustos, contra o aumento do custo de vida, pela elevação do poder de compra, dos salários, pensões, reformas e vencimentos, pelo direito ao trabalho, as dos médicos do internato geral dos trabalhadores da Função Pública, dos bancários, dos pequenos e médios agricultores e outros, são uma firme garantia de que esta nova fase da guerra social movida contra os trabalhadores se saldará pela derrota dos seus autores.

Também as importantes derrotas sofridas pelo Governo em sede parlamentar na última sessão legislativa e a decisão do Tribunal Constitucional sobre a tentativa de reprivatização da SOCARMAR mostram que o funcionamento normal das instituições democráticas constitui por sua vez um sério entrave à política antidemocrática do Governo minoritário de direita.

Cavaco Silva, o arrogante chefe do Governo e do PSD que julga ter a ciência política na algibeira, tem cometido crassos erros de cálculo e assumido um

comportamento para com a oposição democrática impróprio do Primeiro-Ministro de um Governo minoritário.

As seis grandes derrotas estratégicas que sofreu desde a conquista da chefia do PSD no conclave da Figueira da Foz ilustram monumentais falhanços das suas previsões tecnocráticas e da sua sabaença política.

A questão mais grave é que tem conduzido a política do País para situações sem saída, para pontos de rotura que ameaçam o regime democrático para situações de confronto que põem em risco a continuação do Portugal de Abril.

As quatro grandes lições da experiência foram amplamente verificadas nestes oito meses de Governo Cavaco/PSD.

A política de direita não resolve antes agrava os problemas nacionais. É a primeira e a mais concludente lição deste curto consulado cavaquista.

Possibilidades excepcionais existem para alterar o rumo da política nacional e para vencer a crise.

O regresso de férias e a próxima reabertura da actividade parlamentar vão exigir uma indispensável clarificação política sobre questões essenciais.

Em primeiro lugar a do Governo actual.

É notório que aumenta o descrédito do Governo Cavaco/PSD. A imagem do «governo forte», cada vez mais «querido» do povo, fabricada pelo «marketing» da direita governante, é falsa, já não tem força bastante para ludir o simples espectador desprevenido que vê a sua vida andar para trás e muito menos os democratas minimamente informados.

Em segundo lugar, e com exigência particular, a da alternativa a este Governo e à sua política.

As concepções abertas ou disfarçadas de hegemonização e exclusividade governativas de um só partido, implícitas na chamada «alternância» — na prática uma expressão velada da «bipolarização» — é uma utopia que as lições da experiência têm delatado por terra.

A oposição democrática maioritária, que se tem afirmado no plano numérico em importantes problemas políticos a nível parlamentar, pode e deve partir das suas concepções ideológicas diferentes e das suas diferentes opiniões sobre a problemática nacional para um diálogo que aproxime divergências e uma convergência política realista, despida de preconceitos.

Há naturalmente uma esquerda e uma direita. Esta detém minoritariamente o Governo. Mas a alternativa democrática tem contornos mais vastos, deve ser resultante de um debate conciso entre as forças democráticas maioritárias e da sua convergência sobre pontos mínimos comuns de acção.

Para este diálogo, esta convergência, esta alternativa, o PCP — força insubstituível na defesa e na edificação do Estado democrático — não se deixará nem poderá ser marginalizado.

A alternativa democrática é uma exigência que a situação nacional coloca na ordem do dia.

Resumo

20
Quarta-feira



Dirigentes e activistas do Sindicato dos Médicos da Zona Sul cumprem uma vigília junto à residência oficial do Primeiro-Ministro, solicitando-lhe uma audiência «com vista a ultrapassar o grave conflito com o Ministério da Saúde». O ministro dos Negócios Estrangeiros português, Pires de Miranda, encontra-se em Brasília, com o seu homólogo brasileiro, revelando o reaccionarismo das posições do Governo de Portugal no tocante à situação internacional, relativamente às posições mais progressistas do Brasil. A Federação Nacional dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços repudia o projecto de decreto-lei do Governo sobre o regime jurídico das relações colectivas de trabalho. O embaixador da União Soviética na ONU afirma que o seu país aceita a proposta do Grupo dos Seis sobre a fiscalização da suspensão dos ensaios nucleares se o mesmo fizerem os EUA. Greve geral na Grécia, durante quatro horas, para protestar contra a subida das tarifas dos transportes públicos.

21
Quinta-feira



Morre em Lisboa o poeta Alexandre O'Neill

O Tribunal Constitucional considera inconstitucional o projecto de decreto-lei do Governo que pretende transformar a empresa pública Socarmar, em sociedade anónima de responsabilidade limitada (SARL). Os trabalhadores da RN cumprem mais um dia de greve em virtude das negociações salariais continuarem bloqueadas. Os trabalhadores da Companhia Nacional de Petrolílica começam a receber cartas de despedimento definitivo e, em plenário, decidem «apresentar à Organização Internacional do Trabalho queixas das ilegalidades cometidas pelo Governo contra a empresa». Segundo as organizações sul-africanas de defesa dos direitos civis, um terço dos cerca de doze mil presos desde a instauração do estado de emergência naquele país são crianças e adolescentes. O «New York Times», na sua edição de hoje, afirma que militares norte-americanos treinaram terroristas anti-sandinistas da Nicarágua. Um estudo elaborado pela OIT e hoje divulgado conclui que a informática pode prejudicar a capacidade de negociação dos trabalhadores e limitar o direito à greve.

22
Sexta-feira

Uma delegação dos trabalhadores da Companhia Nacional de Petroquímica exige, junto da RTP, um debate público sobre as repercussões da extinção daquela empresa pública. Os trabalhadores da Rodoviária Nacional cumprem mais um dia de greve na sua já longa luta contra a intransigência governamental na negociação dos aumentos salariais. O ministro dos Negócios Estrangeiros português manifesta-se publicamente contra uma proposta do governo brasileiro de desnuclearização do Atlântico Sul. Dezenas de pais, mães, irmãos e laicos são presos pela polícia chilena quando protestavam contra a imolação de uma jovem por uma patrulha do exército de Pinochet. Os EUA anunciam um conjunto de medidas tendentes ao reforço do embargo económico contra Cuba. José Eduardo dos Santos afirma em Luanda que o apartheid na África do Sul é um perigo para todos o continente africano.



Debate público sobre a extinção da CNP: exigência dos trabalhadores

bre as repercussões da extinção daquela empresa pública. Os trabalhadores da Rodoviária Nacional cumprem mais um dia de greve na sua já longa luta contra a intransigência governamental na negociação dos aumentos salariais. O ministro dos Negócios Estrangeiros português manifesta-se publicamente contra uma proposta do governo brasileiro de desnuclearização do Atlântico Sul. Dezenas de pais, mães, irmãos e laicos são presos pela polícia chilena quando protestavam contra a imolação de uma jovem por uma patrulha do exército de Pinochet. Os EUA anunciam um conjunto de medidas tendentes ao reforço do embargo económico contra Cuba. José Eduardo dos Santos afirma em Luanda que o apartheid na África do Sul é um perigo para todos o continente africano.

23
Sábado



suspensão dos ensaios

Um filho de dois portugueses que morreram durante o sequestro imposto pela Renamo responsabiliza o Governo português pela situação que apresentará queixa contra os representantes em Lisboa da organização dos bandidos armados junto da Procuradoria-Geral da República. O secretário de Estado do Orçamento apresenta à Frente Comum dos Sindicatos da Função Pública uma contraproposta de aumentos salariais de 10,5 por cento, mas oferece aos amarelos da UGT (Federação dos Sindicatos da Administração Pública) um aumento para 1987 de 11 por cento. Gorbachov formaliza a aceitação pela URSS da ideia de uma reunião de peritos dos EUA, da URSS e do Grupo dos Seis países para a Paz e o desarmamento para discutir as formas de suspensão dos ensaios nucleares. A Cimeira de chefes de Estado da Linha da Frente e a Conferência Coordenadora para o Desenvolvimento da África Austral (SADCC) pronunciam-se em Luanda pela imposição de sanções económicas contra a África do Sul.

24
Domingo

Interesses económicos e a convivência e ineficácia do Governo são os responsáveis pela calamidade dos incêndios nas nossas florestas, conclui o debate, organizado em Arganil, pela Comissão Distri-

tal de Coimbra do PCP sobre a matéria. Em comunicado, o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Fabricação e Transformação de Papel, e Gráfica e Imprensa do Sul e Ilhas denuncia o facto de o Ministério do Trabalho estar a congelar, há mais de dois meses, o contrato colectivo de trabalho vertical do sector. Os trabalhadores das instituições privadas de segurança social recebem vencimentos de 1985, inferiores ao salário mínimo nacional, denuncia o Sindicato dos Trabalhadores da Saúde e Segurança Social. O ditador do Paquistão Zia Ul Haq ameaça de pena de morte a dirigente oposicionista Benazir Bhutto. Manifestação de milhares de japoneses contra a presença no porto de Sasebo do cruzador norte-americano «New Jersey» equipado com cargas nucleares. Tropas do Egipto e EUA efectuam manobras militares ao largo da Líbia. Prosseguem em Mogadíscio, as conversações entre a Somália e a Etiópia com vista à normalização das relações entre os dois países.

25
Segunda-feira

O primeiro encontro distrital dos Conselhos Directivos dos Baldios, realizado na Casa do Povo de Rio Caldo, Terras do Bouro, considera que os projectos de alteração à Lei dos Baldios pendentes na AR não servem os interesses dos povos serranos. A FESTRU acusa o Governo e o respectivo CG de manter a situação de conflito na RN e anuncia nova paralisação para quinta-feira. Existem seis marcas de bagacículas com leões «inacessíveis de metanol e butanol revela o Instituto de Defesa do Consumidor. Nos Camarões morrerem cerca de duas mil pessoas em consequência da emanção de gás vulcânico no lago Nyos. O ministro dos Negócios Estrangeiros holandês afirma que o seu país irá insistir junto dos EUA para que chegue a acordo com a URSS sobre o fim dos ensaios nucleares.

26
Terça-feira

Segundo alguns matutinos, o Conselho de Gerência da UTIC prepara-se para despedir cerca de 600 trabalhadores. Quase nove mil médicos vão paralisar no próximo dia 14 de Setembro na que é a maior e mais generalizada e prolongada luta dos médicos, segundo afirma o presidente do Sindicato dos Médicos da Zona Sul. Cerca de duas centenas de mineiros manifestam-se em Lisboa pelo desenvolvimento do sector e contra o plano de despedimento de três a quatro mil trabalhadores. Segundo a União dos Sindicatos de Setúbal mais de quatrocentas pessoas engrasam todos os meses as fileiras de desempregados no distrito. Rosa Moia vence a maratona feminina nos Campeonatos da Europa de Atletismo. Na capital do Zimbábue prepara-se a Cimeira do Movimento dos Não-Alinhados e nesse quadro discute-se a exigência junto da ONU de imposição de sanções à África do Sul. No mês de Julho duzentas mil pessoas entraram para as listas de desempregados nos países da CEE, aumentando para 15,7 milhões o número de pessoas sem trabalho naqueles países. Reagan não encara favoravelmente uma cimeira com os Estados da Linha da Frente proposta por estes para analisar a situação na África Austral.

Semana /

Avante!

Ano 56 - Série VII

N.º 661

28 de Agosto de 1986

2.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

POR QUE LUTAM OS MÉDICOS?

Na sequência do conflito que opõe a ministra da Saúde aos médicos policlínicos, está em curso desde a passada segunda-feira e até ao próximo dia três de Setembro, uma greve administrativa nas urgências das unidades hospitalares da Zona Sul, desta feita extensiva a todos os estratos médicos. Registando uma elevada adesão, esta forma de luta surge como resposta à orientação imprimida pela ministra Leonor Beza ao seu Ministério, orientação que tem sido pautada por um ataque cerrado aos médicos, e que está na origem de um generalizado descontentamento, tanto na população como nos médicos, pondo em risco importantes conquistas deste grupo profissional e tornando ainda mais insuficientes os cuidados de saúde prestados aos utentes.

Arrastando-se há mais de onze meses, este conflito tem na sua origem o direito ao emprego médico, direito este cujas premissas assentam no facto de, desde há dez anos, existir um «numerus clausus» muito restrito, a par da necessidade de cumprir o Serviço Nacional de Saúde, objectivo que não dispensa a totalidade dos médicos por forma a cumprir o preceito constitucionalmente estabelecido do «direito à saúde da população». Dando mostras de uma grande unidade e de uma forte disposição de luta, os médicos da Zona Sul encontram-se assim firmemente empenhados em não se deixar converter em «bodes expiatórios» de uma política de saúde que tem primado pela desorganização estrutural e pela carência de serviços, quer hospitalares quer de cuidados primários.



Proletários de todos os países: UNI-VOS!

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O Militante 



Um Agosto quente

A ideia que é costume ter deste mês de Agosto que ora acaba — a de um mês de Agosto qualquer — é aquela que os meios de comunicação, sempre ou quase sempre ao serviço da ideologia dominante, divulgam. A de um mês pasmado, como se uma grande preguiça atingisse toda a gente e, de repente, homens, mulheres e crianças, libertos de preocupações e de trabalhos, se estendessem ao sol como lagartos. Só a aproveitar o calor como quem carrega baterias.

Essa ideia, tão falsa como aquela que nos diz que toda a gente entra às nove e sai às cinco — o locutor a avisar de que o escritório nos espera, imaginando ser este um país de escritórios —, essa ideia terá feito caminho na ideia da grande maioria?

Será de nos interrogarmos se os operários se convencerão de que os espera uma secretária em vez da fuligem da oficina ou daqueles apetrechos de quem, usando embora a inteligência, trabalha à mão; se os trabalhadores agrícolas e os camponeses que Agosto fora se curvam sobre a terra ou sobre as máquinas que a trabalham, se convencerão de que se inclinam apenas sobre a areia de uma praia, ao sol ameno.

Mas não. Os trabalhadores que trabalham e aqueles que o não fazem porque a política do Governo os atingiu com o desemprego, não se deixam levar na conversa. E apenas ficam com mais nítida consciência de que os meios de comunicação, de um modo geral, falam de um mundo irreal que lhes não toca ou que ao lado lhes passa.

Agosto, mês de férias para alguns; é de trabalho para muitos. E de luta.

O mês que agora termina foi exemplar.

É que a tal comunicação social não conseguiu esquecer ou apagar a realidade, tal ela se mostrou forte e pesada, arredando para longe o manto fantasioso de um lazer que parecia ser o que de mais importante se poderia passar em Agosto.

No mundo do trabalho, em Agosto, a luta continuou. Irrompeu pelo Verão dentro, acendeu-se mais alto. E não era um fogo de Verão.

Milhares e milhares de trabalhadores, talvez contra as expectativas daqueles que de Agosto apenas esperam férias e concursos na areia, levaram em frente as suas reivindicações. Pelo emprego, por salários, por contratos colectivos, contra encerramentos e destruições. E também por uma saúde melhor, por reestruturações e desenvolvimento de sectores.

E não foram apenas trabalhadores operários ou assalariados de serviços. O leque das camadas populares que intervieram na luta alargou-se e mostrou que é cada vez mais reduzido o suporte social em que este Governo assenta.

Os médicos, na sua «maior e mais generalizada e prolongada luta», prosseguem as suas reivindicações pelo emprego médico que se encontra ameaçado pelo Governo, ao mesmo tempo que afirmam e demonstram que a sua movimentação é objectivamente por uma saúde melhor para os portugueses.

Trabalhadores dos transportes têm realizado paralisações, concentrações e greves. Os da Rodoviária por aumentos salariais mais do que justos. Os dos transportes colectivos do Porto — STCP — também por melhores salários e por uma equiparação aos níveis praticados na Carris, em Lisboa (não deixam os trabalhadores portugueses de vincar o facto de que os conselhos de gestão de ambas as empresas se equiparam em vencimentos...).

Os pescadores do arrasto lutam pela revisão do seu contrato colectivo.

Os mineiros lutam contra o encerramento das minas, pela reestruturação e desenvolvimento do sector.

Referimos apenas as mais importantes lutas que se têm desenvolvido em Agosto e que prometem um Setembro mais quente ainda.

Enquanto Agosto finda, deitarão os governantes as contas à vida e às férias?

Se Cavaco Silva, o primeiro responsável, passeou lá por fora, não é certo que tenha tido verdadeiro descanso. Nem a ministra Beleza. Nem Mira Amaral, Nem os outros todos. Se descanso tiveram não foram os trabalhadores que lho deram.

A nível político não foram os comunistas a permitir que os governantes respirassem satisfeitos sobre a sua obra destruidora.

Agosto finda. Novas lutas virão.

Nacional

Médicos empenhados na luta contra a intransigência

● Elevada adesão à greve administrativa

Com uma greve administrativa a decorrer e com uma nova paralisação, desta feita geral, marcada para o próximo dia 4 de Setembro, os médicos policlínicos — numa grande afirmação de unidade e organização — encontram-se empenhados numa luta contra a intransigência da ministra da Saúde, pela defesa do emprego médico e de outras importantes conquistas.

No próprio dia (terça-feira última) em que o Sindicato promoveu uma conferência de imprensa destinada a informar das razões que opõem este grupo profissional a Leonor Beleza e dos desenvolvimentos da sua luta, o «Avante!» entrevistou dois dirigentes sindicais, Carlos Silva Santos e Mário Jorge, respectivamente presidente e vice-presidente do Sindicato dos Médicos da Zona Sul.

É o registo dessa oportuna conversa que aqui deixamos, ao cuidado do leitor.

mento de vários grupos parlamentares, conseguiu-se que o decreto fosse chamado à ratificação na Assembleia da República, ratificação essa que foi recusada com os votos de todos os partidos representados, à excepção do PSD, situação que desde logo evidenciou o isolamento do Governo.

Av. — E como reagiu Leonor Beleza?

M.J. — Com ameaças chantagistas — que aliás já haviam começado anteriormente quando afirmou que se fosse chumbado o seu decreto não poderia garantir o emprego aos jovens mé-

Respeitar as vagas

Av. — Mas parece haver também um problema de vagas?

C.S.S. — Sim. O número de vagas previsto para estes dois cursos é manifestamente inferior ao número de candidatos já que lhes atribui as vagas que estavam destinadas apenas para um.

Av. — Há quem afirme, todavia, que as vossas reivindicações são irrealistas e que não se podem inventar vagas se elas não existem.

C.S.S. — Isso é falso. A questão que os médicos colocam —

Emprego em causa

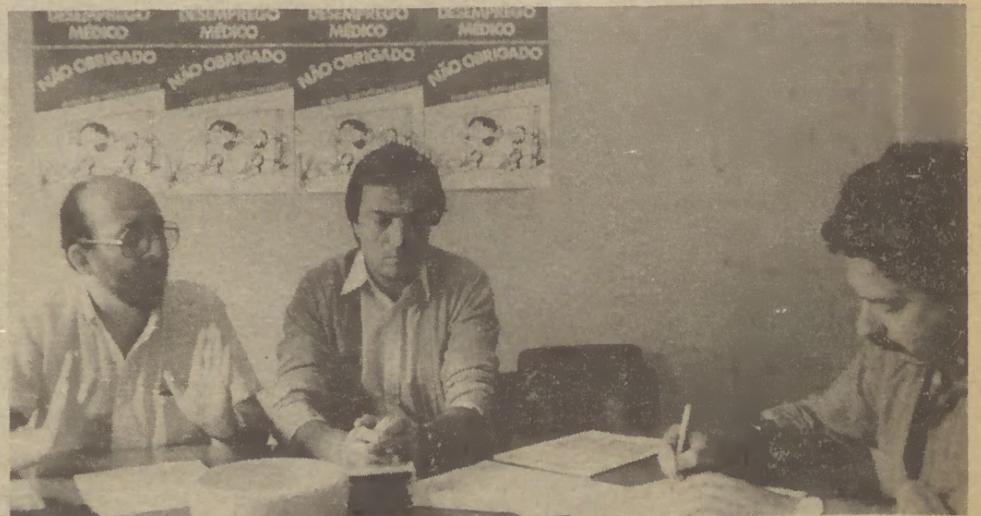
«Avante!» — O conflito, ao que parece, não é de agora e nesta fase já se arrasta há vários meses. Como é que tudo começou?

Carlos Silva Santos — Sim. Já em anteriores ministérios se vinha a pôr o problema do emprego médico, concretamente no governo da «AD», com o doutor Paulo Mendo e com o então ministro Gonelha, no governo PS/PSD.

Ora, acontece que a ministra Leonor Beleza retoma parte desses projectos e a primeira grande batalha pelo direito ao emprego dá-se em Janeiro deste ano e termina com a primeira grande derrota do Governo na Assembleia da República.

Av. — O que é que se passou concretamente?

C.S.S. — Tudo começa com a pretensão da ministra da Saúde de introduzir alterações pontuais ao decreto das carreiras médicas nas questões que têm a ver com a política de emprego médico. Pretendia Leonor Beleza desvincular os médicos policlínicos da Função Pública passando a pa-



Silva Santos e Mário Jorge em entrevista ao «Avante!»

gar-lhes um subsídio mensal sim bólico, retirando ainda aos internos da especialidade a garantia de progressão nas carreiras médicas.

Av. — Face a essa situação iniciam-se as movimentações do sindicato?

Mário Jorge — E com êxito. Com efeito, por proposta do nosso sindicato e com o empenha-

mentos — a que se seguiu uma atitude revanchista que culminou com a decisão de marcar simultaneamente o concurso de acesso aos internatos complementares e das Carreiras de Clínica Geral para dois cursos de médicos policlínicos, quando um destes cursos ainda não está em condições de concorrer dado que não terminou o seu Internato Geral.

ao contrário de algumas ideias que atribuem reivindicações irrealistas aos médicos — não é exigir a invenção de vagas para garantir emprego para todos mas sim a de respeitar as vagas pedidas pelos diversos serviços hospitalares e consideradas por estes como as mínimas indispensáveis para o seu funcionamento. Recorde-se que as vagas pedidas (cerca de 1700) constituem mais do dobro das que o Ministério pretende abrir.

Av. — Uma diminuição dessas vagas certamente que terá reflexos nos serviços prestados pelas unidades hospitalares?

M.J. — Mais do que isso. A nosso ver, o que está em causa hoje não é um conflito entre um grupo de médicos policlínicos e a ministra Leonor Beleza. O que está em causa é a saúde dos portugueses, o que está em causa é a dignidade profissional e o direito ao emprego e às carreiras profissionais dos médicos. Estas as razões da actual movimentação, a maior, a mais generalizada e prolongada luta de sempre dos médicos.



«O que está em causa é a saúde dos portugueses, o que está em causa é a dignidade profissional e o direito ao emprego»

Conflito empolado

Av. — Vocês têm referido sempre a titular da pasta da saúde mas parece que um conflito desta natureza, a ar-

Nacional

Trabalhadores



«A luta vai continuar, mais forte e generalizada, com significativo apoio dos médicos»



rastar-se há tanto tempo e a atingir tais dimensões, deveria merecer uma palavra do Governo?

C.S.S. — Sem dúvida. Aliás, em nosso entender, a ministra Leonor Beza foi ultrapassada pelos seus próprios erros e prática governativa. Neste momento, consideramos que cabe ao Governo e ao Primeiro-Ministro a responsabilidade de ultrapassar a actual situação de conflito — nesse sentido, saliente-se, solicitámos a 13 de Agosto uma audiência a Cavaco Silva — um conflito que, a nosso ver, está a ser artificialmente empoado pela senhora ministra da Saúde.

Av. — À primeira vista, esta ausência de diálogo e esta política de confrontação poderá parecer uma atitude pouco hábil e mesmo insensata por parte do Governo. Como interpretam tal conduta?

C.S.S. — Este confronto aberto e o empoamento que a ministra

tem dado ao assunto só se pode explicar por intuítos que se prendem com a degradação e destruição dos Serviços de Saúde (Serviço Nacional), objectivos que caminham a par da tentativa de promover serviços privados nas áreas mais rentáveis da Saúde e, provavelmente, lançar depois um sistema de segurança da doença, o qual na prática conduzirá à conhecida situação de «quem quer saúde paga-a».

Av. — Ao que parece nesta luta os policlinicos não têm estado sós. As posições de Leonor Beza têm suscitado o desagrado e a contestação da maior parte dos estratos médicos.

M.J. — Sim. Verifica-se inclusive que os responsáveis máximos pelo internato médico discordam da opinião da senhora ministra e opõem-se à realização conjunta do referido concurso para os dois cursos de policlinicos.

Nesta altura, pode-se dizer, todos os estratos médicos, desde policlinicos a chefes de serviço, passando por assistentes hospitalares, médicos da Carreira de Saúde Pública e Clínica Geral, todos eles, têm motivos concretos para estarem descontentes e razões para se oporem à ministra Leonor Beza.

Cresce descontentamento

Av. — Tudo indica que as populações e os utentes também têm razões, e razões sérias, para não estar satisfeitos com este estado de coisas.

C.S.S. — Claro que sim. Se os médicos estão descontentes e se se organizam para defenderem os seus interesses não é menos verdade que os utentes — os principais prejudicados pela actual organização e funcio-

namento dos serviços — comecem a manifestar também o seu descontentamento na medida em que os serviços (por falta de médicos e de condições de trabalho) não estão a oferecer os cuidados necessários em condições minimamente satisfatórias, quer em qualidade quer em quantidade.

Av. — É possível exemplificar?

M.J. — Basta lembrar o tempo de espera prolongado para uma consulta ou para uma intervenção cirúrgica, os obstáculos administrativos para se ter acesso a certos cuidados de saúde, para já não falar das taxas moderadoras ou do aumento dos custos dos medicamentos. A deslocação a uma qualquer unidade hospitalar ou Centro de Saúde facilmente comprova esta minha afirmação.

Av. — Estamos, pois, em presença de uma luta para continuar?

C.S.S. — Sim, a luta vai continuar, mais forte e generalizada, com significativo apoio dos médicos. É inserida nessa luta que decorre, desde a passada segunda-feira e até ao próximo dia 3 de Setembro, uma greve administrativa às urgências (bancos dos hospitais e Serviços de Atendimento Permanente), forma de luta que está a registar adesões na ordem dos cem por cento, a que se seguirá uma greve geral, de 24 horas, de todos os médicos, no próximo dia 4 de Setembro, no decorrer da qual apenas serão garantidos os cuidados de urgência indispensáveis.

O Sindicato já constituiu, entretanto, um grupo de trabalho para proceder à recolha e tratamento das situações mais graves, para posterior denúncia e para a elaboração de um «livro negro da Saúde».

JC

Trabalhadores respondem à demagogia de Cavaco

Ao contrário da pretendida imagem de bem-estar, paz social e recuperação económica que uma poderosa máquina de propaganda ao serviço do Governo procura esforçadamente levar à opinião pública, a verdade é que a vida dos portugueses (particularmente dos trabalhadores e das classes e camadas menos favorecidas) não apresenta indícios de quaisquer melhorias, pese embora a conjuntura francamente favorável que o Executivo liderado por Cavaco Silva tem vindo a encontrar no exercício do seu mandato.

Desmentindo promessas demagógicas e opiniões manipuladoras que o apontavam como empenhado na resolução dos problemas nacionais, como um exemplo de competência e eficácia, este Governo ainda não conseguiu, afinal, mais do que apresentar-se como um fiel continuador de uma política já gasta e repudiada, um acérrimo executor de um projecto adverso à realidade de Abril, apostado exclusivamente em servir os interesses e a gula do grande capital nacional e estrangeiro.

Com efeito, apesar dos seus exercícios no sentido de confundir a opinião pública e da tão propalada «paz social», a realidade é mais forte e evidencia que o Governo orienta a sua acção para o desmantelamento do

sector público, para a liquidação da Reforma Agrária e para o confronto com os trabalhadores, ao mesmo tempo que faz orelhas moucas às aspirações dos reformados, dos jovens, dos desempregados e outros sectores da população.

Como pode o Governo falar de «paz social» quando procura por todos os meios impedir uma contratação justa que permita recuperar o degradado poder de compra dos trabalhadores — recordem-se, entre tantas outras, as lutas dos trabalhadores dos transportes, da Cimpor, do sector automóvel, dos armazéns de papel ou dos bancários — ou quando autoriza ou incentiva despedimentos colectivos e o encerramento e falência de empresas?

Como pode o Executivo de Cavaco Silva falar em direito ao trabalho quando existe flagrante violação desse direito inalienável, crescendo assustadoramente o número de desempregados — entre o 2.º trimestre de 1985 e o primeiro trimestre de 1986 o número de desempregados subiu de 468 mil (10,3 por cento) para 501 mil (11,1 por cento) —, quando os contratos a prazo deixaram de ter um carácter excepcional para passarem a ser uma modalidade instituída e praticamente exclusiva ou quando a repressão patronal e a precaridade

no emprego alastram, introduzindo em numerosas empresas, por exemplo, essa nova figura que é o aluguer de mão-de-obra?

Como se pode falar, com seriedade, em melhores condições de vida quando aumenta o número de trabalhadores com salários em atraso (entre Abril de 1985 e Abril de 1986, segundo um estudo da CGTP-IN efectuada em onze distritos, o número de empresas com salários em atraso passou de 684 abrangendo 92 857 trabalhadores para 784, com 96 110 trabalhadores), quando se aprovam leis como a do aumento das rendas de casa, se institui de novo o pagamento de taxas moderadoras nos serviços de saúde?

Quem acredita em política de desenvolvimento quando o encerramento de empresas não cessa de crescer elevando-se o seu número entre 1985 e o início do corrente ano a 295, empresas em que laboravam mais de 14 mil trabalhadores?

Razão têm, pois, os trabalhadores e suas organizações quando afirmam que apenas a sua luta e unidade tem impedido um agravamento acentuado deste estado de coisas e constituído uma barreira à ofensiva do Governo e do patronato contra a economia nacional, contra os seus interesses e direitos.



Mineiros em Lisboa, um dos sectores em foco na semana que termina

ALBERGARIA-A-VELHA

Agricultores à beira da ruína com os fundos da CEE

Todos os dias fala-se na CEE. Quando se diz (muito justamente) que a CEE representa para muitos agricultores a ruína completa, muitas pessoas não dão a devida importância a tal afirmação. Mas nada como os casos concretos para chamarem a atenção dos leitores para a verdade real e crua que se esconde por trás das afirmações demagógicas do Governo.

A União dos Agricultores do Concelho de Albergaria-a-Velha denuncia em comunicado a completa burla feita sobre os agricultores daquela região. Assim, aos da Beira Litoral foi-lhes dito que

apenas pagariam, de juros, 10 por cento. Contudo, verifica-se agora que têm que pagar até 25,5.

A União dos Agricultores de Albergaria, «alerta os agricultores do concelho para a falta de apoios que se tem verificado e manifesta-se contra a situação criada devido à percentagem de juros, levando assim centenas de agricultores à ruína.»

muitos agricultores de Albergaria-a-Velha que pediram empréstimos junto da Direcção Regional Mas os agricultores de Albergaria-a-Velha acabam de concluir vitoriosamente uma luta que

desenvolviam, desde há algum tempo, pela reabertura da Feira de Gado em Angela. Depois das delegações à Câmara e ao Governo Civil, dos abaixo assinados, das concentrações e reuniões, tudo isto ao longo de vários meses, os agricultores de Albergaria vão ter, finalmente, a sua Feira de Gado aberta.

A União dos Agricultores de Albergaria-a-Velha conclui, em face da vitória desta luta que «vale a pena continuarmos a lutar pelos nossos direitos e continuar a reivindicar apoios necessários para a lavoura do concelho».

Intensa movimentação social

Muito embora os respectivos ministros se desdobrem em afirmações demagógicas e provocatórias, ainda que a RTP silencie o que vai por esse país fora, a verdade é que a semana que agora termina fica marcada por uma intensa movimentação social, no quadro das lutas e processos reivindicativos em curso, processos que a intransigência das entidades patronais e do Governo teima em não desbloquear.

Paralisações, manifestações, concentrações, plenários e acções de esclarecimento junto das populações, são expressões de uma agitação desusada para a altura do ano que atravessamos, prova por de mais evidente do fracasso, a todos os níveis, da política do Governo Cavaco Silva.

Mineiros

Cumpriu-se na terça-feira, com uma manifestação no Rossio, em Lisboa, uma semana de luta dos trabalhadores mineiros, em luta pela «reabertura das minas ilegalmente encerradas, o pagamento dos salários em atraso, a defesa dos postos de trabalho e das regalias sociais dos trabalhadores,

e pela manutenção e desenvolvimento das explorações mineiras indispensáveis ao desenvolvimento regional e à economia do País.»

Ao mesmo tempo, ao longo desta semana têm-se realizado diversos plenários, nomeadamente em Pejão, nas minas da Panasqueira, em Arocelo, Montezinho e nas minas da Ribeira. A tónica dominante em todas estas reu-

niões, segundo a Federação dos Mineiros é o grande empenhamento e adesão à luta demonstrada pelos trabalhadores. Na Panasqueira, o plenário concluiu pela realização de acções de esclarecimento junto da população nas aldeias circunvizinhas e no mercado da Covilhã.

Foi entre outros com esse objectivo que uma delegação de trabalhadores se deslocou na terça-feira a Lisboa. Depois de uma manifestação junto da residência oficial do Primeiro-Ministro, os trabalhadores concentraram-se no Rossio e aí contactaram com a população esclarecendo-a das razões que assistem à sua justa luta.

O êxito desta jornada e a determinação demonstrada pelos trabalhadores deixa adivinhar que a luta irá prosseguir, contra os planos governamentais de encerramento temporário de minas com o



consequente desemprego dos cerca de três a quatro mil trabalhadores em frente às instalações do Ministério do Trabalho. Também entre os trabalhadores dos Transportes do Porto é grande a determinação e unidade em prosseguir com a luta pela igualdade de condições com os seus colegas de Lisboa.

RN e STCP

Noventa por cento foi a percentagem nacional de adesão à paralisação decretada pela FSTRU dos trabalhadores da Rodoviária Nacional, no quadro da luta que já leva dois meses, pela actualização das tabelas salariais. Antes, a FSTRU tinha dirigido uma carta a Cavaco Silva em que reafirmava a disponibilidade dos trabalhadores para suspender a greve caso fossem dadas instruções aos ministros do Trabalho e dos Transportes no sentido de se «verificar uma evolução na proposta da empresa».

Quer na Rodoviária Nacional, quer nos Serviços de Transportes Colectivos do Porto, as negociações têm-se saldado em fracasso, perante a intransigência, dos respectivos conselhos de gerência.

Entretanto, os respectivos sindicatos entregaram já pré-avisos de greve para os próximos dias que podem, a qualquer momento ser retirados se a evolução positiva das negociações assim o aconselhar. Na RN as paralisações decorrem hoje, das 3.30 h às 13 horas para os trabalhadores do sector de passageiros e mercadorias e das 14 h às 18 h para os restantes. Entretanto, a efectivação ou não desta greve depende do andamento da reunião entre o Conselho de Gerência e os sindicatos que decorreu ontem.

Por seu lado, os trabalhadores dos Serviços de Transportes Colectivos do Porto, perante o fracasso da reunião com o CG na passada terça-feira, cumpriram ontem de manhã uma paralisação e ameaçam repeti-la na sexta-feira. Hoje realiza-se a última reu-

nião da fase de conciliação e, ao mesmo tempo, um plenário de trabalhadores em frente às instalações do Ministério do Trabalho. Também entre os trabalhadores dos Transportes do Porto é grande a determinação e unidade em prosseguir com a luta pela igualdade de condições com os seus colegas de Lisboa.

Contra as declarações caluniosas dos membros do Governo e CG, deve referir-se que a reivindicação central dos trabalhadores, ou seja a igualdade de condições com os trabalhadores dos transportes de Lisboa, é já uma realidade para os membros do Conselho de Gerência pois que os seus salários são os mesmos que auferem os seus congéneres de Lisboa.

Arrasto Costeiro

Da segunda a sexta da passada semana os pescadores do sector do arrasto costeiro cumpriram uma greve, em luta pela revisão do seu contrato colectivo de trabalho, em vigor desde 1980. A paralisação cumprida na quase totalidade pelos trabalhadores teve como consequência imediata, a subida dos preços do pescado, logo na passada quarta-feira.

Entretanto, a Federação dos Pescadores anunciou já que poderá desencadear paralisações alternadas se, até ao dia 22 do próximo mês, a revisão da contratação colectiva não for desbloqueada.

Este conflito arrasta-se devido à intransigência da Associação dos Armadores de Pesca Industrial. Até ao momento já subscreveram o acordo que consagra as reivindicações dos pescadores cerca de três dezenas de empresas, mas aquela associação mantém-se irreductível na sua intransigência.

Os trabalhadores reivindicam o descanso semanal aos sábados e domingos, a manutenção da percentagem sobre o volume total de vendas e do número de tripulantes por embarcação, assim como o aumento dos salários fixos e dos subsídios.

SETUBAL

Uma coligação incapaz de resolver os verdadeiros problemas do concelho

A cidade à beira Sado plantada foi uma das poucas em que, nas últimas eleições autárquicas, a Aliança Povo Unido viu interrompido sob acção da coligação antidemocrática do PS com o PSD o importante trabalho ao serviço das populações que vinha desenvolvendo desde há anos. Mata Cáceres, do Partido Socialista, é hoje o presidente da Câmara Municipal de Setúbal e a APU detém, aí, quatro lugares, o PS dois, o PSD outros dois e o PRD um. Na Assembleia Municipal, em que mantém a presidência, a APU tem dezasseis lugares, a coligação PS/PSD quinze e o PRD quatro.

Será escusado, agora, repetir a história das ilegalidades e alterada vozeria que rodearam aquelas eleições. Em Setúbal, foi um nunca acabar de calúnias e falsidades sobre a gestão APU no concelho. Meses passados depois da euforia, as vozes são as mesmas, as falas são bem diferentes.

Numa reunião da Assembleia Municipal, em resposta a uma pergunta e depois de enumerar algumas das obras da gestão APU — os grandes investimentos na habitação e saneamento básico, a reconstrução do muro das praias do Sado que ameaçava ruir com risco para bens e famílias, suportando a forte sobrecarga financeira daí resultante e a construção da escola 1.º de Maio, nomeadamente — o actual presidente da Câmara PS/PSD teve que reconhecer o mérito do trabalho da APU, virado principalmente para a satisfação das necessidades imediatas mais sentidas pela população. Os votos já estavam assegurados, o tempo das falsidades (pelo menos as mais evidentes) tinha

passado e um pouco de sinceridade não fazia (agora) mal.

Oito meses passados sobre as eleições autárquicas é justo perguntar qual o trabalho da coligação na presidência da Câmara de Setúbal. Dir-se-á que é pouco tempo. É verdade, mas oito meses já é tempo que baste para averiguar do andamento de algumas obras consideradas prementes para a população, assim como analisar as prioridades dadas ao trabalho.

Deve dizer-se, antes de mais, que na CMS, os vereadores da APU detêm os pelouros do Tránsito, Transportes e Comunicações; Energia, Segurança dos Cidadãos; Saúde, Sanidade Pecuária, Actividades Económicas; Cemitérios e Ecologia. É ainda da responsabilidade da APU a representação junto da RN, na Junta Autónoma do Porto de Setúbal e no CRSS.

Não existe, da Aliança Povo Unido, nenhum vereador a tempo inteiro, embora esteja vago um lugar para vereador a tempo inteiro, o que, num concelho com a grandeza e os problemas do



MADEIRA

Ilegalidades e demagogia na freguesia de Santa Cruz

O vogal da APU na Assembleia de Freguesia de Santa Cruz na Região Autónoma da Madeira, não é convocado para as sessões do órgão a que pertence por vontade expressa nas últimas eleições pelos cidadãos da freguesia, informa o Boletim da APU para a freguesia. Para a última sessão da Assembleia de Freguesia, realizada no passado mês de Junho, conforme determina a Lei das Autarquias Locais, o vogal da Aliança Povo

Unido recebeu a convocatória já a reunião se tinha efectuado.

Mas não ficam por aqui as ilegalidades na Junta de Freguesia de Santa Cruz. «É voz corrente na freguesia a maneira fácil e sem controlo como são desviados carros de areia, brita e cimento para fazer obras em be-

nefício de amigos e familiares», afirma-se no Boletim Informativo de Agosto da APU. Tudo isto, naturalmente, nas costas da população e da Assembleia de Freguesia «onde estas coisas não são discutidas sequer».

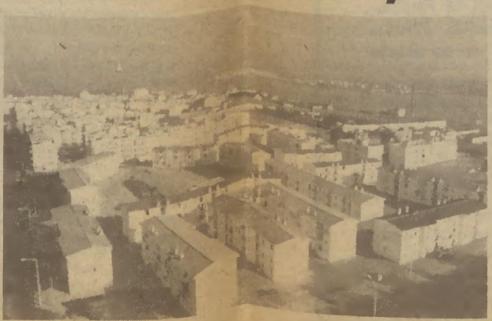
Por outro lado a Junta de Freguesia tem-se multiplicado ulti-

mamente em ofertas de materiais diversos a famílias mais carenciadas. A APU sublinha que «não é contra a ajuda que se deve dar às pessoas mais necessitadas», mas não pode tolerar que, «a troco de algumas migalhas dadas aos mais necessitados, se escondam grandes aju-

das e recursos aqueles que não precisam», ao mesmo tempo que se ilude a verdadeira responsabilidade pela situação aflitiva em que essas famílias vivem, ou seja, a política do PSD, os mesmos homens que cometem as ilegalidades na Junta de Freguesia de Santa Cruz.

Vila Real de St.º António

O Verão vai bem, a Câmara nem por isso...



Pelas bandas de Vila Real de Santo António, não obstante o sol e o mar limpo e claro, a Câmara Municipal gerida pela coligação PS/PSD parece não navegar em boas águas.

Em primeiro lugar, os vereadores da coligação PS/PSD derrotaram uma proposta da APU que apontava para a canalização de verbas para o arranque da segunda fase da construção do mercado municipal, obra tão ansiada pela população do concelho e que vinha da gestão camarária anterior, da responsabilidade da APU.

Depois, num golpe de teatro,

a referida coligação decide tomar a seu cargo a construção de 126 fogos, sem ter sequer cuidado do provimento da verba necessária para esse efeito.

O concurso público, aberto no passado dia 20, tem uma base de licitação de 235 mil contos e a Câmara só dispõe, no respectivo orçamento de 135 mil. A parte restante poderia ser coberta por um pedido de financiamento ao Instituto Nacional de Habitação, mas a Câmara Municipal não deliberou sobre a contracção de qualquer empréstimo àquela entidade.

Enquanto isto, avolumam-se as dúvidas quanto à posse do terreno de construção pela própria Câmara. Com efeito, a adjudicação da execução dos projectos foi feita em reunião de Câmara de 5 de Agosto. Em apenas 10 dias, a firma executou os projectos, bem como os correspondentes estudos de implantação.

Uma proposta alternativa da APU que visava o apoio às cooperativas de habitação económica e que, ao mesmo tempo, levantava dúvidas sobre todo este processo, foi recusada.

de Setúbal, é algo de incompreensível.

De salientar ainda que o afã centralizador desta coligação do «bota-abaixo», tem deixado à margem dos problemas os verdadeiros responsáveis pelas diversas áreas de trabalho.

Aquilo que se segue são apenas alguns exemplos de como vai o trabalho da gestão PS/PSD em Setúbal, quais as direcções e resultados do seu trabalho.

Comprometido o abastecimento

Para quem percorra as ruas da cidade, a Câmara nem estará a trabalhar muito mal. Uma operação geral de pinturas em zonas de grande movimento será a face visível de uma gestão que, na realidade, não tem em conta as necessidades urgentes das populações.

Em 1985 foi notória a melhoria no abastecimento de água às zonas mais carenciadas da cidade em particular, Viso, Reboreda, Azeitão, Faralhão e Bairro do Liceu.

Na continuação desse trabalho, o Plano de Actividades para 1986 aprovado durante a anterior vereação, incluía a execução de 37 acções, entre as quais a abertura e equipamento de novos furos, a construção de condutas e reservatórios, de forma a eliminar, de vez, as deficiências no abastecimento de água ao concelho.

Destas acções, é de salientar a construção do reservatório da Bela Vista, o novo furo de captação de Santas, a nova conduta adutora na zona do Bairro do Liceu, Amoreiras e Urbisado, a construção da nova conduta adutora entre Bassaqueira e S. Domingos e entre esta e a Aldeia de Irmãos, o equipamento do novo furo para as zonas altas de Vila Fresca, Vendas e Vila Nogueira de Azeitão, o novo furo no Faralhão e o equipamento do novo furo de Alqueruz que contribuirá para a existência de uma nova reserva hídrica para a cidade.

Pois bem, decorridos oito meses de gestão PS/PSD na Câmara de Setúbal, apenas quinze por cento das acções necessárias e previstas naquele plano foram executadas. Apressou-se a coligação em fazer alterações na direcção dos Serviços Municipalizados. Mas cuidar das obras prementes não é coisa que lhe interesse por aí além.

Enquanto isso, as populações do Alto da Guerra e do Poço Mouro estiveram sem água nos meses de Março e Abril e a própria cidade viu-se, por vezes, privada do precioso líquido, nestes meses de Junho e Julho. Aldeia Grande e Azeitão continuam a ser as freguesias mais afectadas.

Da «imagem» trata a coligação PS/PSD; as necessidades básicas da população ficam para depois.

Os interesses que a coligação PS/PSD defende

As preocupações de Mata Cáceres mais os restantes vereadores da coligação viram-se, antes, para a defesa de outros interes-

ses, para as «necessidades» de outras gentes. Por exemplo...

Em 10 de Julho, a CMS, a Secretaria de Estado do Ambiente e o Parque Natural da Arrábida publicavam um edital em que notificavam os proprietários dos clandestinos da Arrábida de que deveriam demolí-los no prazo de setenta dias. Tudo bem, dirá o leitor menos atento. Só que...

Em primeiro lugar o edital enferma de ilegalidade pois que não foi objecto de deliberação camarária. Depois há muito que diversas entidades se movimentam no sentido da construção de complexos turísticos e hoteleiros de luxo. E mais uma vez o contraste é flagrante.

Em 1985 foram diligências desenvolvidas pela anterior vereação iniciaram-se os processos de construção dos parques de campismo de Alhandre e do Aterro da Sevil e também da aquisição do terreno de Mil Regos destinados a um parque de campismo do Clube de Campismo de Setúbal. Sobre os primeiros, estão paradas, os segundos entraram no esquecimento.

Não está em causa a correcção da medida, antes os planos que por detrás dela se divizam. São afinal duas formas de ver o turismo, aquilo que está em jogo em relação a este, à primeira vista inofensivo, edital. O turismo de luxo, para privilegiados, dos grandes empreendimentos (hotéis, restaurantes, etc.) para turista ver e que acabam por degradar as próprias zonas naturais em causa (vide Algarve), por um lado. O turismo que se entende a si próprio como consequência dos valores intrínsecos naturais e culturais da região, colocando por isso, no primeiro plano das preocupações, um turismo voltado para o preenchimento dos mercedos tempos de lazer dos menos privilegiados economicamente. São interesses distintos.

Como em relação à prestação de apoio técnico: os anteriores executivos permutavam com outros municípios do distrito diversos equipamentos para obras, recolha de lixo, etc. Pois bem, a actual presidência escolheu outros auxílios, nomeadamente, a empresa Xavier de Lima, conhecida pelo desrespeito dos interesses públicos e pela prática de diversas ilegalidades. Desta colaboração resultam os trabalhos clandestinos na Quinta dos Arneiros e as movimentações de terras que desviaram a ribeira de Coia, entre outras ilegalidades e atentados ao bem-estar público.

É cedo para um balanço exaustivo da obra deste executivo camarário. Pensamos mesmo que daqui a mais algum tempo teremos pano para mangas, tal a ineficácia e ilegalidade com que a coligação PS/PSD pauta a sua acção. Mas pelo que acabamos de ver, Setúbal é que não vai nada bem.

Por parte da APU, são os princípios de sempre a conduzem a sua actividade: tudo fazer para melhorar a vida das populações do município, trabalhar com todos para atingir tais objectivos, criticar duramente todos os que os comprometam.

revista internacional problemas da paz e do socialismo

revista dos partidos comunistas e operários

8 (145) edições de Avante!

revista internacional problemas da paz e do socialismo

revista dos partidos comunistas e operários

AGOSTO 1986

Preço: 10300

ÁFRICA DO SUL

PCP

Comunistas da Mealhada

Amanhã, sexta-feira, a partir das 21 e 30 horas, realiza-se na Mealhada, no Centro de Trabalho do PCP uma reunião de Militantes em que participará o camarada Artur Vidal Pinto, membro suplente da Comissão Política do Comité Central do PCP.

Este encontro dos comunistas da Mealhada tem por objectivo discutir, para além de alguns aspectos da situação política, a Festa do «Avante!», as iniciativas do Partido na região e a vida autárquica.

A presença de todos os camaradas e de cada um em particular, é naturalmente importante para o bom andamento e sucesso desta reunião.

Incêndio no CT de Lamego

Na madrugada de domingo, pelas duas da manhã, deflagrou um violento incêndio no Centro de Trabalho de Lamego do Partido. O sinistro, cujas causas não estão, ainda, completamente apuradas, destruiu todo o Centro de Trabalho e atingiu parcialmente duas moradias contíguas e um estabelecimento comercial.

A população de Lamego tem acorrido ao local, demonstrando a sua solidariedade neste momento difícil, para a organização do Partido em Lamego.

Mas a vida não pára e o Partido muito menos. O trabalho continua, a Festa do «Avante!» está aí à porta, e a procura de instalações provisórias para o novo Centro de Trabalho já começou, prevendo-se que, em meados da próxima semana o problema seja solucionado.

Camaradas Falecidos

Pedro Cachochas

Militante do Partido desde 1975 faleceu o nosso camarada Pedro Justino Cachochas, de Escoural. Este camarada contava 51 anos e era membro da UCP Salvador Joaquim do Pomar

Olinda Almeida

Faleceu recentemente a camarada Olinda Almeida, reforma-

da, militante do Partido no Bombarral

José Rigor

Igualmente do Bombarral, faleceu o camarada José Rigor.

*

Aos familiares, amigos e companheiros dos comunistas desaparecidos, o colectivo do «Avante!» apresenta sentidas condolências.

DORP

Tudo piora na agricultura

A Direcção da Organização Regional do Porto do PCP analisou, em comunicado recente, as consequências para a agricultura e para os camponeses da política do Governo Cavaco PSD, nestes últimos nove meses e, nomeadamente, a situação criada com a entrada na CEE.

Neste particular, a DORP denuncia acordos firmados pelo Governo no âmbito da integração na CEE que obrigam Portugal «a importar aquilo que os agricultores portugueses produzem: vinho, legumes, cebolas, tomates, frutas, carnes, etc.».

Mas, para além desta importação obrigatória de produtos, os agricultores portugueses defron-

tam-se, ainda, com preços com os quais não podem concorrer, assim como normas de qualidade e níveis de produtividade que destroem milhares de pequenas e médias explorações.

Governo arruina os pequenos produtores

No comunicado afirma-se que, em nove meses, o Governo tudo piorou. E em sustento desta afirmação, a DORP avança exemplos concretos. Os aumentos nos factores de produção, adubos, pesticidas e rações, nomeadamente, as autorizações para a

importação de carne, ao mesmo tempo que se encerram os matadouros concelhios de Amarante, Lousada, Marco, Santo Tirso, Gondomar e Gaia e se tenta encerrar as feiras de gado mantendo as guias de circulação.

No capítulo da vitivinicultura é a imposição do pagamento de taxas para a legalização das vinhas, o arranque do produto directo, a proibição das castas tradicionais e a exigência de um grau alcoólico superior a 8,5 para o vinho verde e a ausência de medidas para o seu escoamento ao mesmo tempo que se permite a importação de 10 mil pipas, às quais se seguirão mais 24 mil.

Em relação ao leite, é o aumento do seu teor de gordura para 3,7 e a tentativa de acabar com a recolha organizada deste produto.

Finalmente, a proposta de lei de arrendamento rural que sintetiza, podemos dizer, o carácter de classe da política deste Governo no tocante à agricultura. Se for aprovado, terá como consequência o aumento de insegurança do agricultor e a retirada aos povos serranos da posse dos baldios.

Impõe-se, conclui o comunicado da DORP, bem ao invés desta política, a tomada de «medidas imediatas em defesa dos pequenos e médios agricultores.»

CM de Arganil manda arrancar cartazes da Festa do «Avante!»

● Protesto do PCP na Procuradoria da República

Que a Festa do «Avante!» é o maior acontecimento político cultural no Portugal de Abril é uma afirmação que, à força de ano após ano se confirmar, se tornou lugar comum. Que os senhores do Governo e da direita em geral, na medida em que nada têm de afinidade com esse Portugal, não morrem de amores pela Festa também não espanta ninguém. Agora que violem a legalidade conquistada com Abril e impeçam a livre propaganda de ideias e acontecimentos, esses

são comportamentos inadmissíveis e que merecem imediato repúdio.

Isso foi o que a Comissão Concelhia de Arganil do PCP fez, perante a atitude da Câmara Municipal de Arganil (PSD) que, no passado dia 8, ordenou a destruição por uma brigada de pessoal municipal de propaganda do PCP referente à Festa do «Avante!», bem como a relacionada com o desmascaramento das mentiras do Governo Cavaco/PSD.

Em comunicado, a Comissão Concelhia condena esta «atitude prepotente da Câmara Municipal e, nomeadamente, do seu presidente Prof. José Coimbra e do vereador a tempo inteiro sr. Luís Gomes» e considera-a um «grave atentado contra as liberdades democráticas conquistadas com a Revolução de Abril».

Ao mesmo tempo, reitera a sua «firme vontade em continuar a exercer um direito que todos os portugueses têm — a expressão livre do seu pensamento».

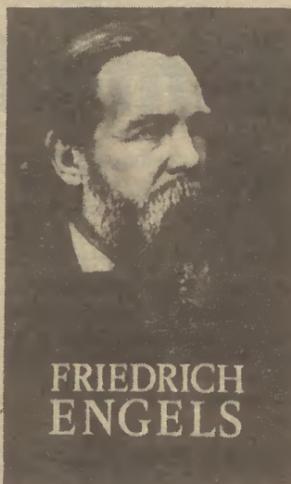
Em virtude do ocorrido, a Comissão Concelhia de Arganil do PCP vai entregar uma queixa contra a Câmara Municipal ao delegado do Procurador Geral da República.

No mesmo comunicado, a Comissão Concelhia «manifesta, novamente, a vontade de que o Inquérito Administrativo à Câmara Municipal de Arganil (em execução) seja realizado com seriedade e isenção, que seja tornado público e punidos os responsáveis por eventuais responsabilidades».

Francisco Miguel

Das Prisões à Liberdade

Na venerável galeria dos heróicos combatentes antifascistas portugueses e que durante décadas se opuseram ao regime opressor, é fácil encontrar dezenas de homens e mulheres com longos anos de prisão e vidas inteiras de sacrifício e sofrimento inteiramente consagradas à luta pela libertação do povo e da pátria. Mais difícil é encontrar alguém que, como Francisco Miguel, tanto e durante tanto tempo tenha sofrido e lutado.



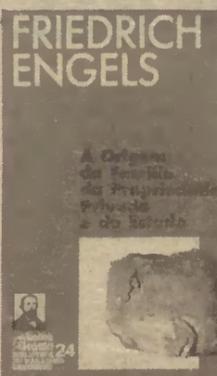
Biografia de Friedrich Engels

A elaboração de uma biografia científica de Friedrich Engels — genial pensador e lutador político, revolucionário convicto e destemido — é uma tarefa muito complexa. Contar a vida de Engels é contar a história gloriosa da luta da classe operária contra o capital, desde as primeiras acções do proletariado, dispersas e muitas vezes ainda espontâneas, até à sua transformação numa poderosa força política.

XI Congresso (Extraordinário) do PCP

Reúnem-se na presente edição as intervenções e documentos relativos aos trabalhos do XI Congresso (Extraordinário) do PCP, realizado na Amadora, em 2 de Fevereiro de 1986.

Convocado em 28 de Janeiro pelo Comité Central do PCP para definir a atitude do Partido na 2.ª volta das eleições presidenciais, o XI Congresso (Extraordinário) do PCP constituiu, em condições de uma grande complexidade política, uma nova demonstração da profunda identificação dos comunistas com os superiores interesses da defesa da liberdade e do regime democrático.



Friedrich Engels A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado

Segundo a concepção materialista, o momento em última instância determinante na história é a produção e reprodução da vida imediata. Esta é, no entanto, por sua vez também, de dupla espécie. Por um lado, a produção de meios de vida, de objectos, de alimentação, vestuário, habitação e dos instrumentos necessários para isso; por outro lado, a produção dos próprios homens, a reprodução da espécie.

Friedrich Engels

edições
Avante!

Internacional

Repercussões à moratória soviética

O mundo preocupado com a paz! e Reagan interessado em quê?

A decisão soviética de prolongar a moratória unilateral de suspensão das explosões nucleares recolheu apoios em quase todos os pontos do Mundo.

«Passo justo é audaz» foi como o marechal Costa Gomes, vice-presidente do Conselho Mundial da Paz, classificou a decisão soviética, numa entrevista ao jornal «Sovietskaia Rossiia».

Para Costa Gomes a decisão soviética, anunciada no passado dia 18 pelo dirigente soviético Mikhail Gorbachov, não foi surpresa uma vez que ela se inscreve organicamente na política de paz da URSS, que propôs liquidar os arsenais nucleares até ao fim do ano 2000.

A suspensão dos ensaios com armas atómicas, acrescentou o antigo presidente da República Portuguesa, será o primeiro e principal passo na via da liquidação dos arsenais nucleares e virá a entrar a modernização das armas de extermínio em massa.

Costa Gomes lamentou que a Administração Reagan não queira entender essa verdade simples e que, ao recusar aderir à moratória soviética, coloque a Humanidade ainda mais perto do abismo nuclear.

Por detrás da recusa americana em aderir à moratória, Costa Gomes vê a intenção de continuar a elaboração do programa da «Guerra das Estrelas», que considera uma sentença de morte para todos os povos.

O antigo presidente português afirmou-se profundamente convencido de que o desperdício de meios materiais com o fabrico e modernização de armamentos é um crime contra a Humanidade, grande parte da qual padece de fome, miséria e doenças.

Médicos pela Paz

Também o movimento «Médicos do Mundo pela Prevenção da Guerra Nuclear», organização vulgarmente conhecida pela designação de «Médicos pela Paz», apelou ao estabelecimento de uma moratória conjunta soviética-americana a todas as explosões nucleares.

Numa declaração divulgada recentemente em Nova Iorque, salienta-se que o co-presidente daquela organização, Bernard Lown, enviou um telegrama a Mikhail Gorbachov classificando a prorrogação da moratória unilateral soviética até 1 de Janeiro de 1987 como «um acto de grande sabedoria estatal» e um «passo significativo rumo à salvação do Mundo das armas nucleares».

Agora — destaca o telegrama — «temos que convencer o povo norte-americano e os seus representantes de que a proibição recíproca soviético-americana das explosões nucleares corresponde aos interesses dos Estados Unidos e de todos os países».

Segundo se realça no documento do Movimento dos «Médicos pela Paz», a continuação dos testes nucleares deve-se à criação de novos sistemas de armas, designadamente armamentos espaciais. E é por isso mesmo que urge proibir os ensaios nucleares.

Steinbeck apoia

Um pouco por todo o Mundo surgem as reacções à prorroga-

ção pela União Soviética da moratória unilateral das explosões nucleares até ao fim do ano.

O presidente da Câmara Municipal de Hiroxima, Takeshi Apaki, saudou a decisão da União Soviética como correspondendo plenamente à aspiração dos habitantes de Hiroxima à paz. O chefe da edilidade de Hiroxima manifestou a sua esperança de que a cessação dos ensaios nucleares abrirá caminho para a liquidação dos arsenais nucleares.

Também o escritor americano John Steinbeck, secretário-responsável do Comité Norte-Americano de Homenagem às Vítimas de Hiroxima e Nagasaki manifestou «grande alegria» com a notícia sobre a prorrogação da moratória.

O carácter profundamente humano deste novo acto de boa vontade da URSS, sublinhou Steinbeck, salta à vista sobre o pano de fundo dos preparativos militaristas da administração dos EUA. «Quero que os soviéticos saibam que a maioria do povo norte-americano aspira sinceramente à paz.»

Os participantes do movimento antibélico pretendem persuadir a administração Reagan a assinar quanto antes o acordo sobre a suspensão dos ensaios nucleares, disse ainda Steinbeck.

Entretanto, numa entrevista à agência «Tass», em Buenos Aires, Jorge Bernstein, dirigente do Partido Comunista da Argentina, afirmou que a prorrogação da moratória é uma «resposta positiva ao apelo dos «Seis», desprezado pela administração Reagan», acrescentando que seria bom que os EUA dessem ouvidos a esta iniciativa.

«Passo no sentido correcto»

Thomas Downey, membro da Câmara dos Representantes do Congresso norte-americano e presidente da organização internacional «Parlamentares por uma Ordem Mundial», que congrega legisladores de 36 países, qualificou, em entrevista à cadeia televisiva NBC, como «importante passo dado num sentido correcto» a prorrogação da moratória unilateral soviética das explosões nucleares anunciada pelo secretário-geral do PCUS.

Thomas Downey condenou a posição negativa da administração norte-americana relativamente à proibição dos testes nucleares, assinalando que ela corresponde aos interesses de todos os povos.

«A prová-lo está o apelo dirigido à URSS e aos EUA pelos di-

rigentes da Argentina, Grécia, Índia, México, Tânzania e Suécia, que ofereceram os seus serviços de boa vontade para a mais rápida execução desta tarefa», declarou o congressista, acrescentando que a administração Reagan nunca poderá rotular este passo de seis países de «um conluio propagandístico de Moscovo».

Thomas Downey desmentiu as alegações da administração norte-americana de que o prosseguimento de testes nucleares seria imprescindível para verificar o estado dos arsenais nucleares dos EUA e que a URSS só teria decretado a sua moratória depois de levar a cabo todas as experiências de que precisava. «É mentira pura e simples», disse. «Muito pelo contrário, os Estados Unidos efectuaram 200 ensaios com engenhos nucleares de diversos tipos, mais do que fez a União Soviética.»

Lembrando que tanto os EUA como a URSS reconheceram que as armas nucleares encerram em si uma ameaça gravíssima para a Humanidade, Downey instou a administração Reagan a pôr os seus actos de acordo com as suas palavras. «A sua adesão à moratória soviética é obrigatória.»

«A moratória», prosseguiu, «representa uma base excelente para conversações frutíferas sobre a problemática do controlo dos armamentos, as quais possibilitariam um acordo sobre a proibição universal das experiências nucleares, visto que, ainda por cima, a URSS já concordou com a instalação de aparelhos de controlo norte-americanos no local das experiências, abrindo assim caminho para uma rápida solução dos problemas do controlo que a administração Reagan continua a invocar como obstáculo. Em suma, o governo dos Estados Unidos perdeu mais um argumento contra a moratória.»

Thomas Downey exortou o presidente norte-americano a rever a sua posição negativa em relação à moratória soviética e a fazer tudo para que um acordo sobre o fim dos testes nucleares seja celebrado o mais rapidamente possível.

Reacção em Bona

Hans Dietrich Genscher, ministro dos Negócios Estrangeiros da República Federal da Alemanha, declarou, em Bona, que a decisão de prolongar a moratória aos testes nucleares, anunciada por Mikhail Gorbachov, confirma o interesse da URSS em manter as conversações sobre o desarmamento.

Genscher realçou a grande importância da iniciativa para o processo de proibição total dos ensaios nucleares.

Em Genebra, o chefe da delegação mexicana à Conferência de Genebra sobre o Desarmamento, Allonso Garcia Roblez, classificou de «prometedora» a decisão da URSS.

Por seu turno, o vice-secretário da Organização de Solidariedade

com os Povos Afro-Asiáticos (OSPAA), o indiano Chitta Biswas, assinalou como um «acontecimento de relevante significado histórico» a prorrogação da moratória às explosões nucleares.

«Desde 6 de Agosto, data em que expirou o prazo da moratória soviética, os povos aguardavam com esperança o passo seguinte», disse Chitta Biswas em entrevista à agência «Tass». «A decisão da URSS encontrará, inegavelmente, um apoio amplo, tanto nos países da Ásia e África como nos outros continentes.»

Willy Brandt critica EUA

O dirigente social-democrata alemão, Willy Brandt, criticou a administração Reagan por afirmar que a aplicação de uma moratória às explosões nucleares, análoga à que a URSS tem vindo a respeitar e decidiu agora prorrogar, não corresponderia aos interesses dos EUA.

Brandt, que disse lamentar caso esta seja a última palavra dos norte-americanos, saudou por outro lado a decisão da URSS, afirmando que é «impossível sobrestimar a iniciativa soviética».

Também o Partido Social-Democrata da Alemanha apoia a decisão anunciada por Gorbachov, afirmou numa entrevista televisiva Horst Emke, vice-presidente do grupo parlamentar daquele partido da Alemanha Federal.

Só a cessação total dos ensaios com armas nucleares pode criar a base para concluir um acordo global sobre o controlo dos armamentos, disse Horst Emke, que criticou a posição da administração dos EUA no tocante às iniciativas de paz da União Soviética. Resta apenas lamentar que Washington continue a aumentar o fabrico de armamentos, frisou aquele parlamentar.

Também a Grécia considerou como «um grande passo, muito positivo», a decisão anunciada no passado dia 18 de Agosto, por Mikhail Gorbachov.

A posição foi expressa pelo vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Theodoros Pangalos, numa entrevista ao jornal «Rizospastis». «O governo grego considera com elevado apreço os esforços desenvolvidos pela União Soviética em matéria de desarmamento», afirmou o ministro grego.

Outras reacções

O Japão saúda a decisão da União Soviética de prorrogar até 1 de Janeiro de 1987 a moratória unilateral às explosões nucleares, afirmou em Tóquio um alto funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão. Os Estados Unidos devem dar passos conjuntos com a URSS para conseguirem a cessação total dos ensaios nucleares, realçou.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Democrática da Coreia considera, numa declaração divulgada em

Pyongyang, que a União Soviética deu assim um passo construtivo e positivo para afastar o perigo de deflagração de uma guerra mundial.

O documento afirma que se a moratória se tornar global e se os ensaios nucleares forem proibidos em todas as regiões do globo, a humanidade será salva da catástrofe nuclear e serão criadas novas permissas para reforçar a paz e a segurança no mundo.

Entretanto, o académico soviético Gueorgui Arbatov qualificou de «acto de grande ousadia política» a decisão do seu país. O académico soviético, num artigo publicado no jornal «Izvestia» considera «realista» a análise feita na declaração de Gorbachov, tanto no respeitante à conjuntura internacional, à política dos Estados Unidos e dos seus aliados, como do próprio ponto de vista soviético acerca dos problemas internacionais, dos seus objectivos e capacidades.

As repercussões oficiais procedentes tanto do Departamento de Estado, como da Casa Branca dão motivos para pensar que Washington, provavelmente, voltará a perder a oportunidade oferecida pela União Soviética, rejeitando-a a pretexto de que ela seria outra vez um mero exemplo da «propaganda soviética», considera o académico Arbatov.

Na realidade, acrescenta Arbatov, o que está em jogo em última análise é o próprio futuro da Humanidade, questão em que uma resposta negativa é pura e simplesmente impossível.

O momento da verdade

O presidente do Comité de Estado da URSS para a Energia Atómica e chefe da delegação soviética às conversações sobre a cessação dos testes nucleares, Andranik Petrossiants, afirmou ao jornal «Pravda» que a declaração do chefe do pessoal da Casa Branca sobre a possibilidade de se verificarem progressos na via de um tratado de proibição dos testes nucleares, caso seja resolvido o problema do controlo, constitui «à primeira vista, um progresso em relação à posição anterior da administração norte-americana».

Petrossiants acrescentou que o momento da verdade será o próximo encontro das delegações dos dois países nas conversações sobre a cessação dos testes nucleares, que se reiniciará já em Setembro, em Genebra.

O chefe do pessoal da Casa Branca afirmara à cadeia televisiva americana «ABC» que os EUA não eram contra um tratado sobre a proibição total dos testes nucleares, opondo-se porém a que ele fosse firmado sem o respectivo sistema de controlo.

«Desejamos poder verificar o que eles fazem e, pensamos, eles também querem saber o que nós fazemos. Se alcançarmos êxitos no que respeita ao controlo e estivermos seguros da sua eficácia, então poderão ser garantidos progressos no refe-

rente à assinatura do tratado em questão», disse Donald Reagan, o chefe do pessoal da Casa Branca.

Petrossiants disse concordar com Reagan no respeitante à importância da problemática do controlo, recordando que ele foi tema de circunstanciados debates nas conversações trilaterais soviético-britânico-americanas de há seis anos.

As propostas soviéticas e esse respeito constam de um documento examinado em 1982 pela 37.ª sessão da Assembleia Geral da ONU, que defende a utilização de medidas nacionais e internacionais.

As medidas nacionais, com utilização de meios técnicos nacionais, paralelamente a consultas e trocas de informações prévias segundo Petrossiants sobretudo trocas de dados sísmicos, que constituem o instrumento mais eficaz do registo das explosões nucleares através de um organismo constituído para o efeito e de uma rede de comunicação própria.

A proposta soviética previa igualmente inspecções «in loco», mediante a sua regulamentação pormenorizada, em particular no que diz respeito aos direitos e funções do respectivo pessoal, assim como às definições das funções do país que recebesse os inspectores.

Petrossiants depois de referir declarações do dirigente soviético Mikhail Gorbachov sobre a disponibilidade soviética para «as mais vastas formas de controlo», adiantou que a instalação de equipamentos de controlo norte-americanos, no âmbito de um acordo privado soviético-americano, na zona de Semipalatinsk, em Julho deste ano, é «uma prova prática da nossa disponibilidade para aceitar medidas internacionais de controlo».

Não houve experiências nucleares na URSS

«Não temos registado durante a experiência nenhuma explosão nuclear na URSS», afirmou à Agência «Tass» o americano David Carrel, da Universidade de San Diego (Califórnia), perito em aparelhagem sísmológica, que se encontra nas vizinhanças de um polígono nuclear soviético, no Cazaquistão, no âmbito de um acordo privado soviético-americano de controlo dos ensaios nucleares.

Carrel que considerou a prorrogação da moratória unilateral como «um passo significativo rumo à paz», descreveu a aparelhagem de que dispõe, instalada desde Julho, como «capaz de detectar o ruído das ondas dos lagos, as lufadas de vento e os ecos longínquos de terremotos».

Cinco explosões nucleares americanas, levadas a efeito no Nevada, foram registadas desde que cientistas americanos trabalharam no Cazaquistão, persuadindo assim os cépticos de que é possível detectar todos os ensaios nucleares, qualquer que seja a sua potência e onde quer que se realizem.

Internacional

PAQUISTÃO

Quando a ditadura sente aproximar o fim

O regime militar pró-americano de Zia Ul Haq, no Paquistão, parece seriamente ameaçado face às constantes manifestações populares que ali têm ocorrido. A recente prisão da dirigente da oposição, Benazir Bhuto, filha de Ali Bhuto, que foi enforcado pelo actual regime, aumentou ainda mais a vaga de protestos populares e parece fazer aproximar do fim a ditadura dócil aos norte-americanos. De acordo com as últimas informações a polícia e o exército do Paquistão já mataram cerca de 40 pessoas e feriram algumas centenas no decurso das manifestações antigovernamentais.

Segundo o jornal «Indian Express», o governo de Islamabad mandou fazer detenções indiscriminadas entre os dirigentes e simpatizantes da oposição, tendo em vista decapitar o poderoso movimento paquistanês que defende os direitos civis dos cidadãos.

O principal alvo da repressão tem sido o «Movimento para o Restabelecimento da Democracia» (MRD), a maior coligação de partidos políticos da oposição. Mais de dez mil dos seus militantes terão sido presos nos últimos dias, revela o jornal.

A polícia paquistanesa actua com particular violência na província de Sind, onde o MRD tem mais força. Verifica-se ali uma autêntica caça aos militantes da oposição, que se viram obrigados a passar à clandestinidade — escreve o «Indian Express». Entretanto, a detenção da principal dirigente da oposição, Benazir Bhuto, revela já a fraqueza do regime, que ameaça fazer à filha de Ali Bhuto o mesmo que fez ao pai, ou seja executá-la.

Com efeito, a polícia da ditadura paquistanesa anunciou que a dirigente oposicionista Benazir Bhuto e outras sete pessoas poderão ser acusadas do crime de conspiração para derrubar o regime, passível de pena de morte.

De acordo com a mesma informação, a filha de Ali Bhuto e os outros sete dirigentes oposicionistas serão provavelmente processados sob a acusação de tentarem derrubar a ditadura e, caso sejam considerados culpados, a condenação poderá ir até à pena de morte.

Benazir Bhuto, de 33 anos de idade, foi detida em 14 de Agosto por participar numa manifestação comemorativa da independência do Paquistão e pela celebração de eleições gerais livres no país, coisa que não sucede desde 1977, ano em que o ditador Zia Ul Haq tomou o poder apoiado pela CIA.

O regime ditatorial paquistanês começou por fixar residência a Benazir Bhuto, posteriormente condenou-a a 30 dias de cadeia

e ameaça agora com a mesma pena que foi aplicada ao pai, Zulfikar Ali Bhuto.

Um pouco de História

A chegada ao poder, em 1971, de Zulfikar Ali Bhuto e do seu Partido do Povo (PPP) foi acompanhada do afastamento do Paquistão da Comunidade Britânica e da sua aproximação aos países árabes islâmicos. Bhuto redistribuiu terras pelos camponeses, nacionalizou as indústrias alimentares básicas e assegurou aos operários a estabilidade no emprego.

No plano externo, projectou a convocação de uma grande conferência de cúpula do Terceiro Mundo e ameaçou abandonar o pacto militar CENTO (constituído pelo Paquistão, Irão, Turquia e EUA) para poder ingressar no Movimento dos Países Não-Alinhados.

Esta política tornaram-no inimigo de Washington e em pouco tempo uma grande manobra desestabilizadora da CIA confrontou-o com os sectores religiosos fundamentalistas e abriu caminho para o golpe militar que em 5 de Julho de 1977 levou ao poder o general Zia Ul Haq.

Das eleições que prometeu não há memória que se tenham realizado. Em contrapartida desnationalizou a indústria, tomou me-

das anticamponesas e fomentou a repressão aos sindicatos e partidos políticos.

Tendo-se agravado a situação político-económica, a crise do Afeganistão foi uma tábua de salvação para o instável regime de Zia. Depois da queda do Xá do Irão, a administração dos Estados Unidos optou pelo Paquistão para «ponta de lança» da sua política no Sul da Ásia. Zia aproveitou a ocasião para anular, em parte, a pressão interna. Um relativo crescimento económico seguiu-se à maciça ajuda dos EUA.

Mas o alívio económico foi efémero. Em 1984, 73 por cento do orçamento foi absorvido pelo serviço da dívida externa e pelas despesas com a defesa. O desequilíbrio da balança de pagamentos indicou um défice de 1200 milhões de dólares, em grande parte devido às responsabilidades do pagamento da compra de aviões e de armamento sofisticado. Simultaneamente, o défice da balança comercial atingiu 3300 milhões de dólares, configurando uma séria crise que se agravou quando se confirmaram as baixas sensíveis na produção de algodão e trigo. Em 1985, realiza um simulacro de eleições, sob lei marcial e em clima de repressão e violência. A situação tem-se deteriorado cada vez mais, o que leva o ditador, sob o olhar cúmplice de Reagan, a aumentar a repressão do povo paquistanês.

«Esmagar a oposição»

O primeiro-ministro paquistanês, Mohammad Khan Junejo, ameaçou a oposição com «as mais severas medidas» e propôs-se esmagar o movimento contra o seu regime.

Num discurso proferido no parlamento, o primeiro-ministro terá usado, segundo a agência «Tass», o rótulo de «bandidos» para designar manifestantes que têm desfilado em protesto contra a política do seu governo.

«O exército comporta-se como ocupante no seu próprio país em relação ao seu próprio povo», disse Radiq Shafi, da Organização para a Defesa dos Direitos do Homem no Paquistão, para ilustrar a situação que ali se vive.

Apesar da repressão e das proibições, as manifestações no Paquistão têm vindo a aumentar de volume. Realizaram-se concentrações nos centros populacionais mais importantes — Lahore, Karachi, Kyderabad, Hultan e Rawalpindi e os tumultos alastraram às zonas rurais.

Refere ainda a agência «Tass» que nas fileiras manifestaram-se lado a lado operários, camponeses, artesãos, intelectuais. Os manifestantes exigem a queda do regime de Zia Ul Haq, a convocação, para este ano, de eleições livres e a formação na sua base de um governo democrático.

Ainda o «Jumbo» sul-coreano

Avolumam-se as provas contra os EUA

A tripulação do «Jumbo» sul-coreano da companhia aérea da Coreia do Sul «KAL», abatido em Setembro de 1984 pela aviação soviética, quando violava o espaço aéreo da URSS, recebeu antecipadamente uma recompensa em dinheiro para a realização desta «missão especial», revelou à cadeia televisiva «Kron» o advogado americano, Melvin Belli, citando uma das viúvas de um dos pilotos do avião.

Melvin, que defende os interesses dos familiares da tripulação e dos passageiros do avião, acrescentou que se vão conhecendo novos factos que comprovam ter sido a violação do espaço aéreo da URSS uma operação de espionagem dos serviços secretos dos EUA, e considerou pouco provável que os pilotos não soubessem que estavam a sobrevoar o território da União Soviética.

Um ex-funcionário do Departamento de Estado, John Keppel, declarou entretanto à agência noticiosa «UPI» que ao aprofundar as investigações chegou à conclusão que a aparelhagem instalada a bordo do «Jumbo» era capaz de determinar com exactidão a posição do avião.

Os pilotos sabiam bem que tinham entrado no espaço aéreo soviético, assinalou Keppel. As gravações das conversas com

as estações de controlo de voo tornadas públicas há três anos pelo Departamento de Estado norte-americano foram previamente deturpadas com vista a disfarçar «os acontecimentos antecedente ao incidente».

Larry Porter, conselheiro para

os assuntos de aviação civil, classifica igualmente as acções da tripulação do avião como deliberadas. Um avião de passageiros moderno, salientou Porter, nunca se desvia tanto, mesmo que «por acaso», do seu rumo.

De recordar ainda, conforme

foi noticiado na época, que um dos passageiros daquele avião-espião era para ser o ex-presidente Richard Nixon e que foi desaconselhado de seguir viagem naquele voo.

Os serviços secretos norte-americanos estavam pois aten-

tos aos passageiros que seguiam no avião e embora precisassem da protecção dos passageiros para as suas manobras de espionagem, procuraram evitar que personalidades importantes norte-americanas seguissem a bordo.

O Panamá não será santuário para as forças anti-sandinistas

O Panamá não permitirá que o seu território seja utilizado para treinar os contra-revolucionários nicaraguenses, declarou o presidente daquele país, Eric Arturo Dalvalle.

O chefe do Estado panamiano desmentiu assim notícias veiculadas pela imprensa e segundo as quais tropas do comando sul dos EUA, aquarteladas na zona do Canal do Panamá procederiam, proximamente, ao treino militar dos contra-revolucionários nicaraguenses.

O Panamá nunca autorizará a preparação, no seu território, de mercenários armados e financiados pela administração Reagan, que os utiliza nas suas tentativas para derrubar o governo sandinista, disse Arturo Dalvalle.

Entretanto, sete pessoas morreram e três outras ficaram feridas quando um camião que transportava civis fez detonar uma mina na província nicaraguense de Matagalpa. Também contra-revolucionários somozistas assaltaram uma cooperativa de produção na província de Nueva Segovia, assassinando três camponeses.

No seu regresso da República Dominicana, onde foi assistir à tomada de posse do novo presidente daquele país, o chefe de Estado nicaraguense, Daniel Ortega, acusou a administração Reagan de «vietnamizar» o conflito da América Central.

Ortega justificou esta acusação afirmando que a lei aprova-

da pelo Senado norte-americano de concessão de 100 milhões de dólares aos bandos somozistas prevê o envolvimento directo da CIA e de militares americanos em acções contra o povo nicaraguense.

O presidente da Nicarágua recordou que também a guerra dos EUA no Vietname se iniciou com o envio de uma meia centena de conselheiros militares para aquele país, a que se seguiu posteriormente um exército de meio milhão de soldados norte-americanos.

A Nicarágua está disposta a levantar a questão da defesa da ordem jurídica internacional contra os atentados dos EUA na próxima conferência dos Chefes

de Estados e de Governo dos Países Não-Alinhados, a realizar no Zimbabué, revelou Daniel Ortega.

O dirigente sandinista disse ainda que pressionados pela administração Reagan, alguns países da América Central, nomeadamente o Salvador, ignoram as iniciativas do «Grupo de Contadora», tentando ao mesmo tempo atribuir culpas à Nicarágua pela demora na assinatura da «acta de paz» preparada por esse grupo.

O dirigente nicaraguense exortou os Estados centro-americanos a rejeitarem a pressão de Washington e caminharem pela via da regularização pacífica da crise explosiva na região.



«Nos últimos dias de Julho, os povos de todo o mundo receberam a tão ansiada notícia — os governos da URSS, do EUA e da Inglaterra, haviam chegado a acordo para a realização de um tratado proibindo as experiências nucleares com excepção das subterrâneas.

«Este acordo, alcançado em Moscovo por três potências nucleares (e ao qual já aderiram vários países) é o resultado duma perseverante luta dos povos e em particular da consequente posição de Paz da União Soviética e outros países socialistas; os imperialistas americanos e ingleses, que tinham feito falhar todos os esforços para a realização de um tratado sobre a cessação das experiências nucleares pondo obstáculos sobre obstáculos às propostas da URSS (...) viram gorados os seus objectivos pela política hábil da União Soviética que os obrigou a dar um primeiro passo na vida do Desarmamento universal.

«(...) os povos de todo o mundo, não deixarão de obrigar os governos a aderir a este tratado e a consolidar-se a vitória alcançada, realizando também o acordo sobre as experiências nucleares subterrâneas e apoiando o governo da URSS e de outros países socialistas nas suas diligências para que se dêem novos passos no quebrar do gelo da guerra fria, (...)

«Uma vitória da coexistência pacífica — O Acordo Sobre a Cessação De Experiências Nucleares, Um Importante Passo Na Via Do Desarmamento Universal» — «Avante!», VI Série, n.º 332, Agosto de 1963



«Perto de Grândola, na herdade do Corte Real, director do Banco Nacional Ultramarino, trabalha um rancho de jovens de 10 a 15 anos. Contratados por 6 meses, vieram de S. Comba Dão e ganham 4 e 5\$00 diários com comida, mas só recebem o dinheiro no fim do contrato.

«A alimentação destes jovens consta de: pão com azeitonas à 1.ª refeição, papas de farinha de milho com couves à 2.ª refeição e feijão com bichos, cozido com ervas do campo à 3.ª. Tudo isto temperado com azeite do bagaço com 30º de acidez!

«Indignados os jovens quiseram fazer contas e voltar à terra o que lhes foi recusado.

«Será que a exploração destes jovens é necessária para engordar ainda mais os proventos do banqueiro Corte Real?»

«Infame Exploração De Menores» — «Avante!», Série, VI, n.º 345, Agosto de 1964.

INCÊNDIO NA FLORESTA

**Comunistas debatem em Arganil
o tema mais quente do ano**

Ainda mal acaba a Primavera, chegada a época estival que invernos mais prolongados fazem aguardar ansiosamente, eis que chegam as notícias de incêndios devorando um pouco por todo o País hectares e hectares de floresta. Assumindo um carácter quase sistemático, tais ocorrências deixam atrás de si um rasto de destruição cujas consequências incidem não apenas na delapidação de um valioso património nacional como ainda no enfraquecimento das já depauperadas economias serranas.

De ano para ano, tal facto vem-se repetindo e com ele surge o habitual coro de lamentos, o lavar de protestos e revolta, e, da parte das entidades oficiais, as medidas tomadas à última hora que a vida demonstrou servirem apenas para «tapar buracos», para ir remendando aquilo a que muitos apelidam já de verdadeiro flagelo.

Provenientes de todo o lado chovem as especulações, não faltam dedos acusadores dirigidos a esta ou aquela causa, opiniões avulsas para debelar a calamidade também não rareiam, mas a verdade é que a juntar aos 535 547 hectares (apenas povoamentos florestais) ardidos no nosso País durante os últimos doze anos, só este ano — e ainda vamos em Agosto — já arderam mais 73 mil hectares de matas a que há que adicionar ainda a perda irreparável de outros bens e vidas humanas.

Mas será, então, esta situação uma fatalidade? Quem ganha afinal com os incêndios? Por que razão

ocorrem com tanta frequência e nalguns casos assumem proporções tão alarmantes? Quais as consequências desta autêntica calamidade? E as medidas? Que medidas têm sido implementadas para suste este surto?

A estas e outras interrogações, a pairar em muita gente, procurou dar resposta um debate promovido pela Comissão Distrital de Coimbra do PCP, no último domingo, em Arganil, subordinado ao tema «Floresta, Incêndios e Economia Serrana».

Com esta iniciativa, de forma séria e responsável, os comunistas da Região Centro — uma das mais afectadas — deram um valioso contributo para a clarificação deste grave e complexo problema que atinge uma enorme riqueza da qual depende a economia de numerosos povos serranos e o interesse nacional. ■



■ João Chasqueira

Em Arganil

Comunistas promovem debate sobre florestas madeiras e incêndios

Ao tomar a iniciativa de proceder ao recenseamento dos vários elementos e aspectos que permitam abordar correctamente a situação da floresta e da economia serrana, bem como dos incêndios que têm consumido bens e vidas humanas em vastas regiões do País, a Comissão Distrital de Coimbra do PCP propôs-se meter ombros a uma tarefa cujo principal objectivo consistia em iniciar uma discussão — que contasse com a participação activa dos principais interessados — a partir da qual fosse possível encontrar soluções que ponham cobro a este flagelo que já devorou, só este ano, mais de 70 mil hectares de matas.

Se bem o pensaram melhor o fizeram e a verdade é que tais propósitos, a nosso ver, foram largamente cumpridos tendo sido possível após um interessante e animado debate, em que participaram perto de uma centena de pessoas, não apenas equacionar correctamente esta problemática — um dos méritos foi sem dúvida a possibilidade de desmontar e clarificar certas ideias e concepções — como ainda fazer luz sobre as origens e responsáveis pelo actual estado de coisas e, sobretudo, apontar medidas alternativas e soluções que, devidamente consideradas, permitirão salvaguardar essa enorme riqueza actualmente em perigo e defender os interesses económicos das populações serranas e dos que vivem da floresta.

As pessoas em primeiro lugar

Com o início dos trabalhos, realizados na Casa do Povo de Arganil, desde logo ficou claro que se procurava uma visão tanto quanto possível ampla do problema, intuito evidenciado por uma afirmação do camarada Vítor Louro, engenheiro silvicultor, a quem coube introduzir o debate. Referindo-se à relação da floresta com o homem, afirmou, **estão à cabeça das nossas preocupações as pessoas; antes das árvores estão as pessoas com as economias florestais e serranas.**

De certo modo estava dado o tom para uma abordagem que começaria justamente pelas principais causas que se considera estarem na origem dos fogos: as condições **naturais** (um Verão prolongado e seco), as condições de **vegetação** (próprias dos países mediterrânicos e, por isso, facilmente incendiáveis), a que há que juntar condições de natureza **social** (pirómanos, débeis mentais, vinganças, inimizades, distrações ou até descuidos o exercício da própria actividade agrícola como sejam as queimadas) e condições **económicas**.

Quanto a estas últimas, sem dúvida as mais controversas, foi referida a existência de interesses económicos que facilitam os incêndios, tendo vários oradores observado o caso de certos madeireiros e das celuloses, casos de difícil prova, mas que não deixam de suscitar legítimas suspeitas já que são conhecidas exactamente por terem aparecido depois de incêndios ora a comprar terras (caso das celuloses), ora a comprar as madeiras queimadas.

Estamos, pois, perante uma complexidade de causas, como foi sublinhado, que desmentem e tornam profundamente incorrecta a afirmação dos que pretendem isolar apenas uma

causa — como tem feito o Governo — atribuindo quase exclusivamente razões de natureza criminosa para a origem dos incêndios.

Actuar em várias frentes

A prová-lo está o facto, conforme foi salientado, de no distrito de Coimbra, nos últimos três anos, só apenas 14 por cento dos incêndios terem suspeita de origem criminosa, elevando-se por outro lado a 74 por cento o número de incêndios com causa desconhecida.

É preciso actuar em várias frentes e não apenas numa, diria ainda Vítor Louro — acompanhado na mesa que dirigiu os trabalhos por Lucílio Martins, João Abrantes (deputado pelo distrito de Coimbra), Artur Amaral e Jorge Nunes —, que condenou os governos e partidos que os têm apoiado por procurarem **convencer o País de que os problemas se resolvem apenas agravando as penas e as multas**, considerando ainda manifesta-



Um debate bastante animado, que contou com a presença de numerosos técnicos e de representantes de organizações de agricultores, mas ao qual, inexplicavelmente, apesar de convidados, não compareceram serviços oficiais, autarquias e bombeiros, entidades de quem seria de esperar um manifesto interesse por tão importante matéria

mente insuficiente a sua acção a qual se tem confinado quase exclusivamente à defesa e vigilância das florestas. Com evidente insucesso, está bem de ver, já que a floresta tem continuado a arder, independentemente das medidas tomadas, provando que o sistema de defesa que tem sido posto de pé não serve.

Mas se relativamente aos incêndios

aparecem fumos que impedem uma completa e clara definição das suas causas o mesmo não sucede já quanto às suas consequências, as quais

ultrapassam em muito o arvoredo queimado e vão desde a falta de matéria-prima nas serrações às espécies nobres que vão rareando, desde a depauperação da economia serrana — despoamento das serras e crescente desequilíbrio entre o litoral e o interior — até ao impacto negativo que os fogos provocam no ambiente, quer pela extinção de espécies vegetais, quer pela sua substituição brusca.

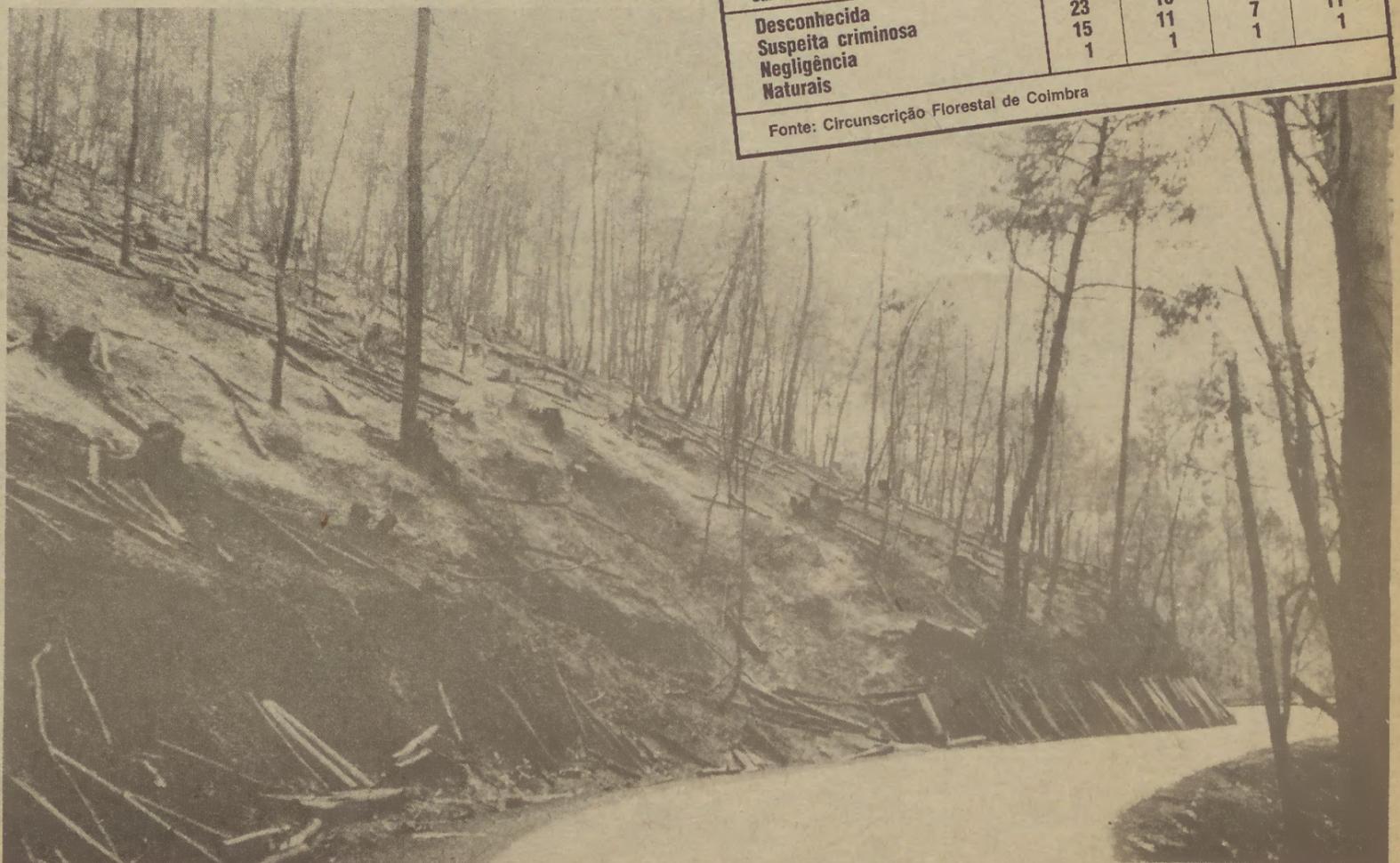
Criar alternativas

Seria, todavia, como já referimos, em torno dos interesses económicos, isto é, de quem tira proveito dos incêndios e ainda das condições que possibilitam o seu alastramento assustador, que se centraria a atenção dos participantes.

A este propósito, foi salientada a necessidade de criar alternativas ao sistema de comercialização existente,

Causa	ANO				Média
	83	84	85	74	
Desconhecida	61	72	88	14	
Suspeita criminosa	23	16	4	11	
Negligência	15	11	7	1	
Naturais	1	1	1	1	

Fonte: Circunscrição Florestal de Coimbra



«Sistema de defesa da floresta contra incêndios não é apenas vigilância; é também a preparação física da floresta para dificultar o avanço do fogo e para facilitar a penetração e actuação dos meios»



«Os proprietários, os resineiros, os empresários de corte e o País têm de se defender daqueles que ganham dinheiro à custa da destruição selvagem»

sistema que coloca o proprietário nas mãos dos madeireiros na medida em que estes são os únicos que lhes aparecem para comprar (pelo preço que entendem) a madeira que, de outro modo, nas condições actuais, dificilmente teria possibilidade de escoamento.

A criação de uma rede permanente de estaleiros de recepção (tal como aliás o Grupo Parlamentar do PCP propôs há uns anos a esta parte), estaleiros em cuja gestão estariam representadas as organizações da lavoura, os proprietários e os próprios madeireiros, seria pelo contrário uma forma de contribuir para solucionar o problema.

A existência destes estaleiros, cuja instalação deverá obedecer a um plano prévio, nada tem a ver contudo com medidas que o Governo recentemente decretou, medidas que o Encontro classificou de demagógicas já que não tiveram em conta a má experiência do ano anterior. Recorde-se que no ano passado o Governo deliberou em Setembro a criação de parques de recepção, responsabilizando-se ainda pelo corte e transporte da madeira queimada, decisão que nunca foi cumprida já que as verbas para tal operação nunca foram desbloqueadas.

É deitar poeira nos olhos da gente, diria a propósito um agricultor de Miranda do Corvo que lembrou ainda que as medidas tomadas na semana passada — criação de parques e compromissos de pagar 500 escudos por estere (mas desta feita com o corte e transporte por conta do proprietário) sendo o restante pago após leilão — não passam de uma farsa, já que o custo de tal operação ao proprietário não fica por menos de 700 escudos o estere. Isto não são medidas são esmolas; o que as pessoas precisam é de soluções, diria ainda outro interveniente.

o eucalipto não tem culpa

Em torno desta questão Lucílio Martins, engenheiro silvicultor e um dos grandes animadores deste debate, chamaria a atenção para o caso das empresas de celulose que, segundo cálculos aproximados se julga deterem hoje o controlo de mais de 200 mil hectares de terras — refira-se que o Estado dispõe apenas de 70 mil hectares de floresta, área que corresponde a uma das taxas mais baixas do mundo — e que são as responsáveis pela plantação indiscriminada de eucaliptos em muitas regiões do País. A este respeito, foi ainda lembrado que o eucalipto não tem culpa nenhuma da forma como os homens o utilizam, utilização selvagem que beneficia da conivência do Governo e respeita apenas a mira do lucro (o eucalipto é a árvore que dá mais rendimento no fabrico da pasta de papel).

No nosso País há espaço para tudo, para o eucalipto, para o pinhal, para o carvalho, etc., mas enquanto a directriz for o lucro as celuloses exploram exactamente o que lhes dá mais dinheiro ou seja, o eucalipto, acentuaria ainda Lucílio Martins.

Entrando já nos aspectos que estão na origem das gigantescas pro-

porções que muitos fogos atingem, vários oradores sublinharam as condições físicas da floresta e o actual sistema de vigilância que unanimemente consideraram não servir.

Relativamente a este último aspecto foi asperamente criticado o Governo, e designadamente o Ministro da Administração Interna Eurico de Melo, governante que numa manifestação de confrangedora ignorância afirmou recentemente que o mal dos incêndios estava na caruma, nas pinhas e galhos existentes nas matas, porque disse, quanto aos meios de combate ao

dispor dos bombeiros existirem em quantidade suficiente.

Criar soluções

Não é limpando a caruma e as pinhas que se resolve o problema; a solução é criar condições para que, com os devidos apoios, os proprietários possam abrir caminho, se construam postos de vigia, se incentive o associativismo no sentido de serem tomadas medidas comuns que defendam as matas, se

proceda a uma correcta política florestal, utilizando manchas de folhosas, contrariando as grandes manchas contínuas, introduzindo pastagens, afirmaria Vítor Louro.

Ainda quanto à vigilância e combate o debate pôs em relevo a falência do actual sistema, o qual se viu consideravelmente agravado com a passagem da responsabilidade do combate aos incêndios dos Serviços Florestais para a exclusiva competência dos bombeiros sem que esta transferência tenha sido acompanhada dos respectivos e necessários meios. Por outras

palavras, o Governo retirou competência e meios aos Serviços Florestais e transferiu a responsabilidade para os Bombeiros mas os meios ficaram na mesma, isto é, ficaram menos pessoas a atacar os fogos; ao que se deve juntar ainda o facto de ninguém se ter preocupado em preparar os bombeiros — tradicionalmente vocacionados para incêndios em zonas urbanas — para esta nova responsabilidade.

É dramático e constitui um verdadeiro crime como o comprovam as vida já ceifadas: o ano passado 14 e este ano 20, lembraria um dos participantes.

Os participantes no debate desmontaram ainda as afirmações de quantos alegam, incluindo o Governo, que a implementação de medidas de fundo contra os incêndios são caras.

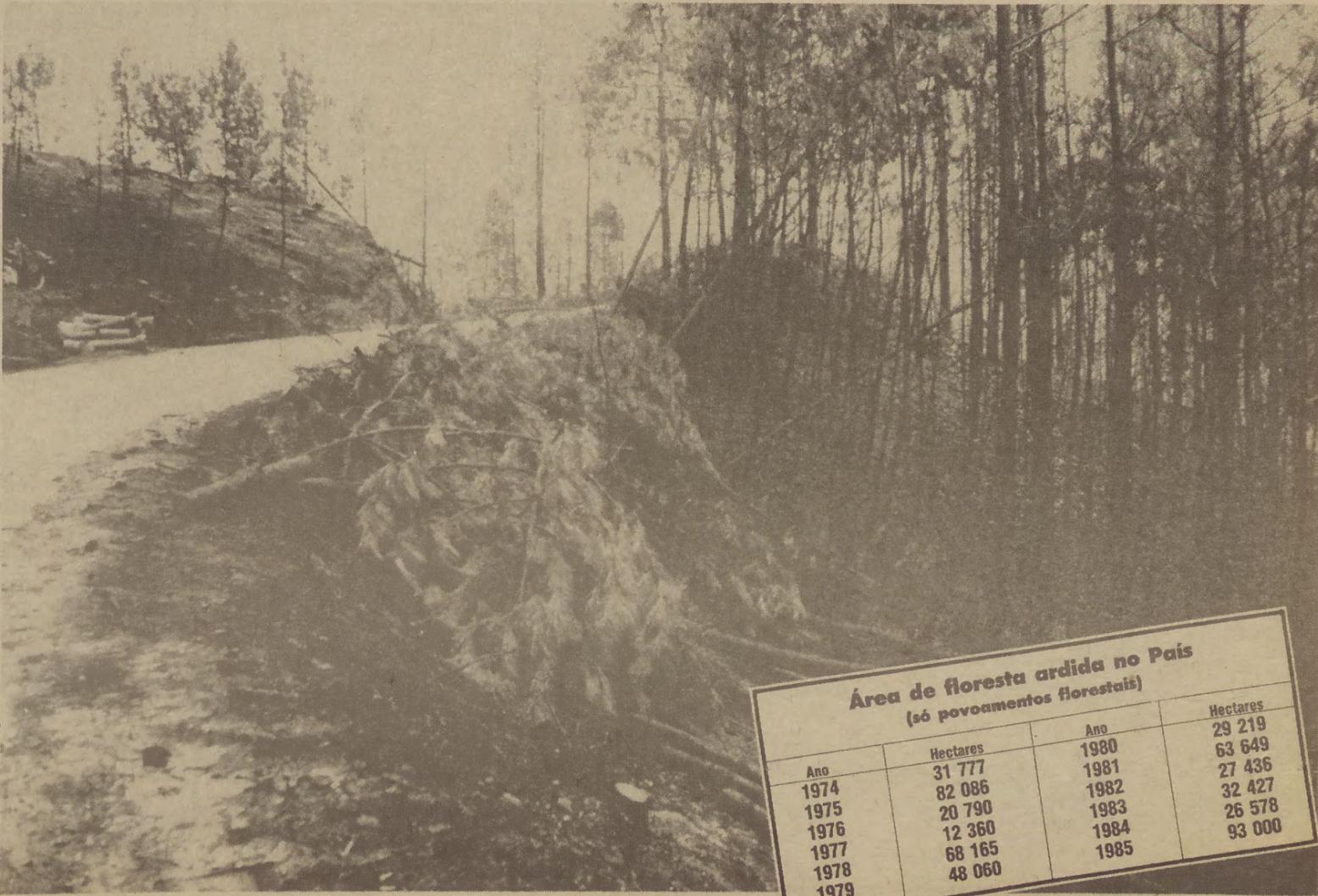
Mas quanto custam as medidas que todos os anos são tomadas à pressa (como se os incêndios fossem uma surpresa) e com resultados tão discutíveis?, perguntaria João Abrantes, que concluiria que estas atribuições de verbas para remendar buracos fazem parte de uma política demagógica que faz o jogo dos que têm interesses nos incêndios.

Uma política responsável — recordou por fim Vítor Louro — exige medidas de fundo; custam mais dinheiro mas são o caminho para resolver de vez. Podem ser dispendiosas mas são úteis e necessárias. As que têm sido tomadas são mais caras porque embora custem menos dinheiro, não resolvem nada ■

Número de incêndios e área ardida por escalões

Ano	Até 10 hect.		De 10 a 100 hect.		+ de 100 hect.	
	% Inc.	Área ardida %	% Inc.	Área ardida %	% Inc.	Área ardida %
1980	84	10	13	27	3	63
1981	87	8	11	17	2	75
1982	89	10	9	27	2	63

«Incêndios Florestais — Rescaldo do 3.º Fórum Nacional sobre Fogos Florestais» — Fevereiro, 1984



Área de floresta ardida no País (só povoamentos florestais)

Ano	Hectares	Ano	Hectares
1974	31 777	1980	29 219
1975	82 086	1981	63 649
1976	20 790	1982	27 436
1977	12 360	1983	32 427
1978	68 165	1984	26 578
1979	48 060	1985	93 000

Quanto pior melhor?

Quando já ninguém, pelo mundo fora, contesta o valor das propostas de paz da União Soviética e quando, mesmo no interior do clube da NATO, alguns dos seus membros criticam a administração de Reagan pela sua obstinação e lhe desmentem os argumentos em favor da corrida aos armamentos, os governantes portugueses tinham de se tornar «originais», tomando uma posição muito pouco original de seguidismo em relação à política agressiva dos Estados Unidos. Com aquele descaramento que é ao mesmo tempo irresponsabilidade e que caracteriza o espírito lacaio, um membro do Governo de Portugal, em visita ao Brasil, permitiu-se criticar uma proposta que o Presidente brasileiro lhe teria solicitado para levar à NATO. «Vemos com preocupação a desnuclearização de determinadas áreas», disse o Ministro dos Negócios Estrangeiros português. Será que o remédio que propõe é a nuclearização do mundo como quem pretende dividir o mal pelas aldeias? Será que o pior se tornará o melhor, na imaginação febril dos cavaquistas? Será que a guerra das estrelas é a solução para a Paz e que, depois de nuclearizar todo o planeta, a paz vai chegar?

A guerra... civil do PPD...

De vez em quando Jardim fala. E há sempre quem lhe pegue na

palavra e a divulgue no continente — que na Madeira ele por lá se arranja. Quando, no intervalo do charuto, bota palavra, logo uma folheca corre a apanhar-lha. Desta vez foi o «Correio da Manhã» a destacar passagens da entrevista de Jardim à Reuter. Não que o Presidente do Governo Regional da Madeira tivesse dito alguma coisa de original. Ele, que sabe de propaganda, repete-se à exaustão, se for preciso. Disse: «Queremos aumentar a nossa autonomia.» Resmungando contra Lisboa, acusou: «Olham para as ilhas como se fossem um resquício do Império... Ainda pensam que podem dar ordens da Metrópole e não aceitam que madeirenses e açorianos estejam agora ao mesmo nível que eles...» É claro que não pensamos que esta tirada tivesse como único objectivo atingir os continentais ou os lisboetas, como o «ingénuo» «Correio da Manhã» quer fazer acreditar, titulado «Jardim acusa lisboetas de serem imperialistas». O que achamos é que, com estas e com outras, talvez Jardim se prepare para criar dificuldades a Cavaco, numa subterrânea, mas vulcânica, guerrilha interna... do PPD. Talvez fosse por isso que invocou, ao lado dos madeirenses, os açorianos. Que é como quem diria, tentando meter o seu compadre Mota Amaral ao barulho.

... E Mota Amaral na guerrilha

O chefe açoriano não quis ficar atrás do seu homólogo

Pontos Cardeais

madeirense. Sem a exuberância deste, ao modo meléfulo que se lhe conhece, lançou-se também na guerra contra... Lisboa. A ofensiva é em larga escala.

Compreende várias frentes — da frente aérea à frente televisiva. Se na questão RTP, a Comissão dos Assuntos Sociais da Assembleia Regional se decidiu por não receber em directo a programação do canal I — preferindo isolar-se (insular-se) e limitar-se à produção da RTP-1 — Açores, seleccionando (censurando) as emissões nacionais, na questão dos transportes aéreos foi o próprio Mota Amaral quem levantou a bandeira da guerrilha.

«Pese a quem pesar», disse ele. «Contra tudo e contra todos», disse também. Palavras pouco ouvidas na boca seráfica do chefe Amaral, a transmitir uma decisão — a de fazer a SATA voar para fora do âmbito das ilhas. Para o continente e até... para os Estados Unidos. Nesta guerrilha de pressões, ambos os dirigentes das regiões autónomas atingem, indirecta ou directamente, o Governo PSD e o chefe deste, Cavaco Silva.

Tratar-se-á mesmo de guerra interna do PSD? Ou tão simplesmente de conseguir mais dinheiro para tapar buracos financeiros?

Números

O Primeiro-Ministro deste Governo tem, em relação aos outros chefes de governos que sucessivamente administraram o País durante os últimos anos, uma diferença essencial. Se os outros se limitavam a negar pela negativa — se assim nos podemos exprimir —, este nega pela... positiva. Houve os que diziam que não havia greves. Os que afirmavam que isto não ia mal. Os que negavam que isto ia péssimo.* Cavaco não vai por aí. Trata-se de um afirmativo. Enquanto ataca as empresas públicas, as desmantela e destrói, atirando para o desemprego milhares de trabalhadores, enquanto os trabalhadores protestam e fazem greves e paralisações por aumentos de salários — porque estes não fazem face à inflação, Cavaco, prazenteiro, nega tudo isto, sem dizer que não. Diz que sim: que o salário real aumenta; que está a criar postos de trabalho; que a inflação desce por aí abaixo. A última dele: que o investimento está a crescer. Um dia desses, se esse dia chegasse, quando estivessem todos desempregados, Cavaco havia de gabar-se de ter, enfim, saneado a economia nacional.

Gazetilha

por *Ignotus Sum*

I

Cavaco determinado disse quem é o culpado da má governação. Sabemos ora onde lhe dói o pé já sabemos quem é o culpado de tudo: a oposição...

Não é o cavaquismo o clientelismo o ABC do abismo... Colossal a máscara do entrudo: quem se opõe a tal... ... é que é o culpado de tudo...

A oposição é um diabo que assombra Cavaco e ao seu gosto de mandar nas palavras que diz perpassa a sombra de Salazar...

II

Ele diz que como qualquer português normal foi a férias, e desta vez na Alemanha Federal...

Falaram jornalistas matreiros que questões de dinheiros deram nas vistas. Cavaco nega. Argumentos renova com modos de petiz mas pelos seus próprios documentos o contrário do que diz se prova...

Se isto é normal num português decente o que é que na Alemanha Federal estão a pensar da gente?

Eu cá, valha a verdade, eu renego de tal «normalidade»...

III

Empresa-traça estás na desgraça? Toma lá massa!

Ninguém na praça crédito passa? Toma lá massa!

Firma carraça tu és madraça e pavonaça?

Toma lá massa, amigalhaça!

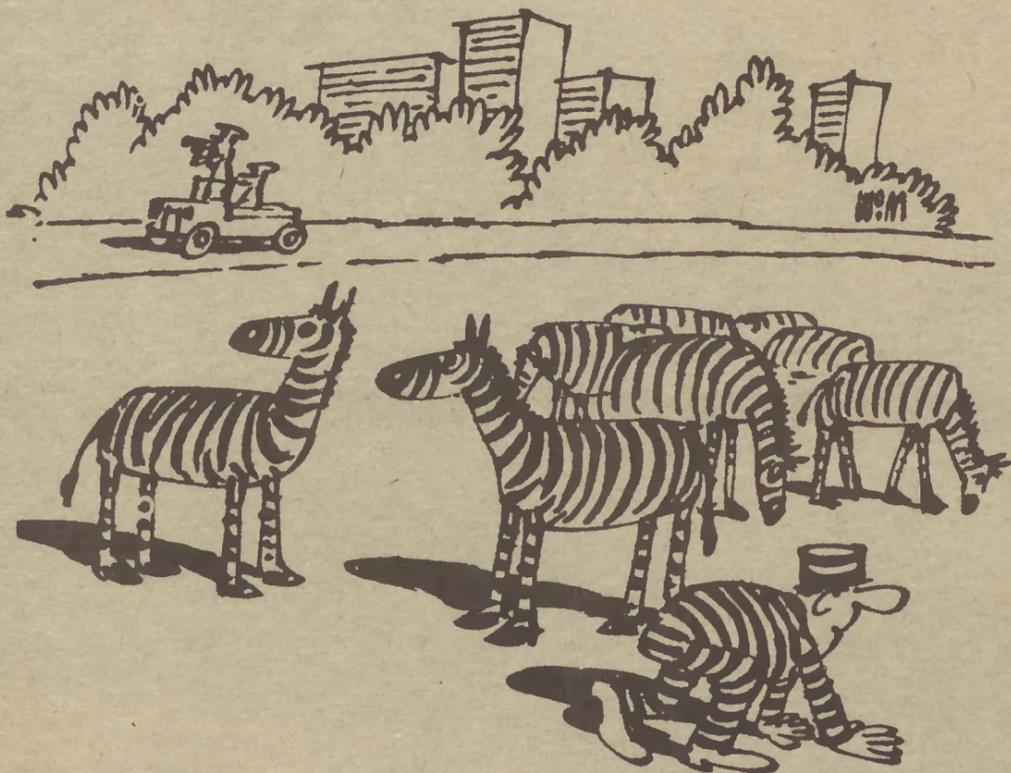
IV

Havia quem ali muito sonhasse enorme sementeira de cifrões: eram campos de golfe, habitações, um hotel de espanto, de alta classe.

Pra que o sonho em real se transformasse valiam da floresta as mil razões: floresta protegida — gerações desafiando o tempo, face a face.

A lei não deixa? Pois veremos... Logo por um «louco» ateadado surge o fogo com mais de cem octanas nos carvões.

Fecha, pudico, os olhos o poder e enfim na solidão pode crescer infame o escalracho dos cifrões.



Agenda

Avante!

Ano 56 - Série VII

N.º 661

28 de Agosto de 1986

4.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente



**Todos
à Ajuda
porque há
muito
que fazer**

ESPAÇO MULHERES ♀

Há oito anos, em Maio de 1978, surgiu a revista **MULHERES**.

E fomos, «de Maio a Maio, no fio dos meses, de **MULHERES** a mulheres prosseguindo...»

Como a tradição, no princípio foi-nos o verbo.

Como a história, materializamos o verbo.

Hoje alargamos este espaço de **MULHERES** dando lugar ao elogio da arte de trabalhar a matéria e o verbo: eis o **ESPAÇO MULHERES!**

Um espaço onde as mulheres contam... e contam de si e do seu trabalho.

Um espaço aberto de diálogo.

Um lugar de cultura e convívio.



Em edição da revista **MULHERES**, uma reprodução em «off-set» a quatro cores do quadro de **Graça Morais**, *O sagrado e o erótico - S. Sebastião* (Acrílico s/tela; 237 x 207; 1986).

Na GALERIA
De 1 a 30 de Setembro
Exposição de Painéis Bordados

de Maria Isabel Barreno

ESPAÇO MULHERES ♀

Um lugar
de cultura e convívio

Visite-nos:
das 15 às 19 h., de 2.ª a 6.ª-feira
na LIVRARIA INTERLIVRO
Rua Pedro Nunes, 9-A - Lisboa (às Picoas)

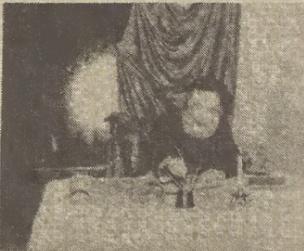
TV

O Programa

Quinta 28

RTP1

- 11.00 — Sumário
- 11.05 — Videopólis
- 11.30 — Espaço 11/13
- 12.30 — Telenovela — «Vereda Tropical», 99.º Epis.
- 13.15 — Jornal da Tarde
- 15.00 — Desenhos Animados
- 15.30 — Inventário Musical — Banda Recreativa de Bucelas
- 15.55 — Atletismo — Campeonato da Europa
- 18.00 — Sumário
- 18.10 — Tempo dos Mais Novos
- 18.45 — País, País
- 19.15 — Portas do Desconhecido — «As Profecias», 1.º Epis.



- 19.50 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.30 — Boletim Meteorológico
- 20.40 — Telenovela — «Corpo a Corpo», 123.º Epis.
- 21.30 — Danças Loucas — «Os Anos 50»
- 22.00 — Hill Street
- 22.50 — Últimas Notícias.

RTP2

- 16.30 — Europa TV
- 20.00 — Notícias
- 20.05 — Atletismo — Campeonato da Europa
- 22.30 — Últimas Notícias
- 22.35 — Telenovela — Vereda Tropical», 120.º e 121.º Epis.

Sexta 29

RTP1

- 11.00 — Sumário
- 11.05 — Setentrão
- 11.30 — Espaço 11/13
- 12.30 — Telenovela — «Vereda Tropical»
- 13.15 — Jornal da Tarde
- 15.30 — Desenhos Animados
- 16.00 — Entre Marido e Mulher
- 16.30 — O Mar e a Terra
- 16.55 — Atletismo — Campeonato do Mundo
- 18.00 — Sumário
- 18.05 — Tempo dos Mais Novos
- 18.45 — País, País
- 19.15 — Recriar o Espaço — «A Cidade Transfigurada»
- 19.50 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.30 — Boletim Meteorológico
- 20.40 — Telenovela — «Corpo a Corpo»
- 21.25 — Camões: Esse Emigrante
- 21.55 — Série — «Fortunata e Jacinta»
- 23.00 — Últimas Notícias.

RTP2

- 16.30 — Europa TV
- 18.20 — Ópera — «O Regresso de Ulisses à Pátria», de Monteverdi
- 20.00 — Notícias
- 20.05 — Atletismo — Campeonato da Europa
- 21.30 — Directo/2
- 22.25 — Últimas Notícias
- 22.30 — Telenovela — Vereda Tropical».

Sábado 30

RTP1

- 12.00 — Sumário
- 12.05 — Tempo dos Mais Novos
- 13.00 — Sumário
- 13.10 — Desenhos Animados
- 14.00 — Revista de Tolros

- 14.30 — Concerto da GNR
- 15.20 — Série — «Os Jovens Heróis de Shaolin»
- 16.15 — Os Marretinhas
- 17.10 — O Novo Mundo Selvagem — «Formigas Guerreiras»
- 17.35 — O Corpo Humano
- 18.00 — Top Disco
- 18.50 — Série — «América do Sul, Terra de Contrastes»
- 19.45 — Totoloto
- 20.00 — Telejornal
- 20.40 — Boletim Meteorológico
- 20.45 — Aplauso — «Festival Gershwin»
- 22.00 — Série — «Dinastia»
- 23.05 — Sábado Especial — «Os Horrores de Frankenstein», real. Jimmy Sangster (Inglaterra/1971, 92 min.).

RTP2

- 12.30 — Troféu
- 20.00 — Folclore
- 20.30 — Animação — «A Dinâmica do Sonho»
- 21.00 — Europa TV — Eurocinema: «O Cofre Forte», real. Jan Gruyaat
- 22.30 — A Rota da Seda — «Khotan — Oásis de seda e jade».

Domingo 31

RTP1

- 11.30 — Sumário
- 11.35 — 70 Vezes 7
- 12.00 — Missa Dominical
- 13.00 — Sumário
- 13.10 — TV Rural
- 13.40 — Tempo dos Mais Novos
- 14.50 — Sessão da Tarde — «Pepino e Violeta», real. Maurice Cloche (Itália/1951, 82 min.)
- 17.00 — Festa Rija
- 18.15 — M de Mulher — «Os medos»
- 19.10 — Falando de Mozart



- 19.40 — Dar e Receber
- 20.00 — Telejornal
- 20.30 — Boletim Meteorológico
- 20.35 — Fados do Fado Menor
- 21.20 — Série — «O Último Lugar na Terra», último epis.
- 22.15 — Domingo Desportivo.

RTP2

- 15.00 — Atletismo — Campeonato da Europa
- 16.50 — Documentário
- 17.45 — Desenhos Animados
- 18.00 — Falar de Macau
- 18.30 — Europa TV
- 20.00 — Novos Horizontes
- 20.30 — Nós Por Cá — «O Baixo Mondego».

Segunda 1

RTP1

- 11.00 — Sumário
- 11.05 — Passeios em Coimbra
- 11.30 — Espaço 11/13
- 12.30 — Telenovela — «Vereda Tropical»
- 13.15 — Jornal da Tarde
- 15.00 — Desenhos Animados
- 15.45 — O Homem é um Mundo
- 16.45 — Série — «As Aventuras do Zé Gato»
- 17.05 — Caldo de Pedra
- 17.30 — Ontem Viu?
- 18.00 — Sumário
- 18.05 — Tempo dos Mais Novos
- 18.45 — País, País
- 19.15 — As Profissões
- 19.55 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.30 — Boletim Meteorológico
- 20.40 — Telenovela — «Corpo a Corpo»
- 21.15 — Esta Noite Com... — Paco Bandeira

- 22.55 — Série — «As Sete Maravilhas da Técnica»

RTP2

- 16.30 — Europa TV
- 20.00 — Notícias
- 20.05 — Desenhos Animados
- 20.25 — Nunca é Tarde
- 20.55 — Zoom
- 21.20 — Notícias
- 21.25 — Espaço Jazz
- 22.25 — Últimas Notícias
- 22.30 — Telenovela — «Vereda Tropical».

Terça 2

RTP1

- 11.00 — Sumário
- 11.05 — Conheça Melhor
- 11.30 — Espaço 11/13
- 12.30 — Telenovela — «Vereda Tropical»
- 13.15 — Jornal da Tarde
- 15.00 — Desenhos Animados
- 15.35 — Série — «Risco Inadiável»
- 16.00 — Série — «A Tragédia da Rua das Flores», adaptação do romance de Eça de Queiroz
- 17.00 — História com Pés e Cabeça
- 17.30 — Ontem Viu?
- 18.00 — Sumário
- 18.05 — Tempo dos Mais Novos
- 18.45 — País, País
- 19.15 — Jazz para Todos
- 20.00 — Telejornal
- 20.30 — Boletim Meteorológico
- 20.40 — Telenovela — «Corpo a Corpo»
- 21.30 — Programa da Direcção de Informação
- 22.35 — Série — «Um César Americano»
- 23.00 — Últimas Notícias.

RTP2

- 16.30 — Europa TV
- 20.00 — Notícias

- 20.05 — Videopólis
- 20.30 — Falar de Macau
- 21.00 — Cinema Italiano: «O Julgamento de Gabi», real. de Maurice Tourneur (Itália 1878/1961) — Notícias no Intervalo
- 23.00 — Últimas Notícias
- 23.05 — Telenovela — «Vereda Tropical».

Quarta 3

RTP1

- 11.00 — Sumário
- 11.05 — Memória de um Povo
- 11.30 — Espaço 11/13
- 12.30 — Telenovela — «Vereda Tropical»
- 13.15 — Jornal da Tarde
- 15.00 — Desenhos Animados
- 15.35 — Série — «O Homem Montanhês»
- 16.05 — Série — «Duarte & C.ª»
- 17.00 — Dia-a-Dia
- 18.00 — Sumário
- 18.05 — Tempo dos Mais Novos
- 18.45 — País, País
- 19.15 — Telemundo
- 19.15 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.30 — Boletim Meteorológico
- 20.35 — Telenovela — «Corpo a Corpo»
- 21.30 — Noite de Cinema — «Quando ele era ela...»
- 23.25 — Últimas Notícias.

RTP2

- 16.30 — Europa TV
- 20.00 — Notícias
- 20.05 — Conheça Melhor
- 20.30 — Esta Terra tão Frágil
- 21.25 — Notícias
- 21.30 — Foi Êxito na TV — «Gente Fina é Outra Coisa»
- 22.15 — Últimas Notícias
- 22.20 — Telenovela — «Vereda Tropical».

Proletários de todos os países: UNÍ-SE!

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

A VENDA

Festa do Avante.86

Alto da Ajuda - 5, 6 e 7 de Setembro

- Intensifica-se a luta de massas. É preciso fortalecer o Partido
- Festa do «Avante!» uma Festa que é um país inteiro!
- Algumas experiências da campanha por uma mais intensa formação de quadros
- Assembleia da República — Uma sessão legislativa das mais positivas
- A 10.ª Conferência da Reforma Agrária. Os governos caem, a Reforma Agrária continua

Cinema A selecção

		António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A	Alice Já Não Mora Aqui	★★★	★★★★	★★★	—	★★★
B	África Minha	★★★★	★★★	★★★	★★★	★★★
C	Os Amigos de Alex	—	—	—	★★★★	★★★
D	O Ano do Dragão	★★★★	★★★	★★★	★★★★	★★
E	A Casa Encantada	—	—	★★★	—	★★★
F	Era Uma Vez na América	★★★★	★★★★	★★★★	★★★	★★★★
G	Nova York Fora de Horas	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★
H	Revolução	—	—	★★	★★	★★
I	Sangue Por Sangue	—	—	★★★	★★★	★★
J	Terror na Auto-Estrada	—	★★★	★★★	—	★★★★

- Classificação de * a *****
- A — Real. Martin Scorsese — Cine 222 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — Lisboa.
 - B — Real. Sidney Pollack — S. Jorge/2 (14.15, 17.30, 21.30) — Lisboa.
 - C — Real. Lawrence Kasdan — Nimas (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — Lisboa.
 - D — Real. Michael Cimino — Amoreiras/2 (13.45, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15) Lisboa.
 - E — Real. Alfred Hitchcock — Quarteto/2 (14.30, 16.45, 19.00, 21.30), — Lisboa.
 - F — Real. Sérgio Leone — Berna (15.00, 21.00) Lisboa.
 - G — Real. Martin Scorsese — Estúdio 444 (15.00, 17.00, 19.00, 21.30), Quarteto/3 (14.30, 16.45, 19.00, 21.30) — Lisboa.
 - H — Real. Hugh Hudson — Alfa/2 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15); Amoreiras (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) — Lisboa. S. João (18.45 e 21.45) — Porto.
 - I — Real. Joel Coen — Quarteto/1 (14.30, 16.45, 19.00, 21.30), Xenon (14.15, 16.30, 19.00, 21.30) — Lisboa.
 - J — Real. Robert Harmon — Hollywood/1 (14.30, 16.45, 19.00, 21.30, 23.45) — Lisboa.

Exposições



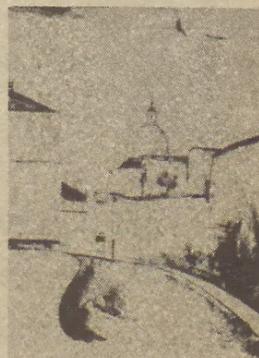
Carlos Botelho



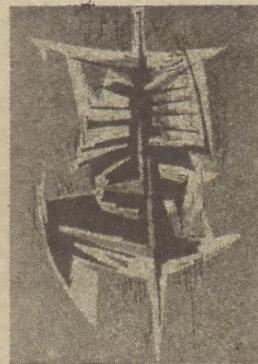
Sá Nogueira



Jorge Barradas



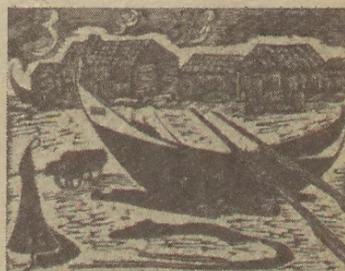
Nikias Skapinakis



António Charrua



Gretchen Wohlwill



Jorge de Almeida Monteiro

Artistas premiados na I e na II Exposição de Artes Plásticas Gulbenkian. Museu do CAM, Av. de Berna. 3.ª, 5.ª, 6.ª e dom./10.00 às 17.00; 4.ª e sáb./14.00 às 19.30 (até 2/9).

Colectiva de pintura (Dário Alves, Isabel Garcia, João Nascimento). Livr. Bertrand, R. Garrett. De 2.ª a 6.ª/10.00 às 19.00.

Colectiva de pintura e gravura (Charlers de Almeida, Manuel Cargaleiro, etc.).

Gal. Multifaces, Centro Comercial Gemini. Das 10.00 às 14.00 e 15.00 às 19.00.

Escultura Africana em Portugal. Museu de Etnografia, Av. da Madeira (ao Restelo). De 3.ª a dom./10 às 12.30 e 14 às 17 (até Dezembro).

III Exposição de Artes Plásticas da Fundação Gulbenkian, de 3.ª a sáb. das 15.00 às 19.00, dom. das 10.00 às 17.00.

Gente de Palco-II Acto-Desenho Teatral. Museu Nacional do Traje. Estrada do Lumiar, 10. De 3.ª a sáb. Das 10.00 às 13.00 e das 14.30 às 17.00; dom. das 10 às 13 e das 14.30 às 18.00.

A Guerra Civil de Espanha e a Morte de Garcia Lorca. Biblioteca Nacional, Campo Grande. De 2.ª a 6.ª/10.00 às 13.00 e 14.00 às 17.00.

Maria Isabel Barreno, painéis bordados. Livraria Interlivro, Rua Pedro Nunes, 9-A. De 2.ª a 6.ª, das 15.00 às 19.00 (até 30/9).

Mena Brito, pintura. Centro de Dança Armando Jorge, Av. João Crisóstomo, 6-A. Até fim de Setembro.

Museu da Água Manuel da Mala, Mãe de Água das Amoreiras, Pr. das Amoreiras, 10. De 3.ª a 6.ª das 13.00 às 17.00.

Postais Ilustrados de Lisboa do Princípio do Século. Biblioteca Nacional, Campo Grande. De 2.ª a 6.ª/10.00 às 13.00 e 14.00 às 17.00 (até 5/9).

Cristovam Dias, fotografia. Gal. JN, R. Gonçalo Cristóvão, 195. De 3.ª a 6.ª/14.30 às 19.30. PORTO.

Instrumentos Musicais Populares. No Centro de Artes Tradicionais do Porto, organizado pelo Museu de Etnologia. De 3.ª a dom./10.30 às 19.00.

(até Setembro) PORTO.

Stella de Brito, pintura, tapeçaria e escultura. Hotel Alvor Praia (até 15/9). ALVOR.

Pissarro, pintura e desenho. Gal. do Hotel Albatroz, Rua Frederico Arouca, 100. Das 10.00 às 23.00 (até 13/9). CASCAIS.

Anibal Sequeira, fotografia. Casa da Cultura CALDAS DA RAINHA.

Lao Chin (China), escultura em barro. Museu José Malhoa CALDAS RAINHA.

Colectiva de Fotografia, Coop. Agora, 12, Simões Castro (Até 15/9) COIMBRA.

Música — Manuscritos e Edições do arquivo da Biblioteca Geral da Universidade COIMBRA.

Ana Branca, José Tomás Féria e Viriato, pintura. Livraria Universal, Centro Comercial (até fim de Setembro). S. PEDRO do ESTORIL.

A Europa na gravura do séc. XVIII (intern.). Até Dezembro, Palácio Nacional MAFRA.

Trajes Palacianos, Palácio Nacional de Mafra (até Setembro) MAFRA.

Trinta Anos de Pintura, de Manuel Cargaleiro. Casino da Póvoa

do Varzim. PÓVOA DO VARZIM.

D. Pedro IV Pedro I do Brasil — Sua época (até 30/9). Palácio Nacional QUELUZ.

Bonecas («Revivalismo de Noventa») de Ana Cassiano. Museu de Arqueologia e Etnografia SETUBAL.

Ourivesaria — Coleção do Palácio Nacional da Pena. Palácio da Pena SINTRA.

V Bial, colectiva de Artes Plásticas (até 7/9) VILA NOVA DE CERVEIRA.

Cartazes, 40 cartazes, do concurso organizado pelo Secretariado do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, na Cooperativa Árvore, Das 14.00 às 23.30. PORTO

Fotografia, (des)construções, de Américo Silva. Na Cooperativa Árvore, das 14.00 às 23.30. PORTO

...e ainda

Música, debates, etc.



Valongo: festa de verão em campo

A Comissão de Freguesia de Campo (Valongo) promove, nos próximos dias 30 e 31 de Agosto, junto ao campo da bola a «Festa de Verão».

Do programa consta a actuação do grupo rock «Expresso», do Rancho Regional de Campo e ainda do ventríloquo Valdze.

Haverá uma intervenção sobre a actual situação política, a cargo do camarada Edgar Correia, membro suplente da Comissão Política do Comité Central do Partido.

A Festa de Verão conta naturalmente com o habitual serviço de comes-e-bebes sempre indispensável nestas festas.

Jazz em Agosto

Hoje, último espectáculo da série «Jazz em Agosto 86», no anfiteatro ao ar livre da Fundação Gulbenkian, com a actuação, a partir das 21.30 h do Trevor Watts Moiré Music, composto por Trevor Watts (sax alto e soprano), Simon Picard (sax tenor e soprano), Lol Coxhill e Pete PePhail (sax soprano e soprano), Peter Knight e Steve Cooke (violinos), Llam Genockey (bateria), Nana Tsiobé (percussão), Vervam Weston (piano) e Paul Rodgers (baixo eléctrico).

Música nos Capuchos

No dia 30, no Convento dos Capuchos, encerramento do 8.º Festival de Música, com um recital de piano por Sequeira Costa, que executa obras de Beethoven, Liszt, Debussy e Albeniz.

Teatro

O Cartaz

• LISBOA

ABC, Parque Mayer. De 3.ª a sáb./20.30 e 22.45, dom./16.00 e 20.30. Lisboa, Tejo e Tudo, de César Oliveira, Solnado, Fialho Gouveia, enc. César Oliveira.

A Barraca — R. Alexandre Herculano, 70. De 3.ª a sáb. 21.30, sáb. e dom. 16.00. Calamity Jane, dramaturgia e enc. de Helder Costa.

Casa da Comédia, R. S. Francisco de Borja, 24. De 3.ª a S1B/21.45. A Bela Portuguesa, de Agustina Bessa-Luis, enc. Filipe La Féria.

CAM, Centro de Arte Moderna. 6.ª e sáb. às 15.00. O Fim de António Patrício, enc. de Jorge Listopad. Ciclo Retorno à Tragédia, 18.30: Reposição de Frei Luis de Sousa, de Almeida Garrett, enc. Jorge Listopad.

Comuna — Pç. de

Espanha, Sala Nova — De 3.ª a sáb./21.30, dom./17.00. Touro, de Abel Neves, enc. João Mota — Comuna.

Maria Matos, Av. Frei Miguel Contreiras. De 3.ª a sáb. 20.30 e 22.45, dom. 16.00, 20.30 e 22.45. Isto é Maria Vitória, de H. Santana, Nicholson, Bracinha, M. Zambujal. Enc. Ivone Silva.

Teatro do Século, Rua do Século, 41. Sala 2 — De 4.ª a sáb./21.45,

dom./18.30. Os Negros, de Jean Genet, enc. Rogério Carvalho. Sala 1 — De 5.ª a sáb./18.30. Viagem para a Felicidade, de Franz Xavier Kroetz, enc. Rogério Carvalho, interpr. Lucinda Loureiro.

Variedades, Pç. Mayer. De 3.ª a dom./21.45, sáb./16.00. Um Coronel em Dois Actos, adapt. Francisco Nicholson, enc. Varela Silva.

Para Crianças

• LISBOA

Padrão dos Descobrimientos, Belém, sáb./18.00, dom./11.00. Fecha os Olhos... Entra na História, de Alexandra Solnado, enc. Joselita Alvarenga.

Grupo de Teatro Malzum, Rua dos Poiais de S. Bento, 75 B-2.ª; Dom. às 16.30. A Rua dos Fantasmas, de Javier Villafañe.

Tempo Fim de Semana



Segundo a previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica para o próximo fim-de-semana, o céu apresenta-se pouco nublado, apresentando-se muito nublado durante a madrugada e manhã no litoral a norte do Cabo da Roca. Vento fraco a moderado, neblinas matinais. Temperatura sem alteração significativa.

a TV

A canção e o oportunismo

Agora chamam-lhe **diáspora** como quem, com palavras bonitas, mais não pretende que esconder uma realidade muito triste, como é a da emigração.

Só por necessidade se emigra, com tudo quanto isto significa de arrancar raízes, de desfazer laços familiares e comunitários, correr para a incerteza, para a incomodidade e, quantas vezes, para a destruição...

Sabe-se como, longe de uma pátria, os portugueses continuam ligados à sua gente, ao seu povo, às suas tradições. Em França, no Brasil, na Alemanha, etc., grupos de portugueses organizados mantêm vivas as raízes ancestrais da sua cultura.

Ora o Festival da Canção Migrante não reflectiu, no mínimo, essa realidade. Em muitos aspectos foi doloroso de ver. O lamentável conheceu a sua máxima expressão na exibição, em **mano a mano**, de dois cançonetistas da velha guarda, expoentes de uma expressão ultrapassada.

O aproveitamento político foi público e notório. E não há nada mais degradante do que o oportunismo disfarçado de patriotismo...

D. Sebastião da CEE perdido no nevoeiro?...

Era um programa dedicado às relações entre a agricultura portuguesa e a CEE, particularmente no domínio do cooperativismo e da representação da classe. Pormenor: foi salientada a presença da CAP num conselho de peritos europeus. Pelo que, como se vê, a agricultura portuguesa está bem representada...

A largada foi a participação do eng.º Carvalho Cardoso, nunca se chegando bem a perceber, se ele queria fazer uma pergunta (ao representante do organismo centralizador cooperativo da CEE) ou fazer um discurso. Ele pretendia saber quando é que vinham as ajudas porque, com ajudas, será bom; sem ajudas «será uma catástrofe...».

Por aqui, e contabilizando os «ses», se pode avaliar como a integração na CEE foi uma levandade que teve mais a ver com pressupostos políticos do que com o interesse nacional.

Um dos temas debatidos foi o da planificação. O ideal será que cada país produza o que for mais rendível. Mas o patrão cooperativo da CEE disse que sim, a longo prazo. «Estamos — disse — perante o possível perigo da renacionalização da agricultura europeia, com custos muito elevados».

Traduzindo: as contradições do mundo capitalista não são uma palavra vã e não há que «alimentar falsas esperanças». A História ensina-nos que as tentativas de planificação na sociedade classista apenas favorecem os mais fortes.

Assim é que, mesmo diante das objecções levantadas pelo patrão cooperativo europeu, ainda ouvimos o mesmo Carvalho Cardoso afirmar que «Portugal terá de abandonar a produção de cereais e leite em certas zonas...». Isto enquanto o mesmo senhor afirmava que «os excedentes estão a prejudicar gravemente a política económica da CEE». Como depois viemos a saber, a Portugal está reservado o destino da produção horticola e florestal...

Os agricultores portugueses começam a dar-se conta que os meteram num barco furado, com pompa e circunstância. Disseram-lhes que era D. Sebastião que aí vinha, numa manhã de nevoeiro. Mas o nevoeiro é tão cerrado que até já há quem fale, não em D. Sebastião, mas em catástrofe...

Quem diz fascismo, diz crime

Europa TV ofereceu-nos um precioso documentário sobre a violência racista que se manifesta em França.

Imagens impressionantes de familiares que choram a morte de tantos jovens cujo crime fora... ser árabe.

O documentário dirigia-se principalmente à denúncia da cobertura legal que protege os assassinos. Há inúmeros casos em que o julgamento, sucessivamente protelado, ameaça eternizar-se. Noutros casos, a sentença por crime de morte, vai até aos seis meses de cadeia. Noutros ainda, a pena fica pura e simplesmente suspensa...

Fala-se muito no carácter xenófobo e racista do povo francês, o documentário contribui para combater essa perigosa e falsa generalização.

Por um lado, mostra-nos que os autores da violência racista são indivíduos de formação (e muitos com currículo) fascista. Por outro, assistimos a grandes manifestações populares contra a violência racista exercida principalmente sobre os árabes. Por outro lado ainda, a pressão da opinião pública francesa está a conseguir sucessivas vitórias para que justiça rápida e severa seja feita.

Os que se mostram tão liberais no que respeita ao combate de ideologia fascista, têm aqui boa altura de reflexão...

■ **Ulisses**

Síntese semanal da IMPRENSA

Cavaco, anjos e outras frivolidades

Esta semana, decidimos ir na onda soprada pelo discurso de Cavaco Silva no Algarve e, por isso, aí fica um breve ramalhete de alusões avulsas ao Primeiro-Ministro, algumas muito instrutivas. E, a terminar, oferecemos aos leitores uma nova oportunidade de, uma vez por todas, se convencerem de que o grande conflito que atravessa e marca a sociedade portuguesa é, nem mais nem menos, que o conflito «Lisboa-Norte». Para tanto, publicamos alguns extractos de um artigo de Marcelo Rebelo de Sousa, conhecido estorilista, onde, certamente inspirado por «A Queda de um Anjo» de Camilo Castelo Branco, nos conta algumas das horríveis coisas que Lisboa pode fazer a «um político do Norte, sólido, robusto, convicto, operoso».

Cavaco e o «marketing»

Há, neste momento, em Portugal, muitos que já apostam na queda do actual Governo.

Há, por outro lado, outros tantos que esperam dele milagres, que nem a imagem de taumaturgo impressa ao Primeiro-Ministro conseguiria inculcar.

Entre uns e outros se situam aqueles que, com realismo, não acreditam em milagres (que os não haverá!) nem em taumaturgos (que nem o melhor carisma o pode valer), mas também se recusam a querer a demissão do doutor Cavaco Silva.

Não é um Governo ideal, comete erros, abusa do «marketing», por vezes dá a sensação de considerar-se monopolista do saber, da inteligência, do maquiavelismo com temperos tecnocráticos — dirão muitos e porventura com razão. (...) (Marcelo Rebelo de Sousa, no «Semanário» de 23.8.86)

Cavaco, o Verão e o Telejornal

Conforme neste jornal se noticiou, há algumas semanas, o Governo tencionava usar politicamente o Verão, acentuando a sua imagem de eficácia e dinamismo e semeando, sob seu controlo, os ventos da grande tempestade do Outono.

Fazia-o, porque não tencionava perder, em circunstância alguma, a liderança do processo político e porque previa, a partir dos dados disponíveis, que a Oposição estaria inerte, politicamente em férias.

O Governo tinha razão e tem agido com mestria. Os ministros que não se encontram em férias viajam e visitam o quanto basta, dominando subtilmente os telejornais, vazios de notícias políticas nacionais. (APL, no «Semanário» de 23.8.86)

Cavaco, os States e Nixon

(...) Dentro de pouco mais de uma semana visitará os EUA, com grande encenação, percorrendo toda a administração de Ronald Reagan a Weinberger, passando pelo simpático Bush.

Estará, além disso, com alguns nomes conhecidos da ala direita do Partido Republicano — os chamados «falcões».

Único senão da viagem — a ideia do encontro com Richard Nixon, um indomável lutador, mas também o inesquecível «Trickie Dikie», que teve de deixar a Casa Branca sob o signo de tudo menos uma imagem de honestidade, transparência, limpidez política. (...) (MRS no «Semanário» de 23.8.86)

Cavaco e trocas patrióticas

Cavaco Silva poderá propor às autoridades americanas a troca de facilidades aos bancos privados pelo fornecimento de equipamentos militares, no decurso da visita que efectuará, no início de Setembro, a Washington, informaram, esta semana, fontes diplomáticas. (...) («Semanário», de 23.8.86)

Cavaco e a mentira

(...) Entretanto, o que, a nosso ver, merece ser anotado, é que desde o 25 de Abril talvez nunca como agora, com Cavaco Silva e o seu governo minoritário, se tenha assistido a um investimento tão intenso, tão completo, tão articulado e tão friamente premeditado na mentira como instrumento de acção política.

Com isto queremos dizer que não se trata já de um primeiro-ministro e de um governo que

mentem, ainda que com frequência, em assuntos fundamentais, ou que por força de mentirem há tantos anos, já mentem julgando sinceramente que falam verdade ou inspirados por firmes convicções íntimas.

Trata-se mais exactamente de um primeiro-ministro e de um governo que **sabem que mentem**, que estudaram e conceberam premeditadamente a utilização da mentira em função das suas necessidades políticas, que se empenharam conscientemente na construção de um discurso político, de uma encenação propagandística e de uma densa cortina de aparências, não apenas em divórcio da realidade e dos factos, mas precisamente para os escamotear e para lhes retirar existência política. (...) (Vasco Pinto de Moraes, em «o diário» de 24.8.86)

Lisboa, fatal cidade

(...) Chega um político do Norte, sólido, robusto, convicto, operoso.

Lisboa envolve-o de «charme». Convida-o para os cocktails e as recepções. Atrai-o às embaixadas. Obriga-o a novas indumentárias e mais agitada vida social. Muda-lhe a aparência e sofisticada-lhe os gostos. E, ao mesmo tempo, abafa-o com uma burocracia que o paralisa. Explica-lhe que não pode ser tido como líder regionalista, precisa de assumir uma «alma» nacional (leia-se lisboeta). Torna-o colunável numa televisão e numa rádio, que continuam a ser muito centralizadas. Disseca-o numa forte imprensa semanal, que é ainda hoje o retrato da Lisboa bem pensante.

Em menos de seis meses, o político nortenho mais eremita está convertido na coqueluche dos jantares sociais. Está transformado num candidato a lisboeta honorário. Está peado da sua energia, do seu gás, da sua teimosia.

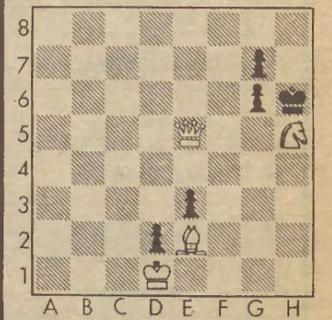
Pode continuar a ir ao Norte semanalmente. Pode manter o sotaque e acentuar a convicção.

É tudo questão de tempo: da «Yorkhouse» mudará para um apartamento arrendado ou comprado; de semanais, as idas passarão a quinzenais; a mulher e os filhos, de início recalcitrantes, breve se vão convencendo de que o seu destino é acompanhar o futuro líder nacional; de vulto fechado e inconquistável converter-se-á em personalidade seduzida pelos lustres dos palácios, pelos salões dos hotéis, pelos convites insistentes das senhoras da sociedade, pelo elogio retorcido dos comentadores políticos, pela subserviência hipócrita dos acólitos do poder lisboeta.

Dir-se-ia que, conhecedora das suas fraquezas intrínsecas, Lisboa desenvolveu e maturou virtualidades conquistadoras insuspeitadas. (...) (Marcelo R. de Sousa, no «Semanário» de 23.8.86)

Xadrez

LXVI — 28 de Agosto de 1986
PROPOSIÇÃO N.º 66
Por: E. PAPE
«L'Échiquier Marseillais», 1927
Pr.: (5): Ps. d2, e3, g6, g7-Rh6



Br.: (4): Ch5-Be2-De5-Rd1
Mate em 2 lances

NOTA: Na PROPOSIÇÃO N.º 63 (7.VIII.86) falta um Peão em g5!

JOGO N.º 66
Torneio de AVRO, Amsterdão, 1938

Br.: M. Botvinnik
Pr.: J. Capablanca

1. d4, Cf6; 2. ç4, e6; 3. Cç3, Bb4; 4. e3, d5; 5. a3, Bç3+; 6. bç3, ç5; 7. ç:d5,e:d5; 8. Bd3, 0-0; 9. Ce2, b6; 10. 0-0, Ba6; 11. B:a6,C:a6; 12. Bb2, Dd7; 13. a4, Tf8; 14. Dd3,ç4; 15. Dç2, Cb8; 16. Tae1, Cç6; 17. Cg3, Ca5; 18. f3, Cb6; 19. e4, D:a4; 20. e5, Cd7; 21. Df2, g6; 22. f4, f5; 23. e:f6, C:f6; 24. f5,T:e1; 25. T:e1, Te8; 26. Te6, T:e6; 27. f:e6, Rg7; 28. Df4, D:e8; 29. De5, De7; 30. Ba3, D:a3; 31. Ch5+g:h5; 32. Dg5+, Rf8; 33. D:f6+, Rg8; 34. e7, Dç1+; 35. Rf2, Dç2+; 36. Rg3, Dd3+; 37. Rh4, De4+; 38. Rh5, De2+; 39. Rh4, De4+; 40 g4, De1; 41. Rh5 e as Pr. abandonam!

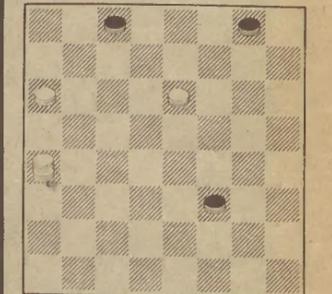
SOLUÇÕES DO LXVI

CHAVE: 1. Dh2!
1. ..., Rg5; 2. Df4 mate
1. ..., Rh7; 2. Cf6 mate
1. ..., g5; 2. Cf4 mate
1. ..., g:h5; 2. D:h5 mate

A. de M. M.

Damas

LXVI — 28 de Agosto de 1986
PROPOSIÇÃO N.º 66
Por: Henrique da Cunha — Porto
«Revista Portuguesa de Damas»,
1.II.1940



Br.: (16)-22-24 Pr.: 10-29-31
Jogam as brancas e ganham

JOGO N.º 66
Campeonato Nacional — Apuramento
Almada, 6.IV.1986
(2.º Jogo)

Br.: José Pereira
Pr.: Medalha da Silva

1. 12-15,21-17; 2. 8-12,25-21; 3. 10-14,22-18; 4. 6-10,27-22; 5. 2-6,23-20; 6. 10-13,17-10; 7. 6-13,20-16; 8. 5-10,28-23; 9. 13-17,22-19; 10. 15-22,26-19; 11. 17-26,29-22; 12. 14-21,30-26; 13. 21-30=D,32-28; 14. 30-20,24-6; 15. 10-13,6-2=D; 16. 13-17,22-18; 17. 17-21,19-14; 18. 21-26,28-23; 19. 12-15,2-24; 20. 9-13,18-9; 21. 7-12,16-7; 22. 4-18,24-11; 23. 26-30=D empate!

GOLPE N.º 66
Por: Robert Yates, USA Séc. XIX
1. 10-14,22-16; 2. 5-10,23-20; 3. 12-16,20-15; 4. 11-20,24-15; 5. 14-19,18-14; 6. 1-5,21-18; 7. 7-12,14-11; 8. 16-20,18-14; 9. 20-24,25-21; 10. 10-13? Perdente! J. Pr. G. (Br.: 2-3-4-5-6-8-9-12-13-19-24 Pr.: 11-14-15-21-26-27-28-29-30-31-32 J. Pr. G.)

NOTA: Na proposição n.º 63 (7.VIII) há um Peão Preto em 28 e não em 23!!!

SOLUÇÕES DO LXVI
N.º 66 (H da C): 22-26,29-22; 16-27,22-19; 24-28!, 31-22 (Qualidade); 28-31 ++

GOLPE 66 (R.Y.): 10 ..., 14-10; 11. 5-14,11-7; 12. 4-20,28-23; 13. 19-28,32-7; 14. 3-12,21-18; 15. 13-22 ou 14-21,26-3=D ++
A. de M.M.





da festa!

ALTO DA AJUDA • 5, 6, E 7 SETEMBRO

Avante!

Director
António Dias Lourenço

SUPLEMENTO N.º 9

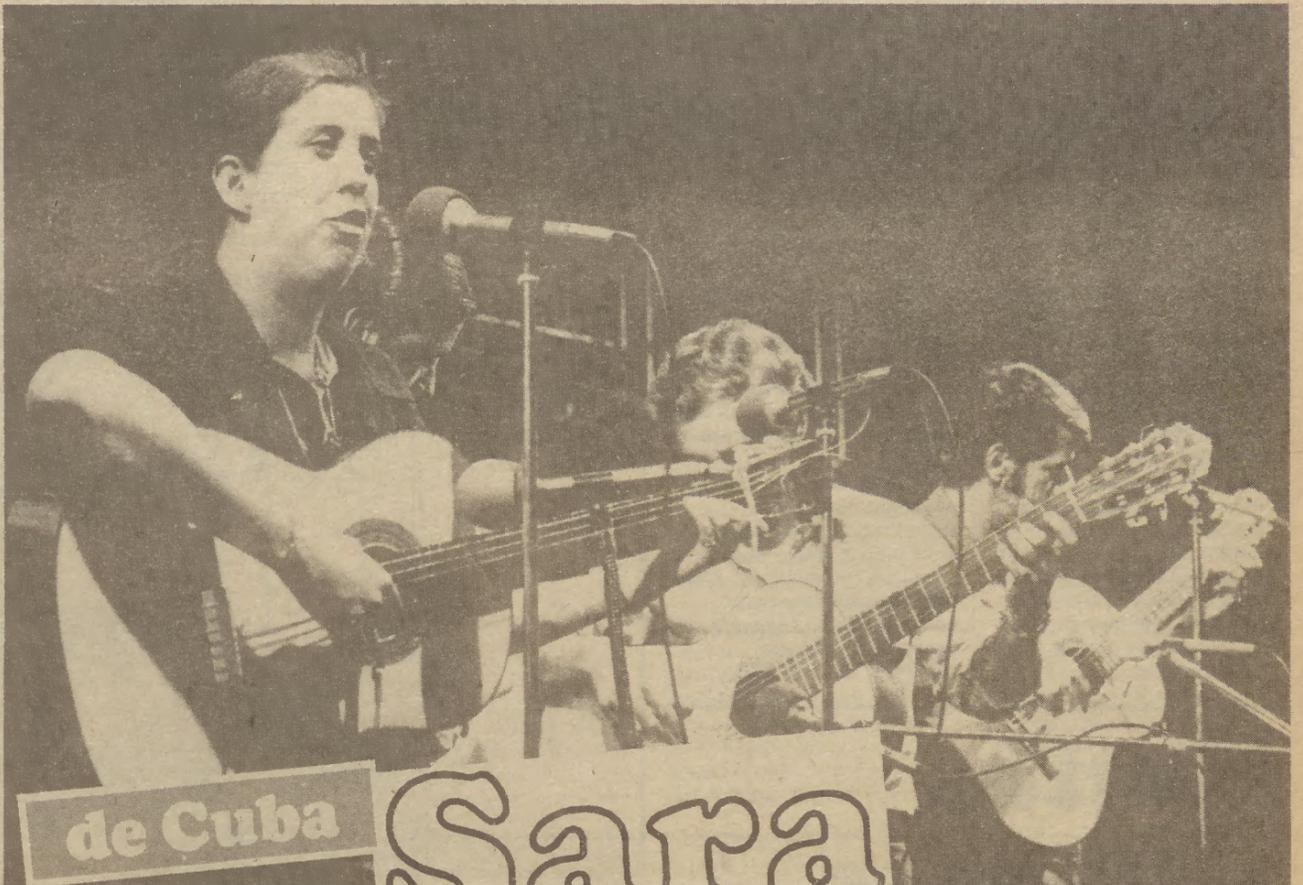
28 de Agosto de 1986

Não pode ser vendido
separadamente

Faltam

8

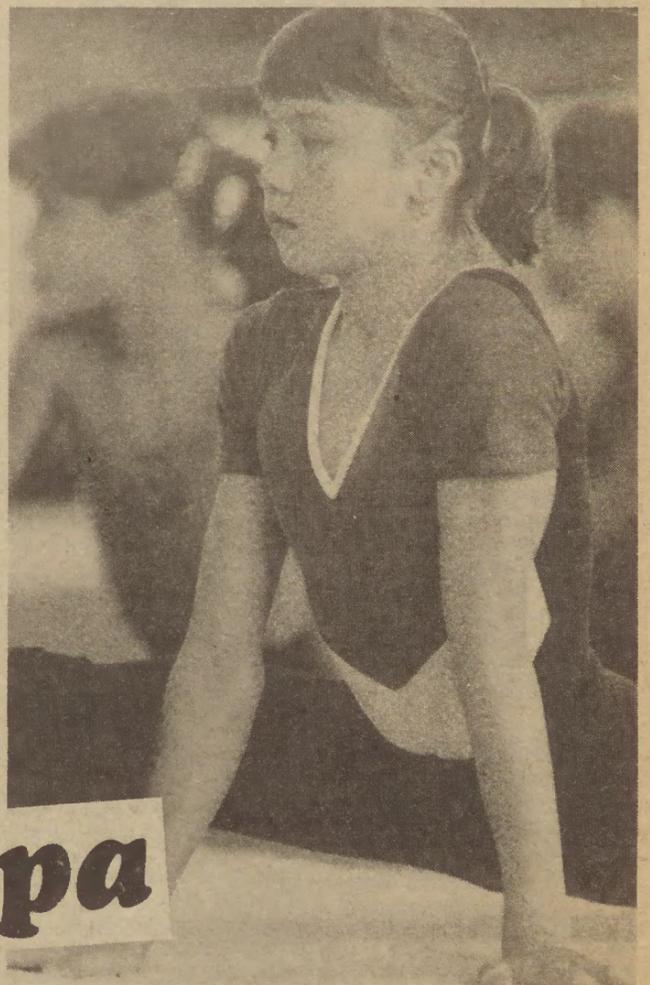
dias



de Cuba

Sara Gonzalez

no Alto da Ajuda



Campeões da Europa

Comprar a EP

Você que nos está a ler. Já comprou a sua Entrada Permanente para a Festa do «Avante!»? É que estamos apenas a uma semana da sua abertura e o melhor nestas coisas é fazermos hoje aquilo que hoje podemos fazer.

Comprando a EP nos Centros de Trabalho do PCP ou dirigindo-se a qualquer camarada que esteja com esta tarefa, poupa o seu tempo e um bom bocado da sua paciência.

É que só assim poderá evitar as bichas que anualmente se formam junto às bilheteiras da Festa. Só assim evitará estar mesmo ao lado da Festa e não poder nela participar durante um bom par de minutos.

E se ainda não se convenceu a comprar esta Entrada Permanente, lembremos-lhe que ela custa apenas 400 escudos e que dá direito aos três dias da Festa, pelo que se torna mais económica do que o bilhete simples.

Mais um aliciante se vem juntar a todos os outros. É que no último dia, domingo, serão sorteados dois números da EP. Um dá direito ao primeiro prémio a que todos os que a tenham se habilitam automaticamente, o outro ao segundo prémio. O primeiro prémio é constituído por uma **aparelhagem de alta-fidelidade Pioneer composta por um amplificador/gravador, por um rádio digital, um gira-discos e por duas colunas de três altifalantes cada uma.** Este prémio é ainda composto por **100 mil escudos em livros e discos comprados nas livrarias CDL.**

Quanto ao segundo prémio, ele comporta uma aparelhagem exactamente igual com a qual o primeiro prémio é contemplado. Além disso, o vencedor pode comprar **50 mil escudos de livros e discos em qualquer livraria CDL.**

Muitos milhares chegam de camioneta

São já muitos os milhares de pessoas que uma vez mais utilizam as excursões promovidas pelas diversas organizações do Partido para se deslocarem ao Alto da Ajuda durante os dias da Festa.

Até ao momento, e numa altura em que começam a chegar os inevitáveis retardatários, estão já asseguradas cerca de **duas centenas de excursões.** Este número torna bem claro qual é o método preferido por um bom número de pessoas para virem até à cidade que anualmente se ergue dentro da cidade. Há várias razões que imperam para esta escolha. A primeira das quais é o custo de vida. Com as passagens caras como estão, só mesmo desta forma se pode vir — tantas vezes de pontos do País tão afastados — à Festa do «Avante!».

Depois, ainda há o convívio que invariavelmente se gera entre os excursionistas ao longo do percurso. Uma oportunidade para melhor se conhecer quem connosco luta.

Finalmente, uma razão que não é inferior a todas as outras. A da comodidade. Uma vez que as camionetas das excursões têm um parque especial perto do

recinto da Festa, o que evita que se esteja à procura de um lugar para o carro, no caso de ele existir, ou nas bichas para o autocarro que, apesar de as carreiras serem reforçadas durante os três dias, se tornam inevitáveis. Mas, como dissemos, contam-se já por cerca de duas centenas de excursões que de um pouco por todo o País convergem para a semana em direcção ao Casalinho da Ajuda.

Tal número demonstra bem — também neste campo — o enorme êxito que desde já a décima primeira edição da Festa do «Avante!» constitui. No entanto, não há bela sem senão. Uma grande parte dos milhares de excursionistas que neste momento já estarão a embalar a trouxa rumo à Festa do «Avante!» ainda não comprou a sua Entrada Permanente.

Uma falha que urge superar quanto antes. E se você que nos está a ler se encontra neste caso, agora já não tem desculpa nenhuma para não ir a correr a um Centro de Trabalho do Partido comprar a sua EP. Se estava esquecido, acabamos de o lembrar. Avie-se que só faltam oito dias e assim tem a certeza de se furtar às bichas que se formam junto às bilheteiras.

Estamos apenas a oito dias da abertura da Festa do «Avante!», o que significa que apenas nos restam cerca de 192 horas de trabalho. Em todos estes minutos, dois dias há, que se revestem de particular importância. Sábado e Domingo. O último fim-de-semana do trabalho de erguer a Festa. Um fim-de-semana em que todos os minutos têm de ser multiplicados por muitas

centenas — tal como aconteceu na última jornada de trabalho que obteve uma boa resposta por parte das organizações do Partido — e em que todos devem participar com empenhamento e esforço redobrados. Por isso, a palavra de ordem para este fim-de-semana

pode muito bem ser: todos à Ajuda. Todos à Ajuda que ainda há muito que fazer, pelo que, se bem que o aspecto do terreno seja já compostinho, mais importante do que a visitar é deslocarem-se até junto dos camaradas que vos esperam na entrada e que imediatamente vos distribuirão trabalho, desde a carpintaria à decoração, passando por uma multiplicidade de tarefas.

Trata-se de uma jornada de trabalho fundamental. Porque é a última. No entanto, durante a semana (já hoje, por exemplo) se podem dirigir ao Alto da Ajuda e colaborar no esforço final de erguer a Festa.

Boa resposta do Partido

No passado fim-de-semana, as organizações do Partido corresponderam prontamente ao apelo que lhes foi lançado no sentido de tornarem aqueles dois dias noutras tantas grandes jornadas. Daí que se tenha contado pelas muitas centenas o número de camaradas e de amigos que se deslocaram ao Alto da Ajuda para, voluntariamente, darem o seu contributo, o seu trabalho, a sua inteligência e a sua alegria.

E foi com todos estes ingredientes que durante dois dias um autêntico formigueiro cobriu cada palmo do terreno do Casalinho da Ajuda. As tarefas foram as mais diversificadas. Um pouco de tudo se fez, não só em

quantidade, como também em qualidade.

Só estes dois factores unidos podem dar o bom resultado que se obteve durante este fim-de-semana. Mais do que nunca, quem não tenha estado lá a trabalhar, ao passar pelo Alto da Ajuda já no final da tarde de domingo, notava o grande impulso que essas muitas centenas de pessoas deram à implantação do maior acontecimento político-cultural do País.

Lisboa e Setúbal foram, pelas razões óbvias, as organizações que mais camaradas trouxeram à Festa, mas nunca é demais lembrar o grande esforço feito pela juventude no sentido de participar em força nesta última jornada de trabalho. E um facto é que foram muitas as dezenas de jovens que deram o seu importante contributo no passado fim-de-semana. Pelo que se pode ver, a Festa do «Avante!» só é possível graças ao grande empenhamento e espírito de militância dos comunistas e de todos aqueles que com eles trabalham para a erguerem.

Por isso — e repetimo-lo — este último fim-de-semana que nos separa da Festa tem de constituir uma inequívoca expressão da vontade férrea dos comunistas.

Tem forçosamente de contribuir de uma forma decisiva para que tudo esteja a postos quando forem 19 horas da próxima sexta-feira, dia 5 de Setembro.

E é isso exactamente que vai acontecer. Com muito esforço, mas também com muita alegria.

da festa! que fazemos



Festival da Canção Juvenil é já um êxito



Está tudo a postos para que no próximo sábado, dia 5, da parte da tarde, se realize no Palco Lisboa a finalíssima do Festival da Canção Juvenil da Festa do «Avante!», uma vez que na última semana foram já apurados os finalistas que estarão presentes em representação de Portalegre, Évora e Castelo Branco.

Temos assim que, e ainda as portas da Ajuda se não abriram, esta inovadora iniciativa promovida pelo Partido Comunista Português e pela Juventude Comunista Portuguesa, constitui desde já um êxito.

Ao longo dos dois meses em que decorreram os muitos festivais destinados a apurar os jovens músicos presentes na Festa do «Avante!», participaram mais de 700 jovens.

Significativo também é o número de pessoas que a eles assistiu e que se pode dizer que foram cerca de duas dezenas de milhar.

Uma vez mais, o Partido Comunista Português reafirma na prática a sua vontade de impulsionar a música feita em Portugal e a juventude.

Castelo Branco

No Parque da Cidade, em Castelo Branco, realizou-se recentemente a final distrital local do Festival da Canção Juvenil da Festa do «Avante!». A **Banda do Jogral** e **Vitor Barata** foram os grandes vencedores do certame.

Participaram nesta iniciativa, que teve numeroso público composto essencialmente por jovens, se bem que as entradas fossem pagas a um preço simbólico de 50 escudos, três solistas e três conjuntos.

A **Banda do Jogral**, com o tema «Ais» foi a vencedora da categoria de conjuntos, sendo a música composta por António Romão com

arranjo do próprio grupo. Na categoria de solistas, o vencedor, **Vitor Barata**, interpretou um tema de sua autoria, «**Recado Premente**».

Participaram no concurso as bandas **Diz e Tal**, **Offside** e **Banda do Jogral** e os solistas **António Romão**, **Hermenegildo Duarte** e **Vitor Barata**.

Depois da votação do júri — composto por **João Teixeira**, poeta; **Lopes Marcelo**, escritor; **João Correia**, presidente do «Unidos do Tortosendo» e professor de educação musical; **Arlindo Diniz**, chefe de programação do Rádio Clube da Covilhã; **Fernando Paraíso**, membro da Assembleia Municipal da Covilhã e militante da JCP; **Elísio Carmona**, membro da Orquestra Típica Alcabastrense e da Rádio Juventude de Castelo Branco —, os concorrentes efectuaram um espectáculo que entusiasmou o público presente.

À venda no Alto da Ajuda

Quem vai à Festa, leva sempre dinheiro consigo, não só para as comidas e as bebidas, mas também para levar para casa qualquer coisinha que lhe lembre aqueles três dias. Isto acontece de ano para ano. Também de ano para ano, a Festa do «Avante!» edita diversos materiais que têm directamente a ver com esta iniciativa.

Será também assim nesta décima primeira edição da Festa do «Avante!». Lá estarão os **autocolantes**, os **emblemas**, as **canetas**, e os **isqueiros**. Lá estarão também as **medalhas comemorativas**, os **porta-chaves** e os **balões**. E as **t-shirts**.

Tudo com o símbolo da Festa. Tudo com aquele sol

colorido que ajudará a dar mais cor ainda ao Alto da Ajuda. Também à venda — e por apenas 2500 escudos — está a **serigrafia** da autoria do pintor cubano e presidente da Casa das Américas, **Mariano Rodriguez**. Uma serigrafia que foi executada por este grande artista especialmente para a Festa de 1984, em

que esteve presente. E depois, haverá ainda materiais das Festas anteriores. Materiais que certamente você comprou mas que é muito bem possível que tenha perdido. Ou então que foram vistos por algum amigo seu que as olhou com ar de quem os queria ter a enfeitar a casa. Esteja atento, que estarão um pouco por toda a Festa.



Retiro do fado

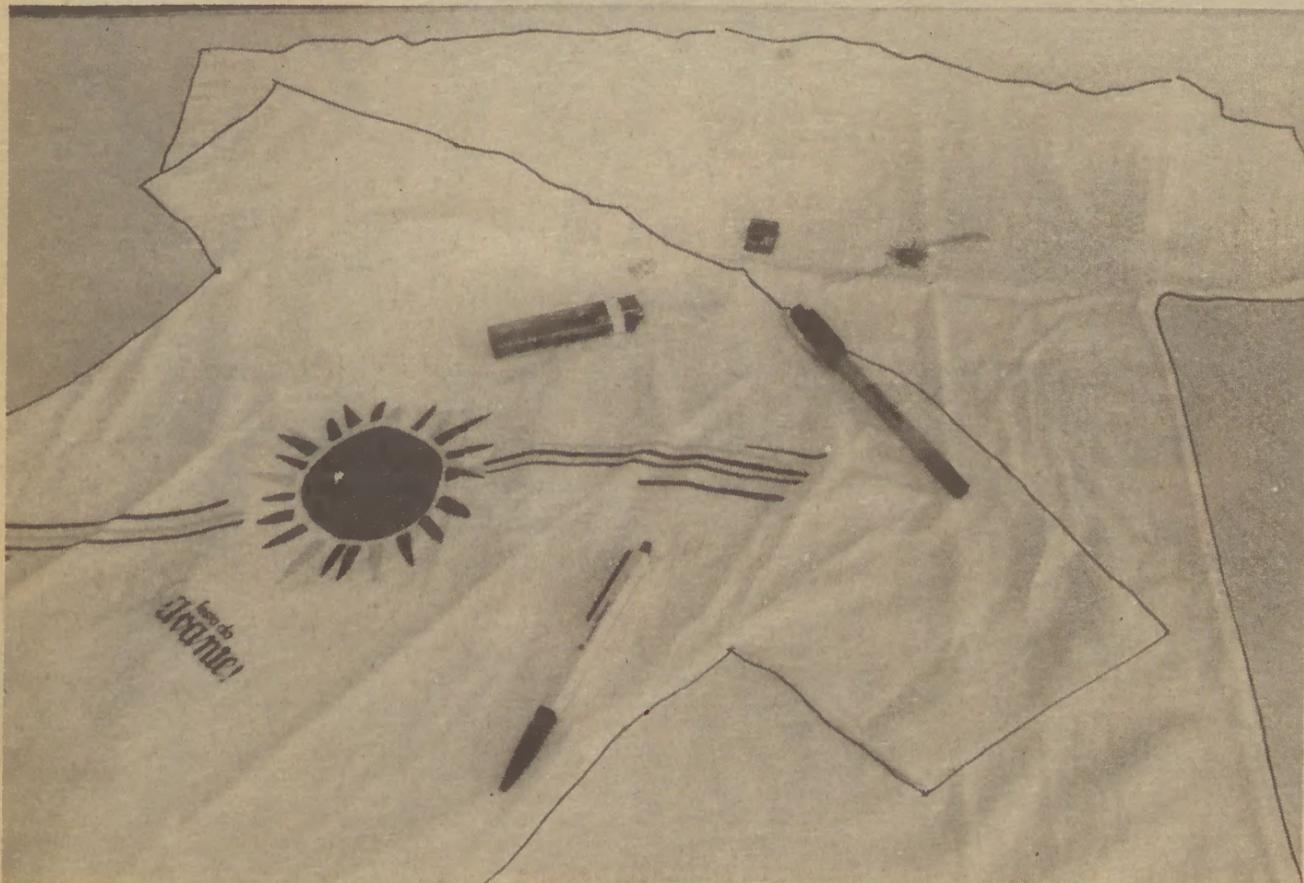
O fado estará presente na Festa do «Avante!», não apenas nas actuações de Carlos do Carmo no Auditório 1.º de Maio, mas também com um espaço próprio que encima o terreno do Casalinho da Ajuda.

Num primeiro andar, com vista panorâmica sobre toda a Festa, os apreciadores deste género do folclore urbano, têm à sua disposição o **Retiro do Fado**.

Trata-se de um espaço por onde passarão artistas profissionais e amadores, que contará com a presença de **Esmeralda Amoedo** e que terá uma noite de fado vadio, onde mesmo você poderá fazer a sua perninha se tiver a certeza de que não fará má figura.

No Retiro do Fado haverá ainda bons petiscos para se ir degustando ao ritmo dos acordes.

Lá estará o grupo **Fado de Abril**. Um grupo de amadores que desde há uns anos vem mostrando que o fado pode não ser aquela canção reaccionária que o fascismo tentou que fosse. Um grupo que é composto por **António Maia**, **César Pinto**, **António Coimbra**, **José Castanheira**, **Olimpio Lopes**, **José Rodrigues**, **Fátima Fernandes**, **Francisco Machado**, **Edmundo José** e **Luís Oliveira**, e pelos declamadores **Florentino Minhões**, **Mário Neves** e **Rosalina Pinho**. A encimar a Festa, com esplanada, fados e petiscos. É o Retiro do Fado.



«Gostava de vos ver aqui», diz ele numa das suas canções. Todos nós, por nosso lado, gostamos de o ver no palco, cantando como só ele sabe, o seu vasto e diversificado repertório. Intérprete de grandes recursos, **Paulo de Carvalho** é um nome que dispensa apresentações. A sua carreira é uma multiplicidade de caminhos percorridos (a percorrer), todos com assinalável resultado e sempre com a mesma qualidade, o mesmo empenhamento no enriquecimento da música portuguesa.

Começou nos «Sheiks», como baterista. Mas depressa a sua voz se impôs e foi a carreira de cantor que seguiu. Até hoje. José Carlos Ary dos Santos, Fernando Tordo, Carlos Mendes, Joaquim Pessoa, o espanhol Manolo Diaz. São apenas alguns dos nomes com quem já trabalhou.

O seu nome (se não bastasse todo o imenso trabalho já desenvolvido) ficará eternamente ligado ao tempo que vivemos, o tempo da liberdade. «E depois do Adeus» é uma fatia daquela madrugada libertadora.

O fado é um género em que ultimamente trabalha. Dois discos com enorme êxito atestam do resultado desta nova experiência.

Na Festa do «Avante!», esses e, por certo, outros caminhos estarão presentes. Paulo de Carvalho é imprevisível. Quanto a qualidade habituou-nos ao melhor. O espectáculo que nos vai oferecer este ano será, estamos certos, de grande qualidade.



Paulo de Carvalho

Oktoberklub

Presentes já por duas vezes na Festa do «Avante!», regressam novamente este ano. São um dos dois mil grupos de canção política existentes na República Democrática Alemã. São os **Oktoberklub**.

Compõem este grupo uma dezena de jovens estudantes e trabalhadores que, para além da sua actividade normal, cantam e tocam viola, banjo e instrumentos de percussão. Os membros do Oktoberklub fazem da sua actividade musical um prolongamento da sua atitude perante a vida. O internacionalismo que interpretam — cantando canções revolucionárias de vários países — é o mesmo internacionalismo que praticam. Em Berlim, o grupo é o organizador do célebre Festival da Canção Política.

O seu canto internacionalista passou, já, por terras de Cuba, da Bulgária, União Soviética, Polónia, Finlândia, França, e Itália. O Chile, onde estiveram pouco tempo antes do golpe sangrento de Pinochet, cantando ao lado de Vitor Jara no Festival da Canção Política de Santiago do Chile, é um dos seus temas centrais.

Da RDA, com o canto da Solidariedade, para com Portugal e todos os povos em luta, vão estar entre nós os **Oktoberklub**.

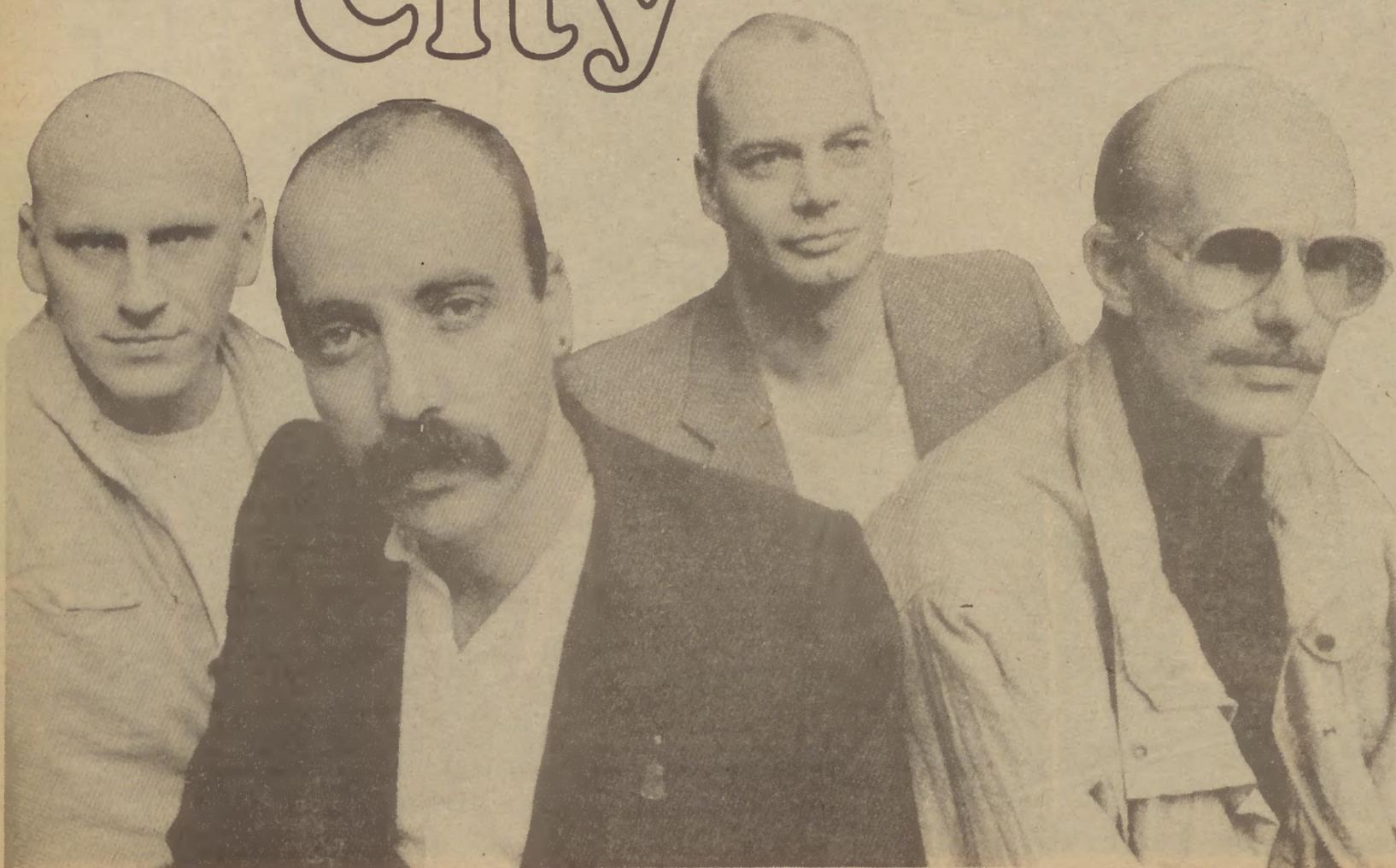


Rão Kyao

E se a música portuguesa fosse tocada por uma flauta mágica? Não é pergunta que se faça, pois isso já aconteceu e continua ainda a acontecer. Com **Rão Kyao**. Primeiro foi o saxofone, pelo menos é assim que a gente recorda. Depois a grande viagem ao oriente, donde trouxe o som, os sons, e um bambu, provavelmente, para que os sons atinjam essa vibração que só ele, em Portugal, sabe usar. Nascido em 23 de Agosto de 1948, em Lisboa, é de Lisboa a primeira música que ele reconhece tê-lo influenciado — o fado, nem mais. E mais tarde o jazz. E um saxofone. E as aulas no Conservatório. Ganha o jazz — Hot Club, Luisiana, sessões aqui e acolá. E mais tarde a França, até ao 25 de Abril. Primeiros discos — «Malpertuis», 1976; «Bambu», 1977. Um convite para Bombaim. Festival de Jazz. Enfim a Índia, e, a volta, o disco «Goa». Viagens. Regressos. Discos. «O Ritual», 1980. E depois de novo o fado a insinuar-se. Bailado, desta vez — «Fado Bailado», 1983. Depois «Estrada da Luz». E «Oásis». Uma flauta mágica na nossa Festa. Ou apenas um modo mágico de tocar?



City



O rock da República Democrática Alemã constituiu o ano passado uma grande surpresa, não só pelo

virtuosismo dos seus intérpretes, mas também pelo cuidado na apresentação ao vivo e pela qualidade dos temas interpretados.

Mais uma vez, ele passará pelos palcos do Alto da Ajuda. Se o ano passado foram os Phudys, este ano são os **City**.

Trata-se de um grupo que faz do rock da pesada a sua forma de intervenção na cena musical.

Será o ritmo forte vindo da Alemanha que uma vez mais deslumbrará as muitas dezenas de milhares de pessoas que estiverem presentes durante a actuação desta banda composta por Toni Krahl, Klaus Selmke, Fritz Puppel e Manfred Hennig.

Um ritmo forte que nos será dado por uma formação clássica — duas guitarras, voz e bateria — que faz da boa música a sua forma de estar na vida.

Nascida em 1983, esta banda cedo se tornou num caso de popularidade no seu país.

«Feuer im Eis» é o seu mais recente Longa Duração, no entanto, já editaram outros dois LPs: «Dreamland» e «Unter der Haut».

Vai ser o rock que se faz na República Democrática Alemã a estar presente em Portugal. Os seus porta-vozes são os **City**. Com eles estará música de qualidade.



Lenka Filipová

Vem da Checoslováquia e certamente irá fazer furor na Festa do «Avante!». Chama-se **Lenka Filipová** e é tida como a melhor voz feminina da música checa. Na Festa do «Avante!» actuará acompanhada por um grupo de onze elementos: os **Dominó**. **Lenka Filipová** tem um repertório variado, desde a música Pop até à canção lírica, o que só é possível dada a extraordinária voz que possui e a maleabilidade que lhe consegue imprimir. Das crónicas que nos chegam da sua terra natal, uma frase há que se repete: «personalidade incomum». O porquê desta afirmação será facilmente entendido quando a ouvirmos nos palcos da Ajuda. **Lenka Filipová** é uma artista com uma grande presença em palco, sendo os seus

espectáculos cuidadosamente encenados. Com a sua voz e o seu poder de interpretação, **Lenka Filipová** faz de cada canção um caudal de sentimentos. Em dez minutos a sua voz e o seu corpo passam de apaixonados a irónicos e satíricos. Para tal bastam duas canções: «personalidade incomum».

Lenka Filipová cursou o Conservatório de Praga e tem dois álbuns editados: «In Love» e «Quo Vadis». Dois discos que constituem a confirmação de uma grande intérprete.

Lenka Filipová vai actuar para a semana em Portugal. Na Festa do «Avante!», Alto da Ajuda, Lisboa. Um espectáculo que aconselhamos. Um espectáculo que constituirá uma surpresa.



Sara Gonzalez

Uma voz unanimemente reconhecida e aceite como bela e inconfundível. Pertence a uma compositora e intérprete. Chama-se **Sara Gonzalez**.

— desde logo se afirmou como o mais importante acontecimento político cultural do País. Estará de novo conosco. E com ela virá o calor, o colorido, o som e as palavras de um povo livre, continuamente empenhado na transformação da sociedade. Por uma vida melhor e feliz. Graduada no Conservatório

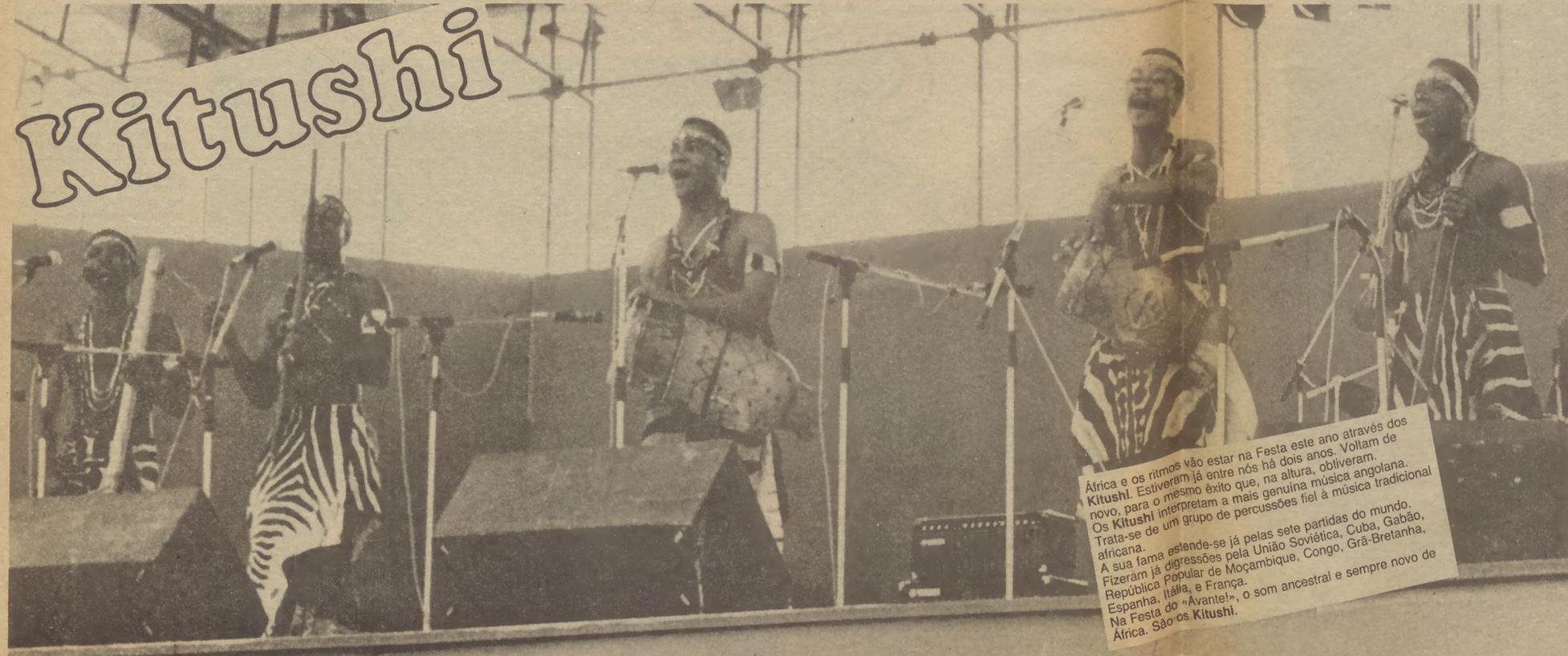
Amadeo Roldán, em Cuba, **Sara Gonzalez** estudou e trabalhou como professora na Escola de Instrutores de Arte, tendo posteriormente prosseguido os seus estudos com Leo Brower.

Em 1971, integra o Grupo de Experiência Sonora onde trabalha como compositora, orquestradora e intérprete. Numerosos discos colectivos

registam a sua participação e o seu primeiro trabalho individual em acetato foi um LP dedicado à obra de José Martí.

No seu trabalho são constantes as preocupações de qualidade e a busca em aprofundar o estudo das raízes musicais cubanas e em procurar novas sonoridades e experiências.

Kitushi



África e os ritmos vão estar na Festa este ano através dos **Kitushi**. Estiveram já entre nós há dois anos. Voltam de novo, para o mesmo êxito que, na altura, obliteraram. Os **Kitushi** interpretam a mais genuína música angolana. Trata-se de um grupo de percussões fiel à música tradicional africana.

A sua fama estende-se já pelas sete partidas do mundo. Fizeram já digressões pela União Soviética, Cuba, Gabão, Espanha, Itália, e França.

Na Festa do «Avante!», o som ancestral e sempre novo de África. São os **Kitushi**.



Rossitsa Bordjieva

Nasceu na cidade de Russe. Formou-se na Faculdade de Música Ligeira do Conservatório de Sófia e canta desde 1976. Chama-se **Rossitsa Bordjieva** e é solista da Orquestra do Conjunto de Canto e Danças representativo de Sófia. Por esse facto esteve já em Portugal, para além de outros países, como Bélgica, França, Espanha, RFA, Áustria, Laos, Vietname, Afeganistão, Índia e todos os países socialistas. Em 1976, Rossitsa ganhou o segundo prémio do Festival Internacional de Música Ligeira Orfeu de Ouro e, no

ano seguinte, foi laureada no Festival Juvenil Papoila Vermelha em Sotchi, na URSS.

Tem dois discos gravados, com música dos melhores compositores búlgaros, e em que se sentem os ritmos latino-americanos, pelos quais **Rossitsa Bordjieva** se sente atraída.

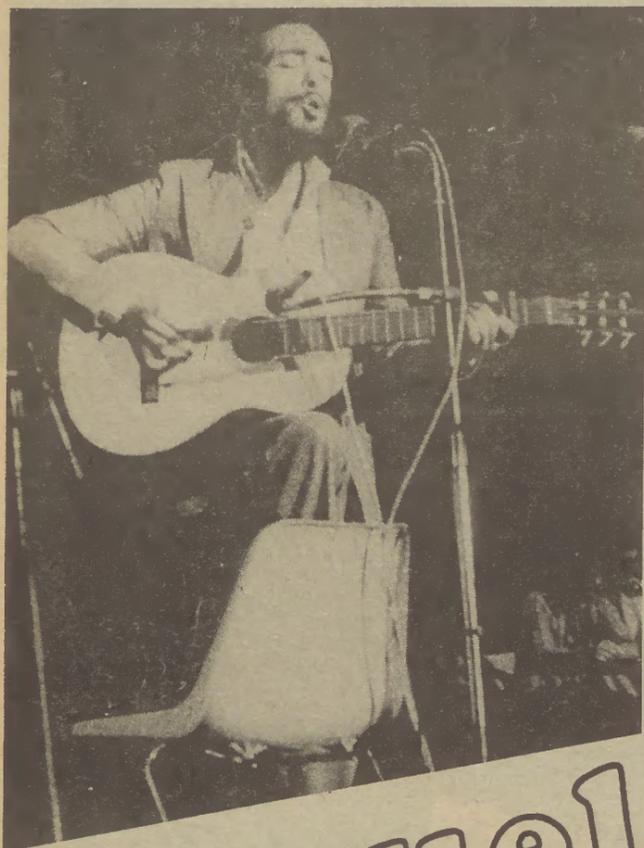
«Gosto das melodias, da vivacidade dos ritmos, do som das vilas acústicas, do estalar das castanholas». Grava neste momento um terceiro disco em que pensa incluir temas portugueses. «Cantei em Portugal pela

primeira vez há alguns anos. Tenho impressões maravilhosas do público português e vou lá cantar outra vez com grande alegria. Gostei muito do fado português.» É esta presença simpática que vamos ter na Festa do «Avante!», vinda da Bulgária. É ela quem afirma que prefere o som clássico da música ligeira aos novos estilos que sufocam hoje as discotecas. A voz macia e o repertório melódico e agradável de **Rossitsa Bordjieva** na 11.ª edição da Festa do «Avante!».

Luísa Basto

Sempre connosco, a voz de **Luísa Basto**. Desde antes de Abril, quando a sua voz já cantava a canção que Abril veio consagrar como a canção dos comunistas — o «Avante, Camarada, Avante!». Uma voz que entrou por Abril dentro e pelas vozes de tantos milhares. Uma voz que entrou pela primeira Festa e que nos acompanha sempre. Nascida em Vale de Vargo, Beja, em 10 de Maio de 1947, **Luísa Basto** foi, muito jovem, para a União Soviética, onde viveu até 1974 — a vida clandestina dos pais assim o determinou, a luta assim o impunha nesses tempos. E foi em Moscovo, pois, que Luísa gravou, em 1968, doze canções de resistência e luta, entre as quais aquela que mais iria celebrar e ficar ligada ao seu nome — o «Avante, Camarada!», da autoria de Luís Cília. Durante os largos anos que viveu na URSS, **Luísa Basto** participou em muitas jornadas de solidariedade para com os comunistas e outros democratas portugueses. Uma voz de solidariedade, é talvez a qualidade maior que possui, a mais profunda, que soube transformar em arte. Mas a arte é coisa que se afeiçoa e depois se aperfeiçoa. Tendo na capital soviética concluindo o curso do Instituto Superior de Pedagogia Musical, foi, no «terreno da canção» que a artista iria moldar a voz. Em Portugal. Em inúmeros espectáculos. Em numerosas jornadas de convívio popular. Em milhentas sessões de Canto Livre. E, é claro, na Festa do «Avante!».

O teatro também lhe não tem sido estanho. Nem o trabalho artístico entre a emigração. Nem a participação em festivais no estrangeiro. Logo em 1974 participou, como convidada, na festa do Unitá, em Itália. E, em Novembro de 1975, venceu na URSS um Festival da Canção Política. Em 1977 fez parte da delegação portuguesa ao XI Festival Mundial da Juventude, em Havana. E por aí fora. A canção a moldar-se ao tempo que muda, a voz a acompanhá-lo. Os álbuns a registarem esse tempo e essa voz. Connosco.



Samuel

Caminheiro, lhe chamámos nós um dia. Caminheiro da canção popular portuguesa. Na bagagem a viola. E a voz. Não precisa de mais nada. Porque o resto é ele próprio. **Samuel**. Com a voz e a viola percorreu o País. Ao vivo o vêem, ao vivo o ouvem — festas populares, festas do Partido e de outras organizações democráticas. Na TV é que não, só raramente a imagem e a voz lhas deixam aparecer no pequeno ecran. Nascido em Setúbal, onde viveu antes do 25 de Abril, o

seu caminho musical iniciou-se em 1972, com a gravação do seu primeiro disco «Os Castelos Também se Assaltam». Na Revolução e depois dela, a sua voz ganhou amplidão pelo país, sendo um dos primeiros participantes nesse vasto movimento que ficou a chamar-se Canto Livre. Teatro. Festivais. Sempre a voz e a música. Menos ouvida que antes pelas bandas da capital. Vivendo no Porto há algum tempo. Mas descendo sempre que é preciso. Como quando é Festa do «Avante!».



Nuno Gomes dos Santos

A cantar também se dá notícia, parece dizer-nos a carreira deste artista, cuja vida vemos associada ao jornalismo e à canção. **Nuno Gomes dos Santos.** Fundador — há que tempos! — do conjunto Intróito, onde cantou desde meados dos anos 60 até 1976, quando o grupo se dissolveu, **Nuno Gomes dos Santos** foi autor da maioria das canções daquele agrupamento, antes e depois de Abril. Continuou depois a cantar

sozinho. Ou acompanhado, ao sabor dos projectos comuns ou individuais, tendo-se consolidado a sua afirmação de artista empenhado e solidário. É um participante assíduo da nossa Festa como dos grandes espectáculos populares, tanto no País como no estrangeiro. Recordemos a sua participação nas «25 Canções de Abril». Ou nas Festas do Emigrante. Ou entre a emigração por essa

Europa fora — Paris, Colónia, Dusseldorf... Muitos discos gravou — só com o «Intróito» foram sete —, sozinho ou acompanhado. Por exemplo a gravação «Zé Ferrugem», de colaboração com Samuel e José Jorge Letria, disco em que foi autor e intérprete. Este ano, na Festa, **Nuno Gomes dos Santos** vai actuar no espectáculo que integra os «Aquarela», o próprio NGS, Maria Guinot e Ana Alves.

Café-Concerto

Pela qualidade da sua programação e pela agradabilidade do espaço, o **Café-Concerto** adquiriu um estatuto particular na Festa do «Avante!».

Trata-se de uma zona onde não acontecerá só música — que haverá da boa para todos os gostos —, mas onde também cabe o circo, o colóquio, a poesia e o diaporama.

Assim, na sexta-feira, a programação do Café-

-Concerto abre com um espectáculo de piano e violino, a que se seguem variedades de circo, a projecção de um diaporama e a música africana.

Já no sábado, haverá variedades de circo para a pequenada, logo ao princípio da tarde, música sinfónica e um colóquio sobre cultura e informação.

Da parte da noite actuará lo Apoloni, posto o que se realizará uma simples

homenagem a José Carlos Ary dos Santos e a José Gomes Ferreira e que constará de um colóquio, de canções e de declamação de poesia.

A terminar a programação de sábado, haverá espectáculo com Manuel Freire e Maria Guinot.

Já no domingo, José Jorge Letria cantará Cesário Verde e Pedro Osório e São José Lapa interpretarão canções de Brecht.

Pela primeira vez na Festa do «Avante!», os **Aquarela** vão actuar ao vivo nos palcos da Ajuda. Trata-se de uma novidade que não deixará de agradar a tantos quantos por esse país fora os tenham ouvido

nos espectáculos que integraram as campanhas eleitorais da Aliança Povo Unido.

Uma novidade para todos os que os apreciaram na Festa da Liberdade.

Os **Aquarela** surgiram em 1984 para participarem no Festival RTP da Canção. Eram então apenas três elementos e o grupo era essencialmente vocal. De há dois anos a esta parte, foi grande o percurso percorrido. A começar pela música que tocam.

Nova formação, nova música

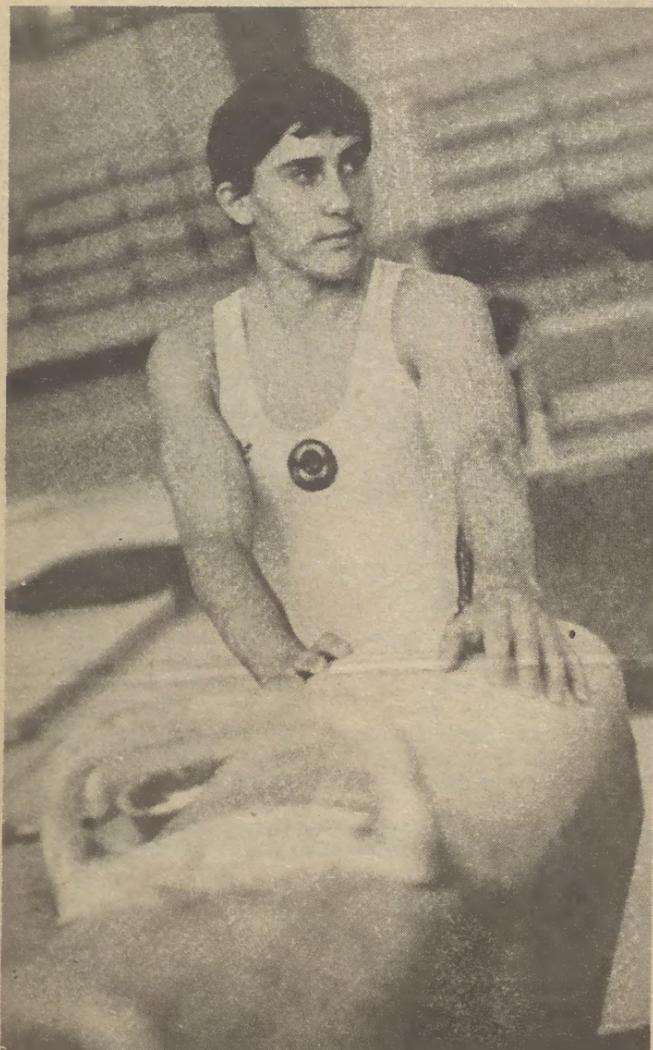
Hoje, os **Aquarela** interpretam Pop-rock e a sua formação é composta por cinco elementos. Com a formação tradicional de um grupo rock — três violas, uma bateria e voz — os **Aquarela** interpretam temas originais, fazendo de vez em quando a sua incursão até junto dos clássicos dos anos sessenta. Com vários trabalhos corais para a televisão e uma participação num programa televisivo, os **Aquarela** — que costumam acompanhar **Nuno Gomes dos Santos** —, na sua formação fixa, são **Vanda**, na voz, **Rui**, na segunda viola e na voz, **Jonh**, na viola solo e vocais e **Jorge Aço**, no baixo.

Aquarela

Já só falta uma semana!



Logo
festa do
Avante!



Andrei Grodski

Campeões da Europa no polidesportivo



Dmitri Vorobiev



Natalia Lacherova

Svetlana Boguinskaia, a campeã absoluta da Europa de ginástica desportiva, em juniores e **Valeri Liukin**, campeão da Europa de ginástica desportiva, também em juniores, são dois dos atletas que integram a delegação desportiva soviética ao Festival Internacional de Ginástica que se realiza no polidesportivo da Festa do «Avante!».

Estes dois campeões, ela com 13 anos e ele com 22 anos, ela natural da Bielorrússia e ele estudante em Alma-Ata, estarão acompanhados por mais nove atletas. São eles Natália Laschenova, Svetlana Ivanova, Irina Viatínina, Dimitri Vorobiev, Andrei Grodski, Elena Khólodova, Olga Dubóvscaia, Yuri Steptchenkov e Guennadi Tserishenko.

Com estes atletas, será a ginástica desportiva, a ginástica rítmica e a acrobática desportiva que estarão presentes no Alto da Ajuda.

Mas vamos à biografia deste lote de campeões.

Svetlana Boguinskaia baseou em 1973, estuda numa escola secundária da cidade de Minsk e é campeã absoluta da Europa em juniores.

Valeri Liukin nasceu em 1966. Mestre Internacional do Desporto, pratica ginástica desde 1975. Obteve o 2.º lugar na prova combinada nos Jogos da Amizade de 1985. É campeão da Europa de juniores.

Natália Laschenova, nasceu em 1973 e estuda em Riga. Obteve o 2.º lugar nas competições absolutas dos Jogos da Amizade.

Svetlana Ivanova, nasceu em 1974 e estuda numa escola secundária de Zhdanov. Vencedora dos Jogos da Amizade.

Irina Viatínina, nasceu em 1974 e estuda em Leninegrado. Pertence à equipa vencedora dos Jogos da Amizade.

Dimitri Vorobiev, nasceu em 1967, é Mestre Internacional do Desporto e pratica ginástica desde os dez anos. Venceu as competições de argolas da taça do jornal «Novidades de Moscovo» este ano. Estudante do Instituto Superior de Cultura Física de Rostov-Don, os seus aparelhos preferidos são a barra fixa, as barras paralelas e as argolas.

Andrei Grodski, nasceu em 1967 e pratica ginástica há já 11 anos. Em 1985 conquistou o segundo lugar nos 1.ºs Jogos Nacionais de Juniores. É estudante do Instituto Superior de Cultura Física da cidade de Khmelnitstiy e o seu aparelho preferido é o cavalo com arções.

Elena Khólodova, nasceu em 1971 e pratica ginástica rítmica há 4 anos, tendo conquistado um dos prémios dos Jogos da Amizade. É aluna de uma escola secundária de Moscovo.

Olga Dubóvscaia, nasceu em 1969 e venceu os Jogos da Amizade. Estuda no

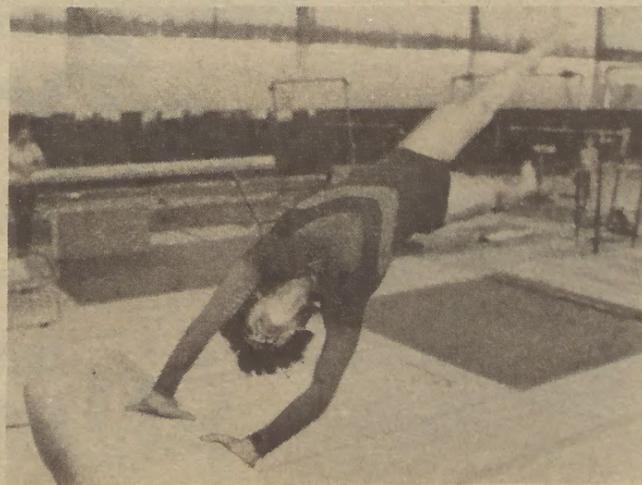
Instituto Superior de Cultura Física de Moscovo.

Yuri Steptchenkov, nasceu em 1964 e estuda no Instituto Superior de Cultura Física de Kiev. Vencedor da Taça da União Soviética de ginástica acrobática.

Guennadi Tserishenko, nasceu em 1965 e venceu a Taça da URSS de ginástica acrobática. Também estuda em Kiev.

Xadrez

Na delegação que integra os ginastas soviéticos, virá também **Smbat Lputian**, Grande Mestre Internacional de Xadrez, que disputará simultâneas de xadrez na Festa do «Avante!». **Smbat Lputian** nasceu em 1959 e venceu já vários torneios internacionais. Actualmente trabalha como treinador na Casa Central de Xadrez da Arménia, que se localiza em Erevão.



Svetlana Ivanova

Atletismo na Festa

• estão abertas as inscrições

Trata-se de mais uma grande novidade da Festa do «Avante!». Pela primeira vez ao longo das suas 11 edições, o atletismo vai acontecer dentro do recinto que todos os anos os comunistas transformam numa imensa cidade. É a «Corrida da Paz e da Liberdade» e realiza-se no domingo a partir das nove horas, estando aberta a todos os atletas, individualmente considerados, que se inscrevam até às 21 horas do dia 4 de Setembro em qualquer Centro de Trabalho do Partido Comunista Português ou na Comissão Desportiva da Festa do «Avante!», que funciona na Rua Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa CODEX. A «Corrida da Paz e da Liberdade» não é apenas uma prova desportiva. São três, destinadas a outros tantos escalões. A primeira, realiza-se às 9 e 30, tem um percurso de aproximadamente 1500 me-

tros e destina-se aos concorrentes masculinos e femininos dos escalões **infantis e iniciados**.

A segunda, que se destina aos **juvenis masculinos e femininos** e aos **seniores femininos**, realiza-se às **10 horas** e cobre um percurso de **3 mil metros**.

A última prova desta grande festa desportiva que será a «Corrida da Paz e da Liberdade» destina-se aos atletas **masculinos** das categorias de **juniores, seniores e veteranos** e a partida para os **4 mil e quinhentos metros** do percurso é dada às **10 e 30**. A concentração dos atletas realiza-se às 9 horas na Cidade do Desporto. Para que a ninguém restem dúvidas, deixamo-vos com o regulamento da «Corrida da Paz e da Liberdade»:

Regulamento

A «Corrida da Paz e da Liberdade» é uma prova de

atletismo, com percurso nos arruamentos da Festa do «Avante!», aberta a todos os atletas individuais ou em representação de clubes, associações, escolas, etc.

As inscrições poderão ser efectuadas nos Centros de Trabalho do PCP ou na Comissão Desportiva da Festa do «Avante!», Rua Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa CODEX, até às 21 horas do dia 4 de Setembro.

Serão estabelecidas classificações individuais, por escalão e sexo, com atribuição de medalhas até ao décimo classificado.

Os dorsais, que deverão ser entregues no final da META para efeitos de classificação, podem ser levantados às 8 horas do dia da prova, numa das bilheteiras que se encontram à entrada do local da Festa.

Dado o carácter festivo e de confraternização desta iniciativa, não se aceitam pro-
testos.

O programa em revista

Assim. Só de uma acentada. Diga-me quais são os artistas estrangeiros que vão à Festa do «Avante!». E portugueses. Quais são as exposições, qual é a bienal deste ano, e o programa dos palcos, mais as delegações estrangeiras que estarão presentes na Festa.

É natural que assim num ápice seja completamente incapaz de responder a esta catresma de perguntas e a todas as outras que não fizemos para o não embarcarmos.

No entanto, há um método bem simples de o fazer. É a revista-programa da Festa do «Avante!» — que estará à venda brevemente e que inclui todas as informações necessárias para que se tenha um conhecimento básico sobre tudo o que se passa no Alto da Ajuda durante estes três dias.

Nesta edição — que este ano custa apenas 150 escudos e que se revela indispensável ao visitante da Festa — é o programa que está em revista.

Lá poderá encontrar resposta a qualquer pergunta que eventualmente queira fazer sobre a Festa. Consultando-a, é a mais fácil maneira de programar três dias em que o espectáculo é ininterrupto.

Vai podê-la comprar dentro em breve. E custa só 150 escudos.



Dimitri Baltermants expõe na Objectiva 86

Um grande mestre da fotografia a nível mundial vai expor os seus trabalhos na Festa do «Avante!», mais concretamente na Objectiva 86. Trata-se de Dimitri Baltermants, fotógrafo soviético. Um dos três nomes, juntamente com Carlos Relvas e Augusto Cabrita, a serem homenageados nesta bienal de arte fotográfica. Um fotógrafo que expôs individualmente em Londres, Budapeste, Roma, Belgrado, Nova York e em Praga, entre outras cidades. Um fotógrafo que viu uma retrospectiva da sua obra ser mostrada a muitos milhares de pessoas em Moscovo, o que para ele constitui a sua maior alegria. O reconhecimento na sua própria terra. Dimitri Baltermants, ainda agora, quando muito justamente é considerado como um dos expoentes mundiais da arte fotográfica, mantém-se bem firme no seu princípio de sempre: melhorar. Melhorar sempre, que sempre que se trabalha e pesquisa, aprende-se.

Pequena biografia

Dimitri Baltermants trabalha há já quarenta anos como redactor fotográfico numa revista muito popular na União Soviética, a «Ogonhok», mas a primeira vez que viu um trabalho seu publicado foi no «Izvestia». Tinha então 24 anos e via na fotografia uma perspectiva muito remota. Antes de se apaixonar pela profissão que o celebrou, Dimitri Baltermants trabalhou como tipógrafo, técnico cinematográfico, lapidador e desenhador copista. Tendo

tirado um curso superior, chega a ser professor de Matemática superior na Academia Militar. Com o eclodir da guerra na Europa, entra para o exército e torna-se correspondente fotográfico do «Izvestia». As suas fotografias da resistência do povo soviético contra a agressão nazi-fascista em 1941 tornam-no imediatamente célebre, graças ao profundo humanismo que conseguia colocar nas suas fotografias. Baltermants também combateu e foi ferido. Só em 1945, já com o exército soviético em território alemão, volta à frente de combate, arma numa mão e



máquina fotográfica na outra. Duas formas de combate em prol da humanidade. Desde então, grande parte

da sua obra é dedicada a Moscovo. Uma cidade que não é fácil de fotografar exactamente por não ser fácil descobrir-se um ângulo que ainda não tenha sido apanhado por uma qualquer fotografia.

O que Baltermants sempre consegue. Por isso, ao longo da sua vida, Moscovo aparece-nos sempre de uma forma nova e inesperada.

O Homem

Mesmo em plena frente de combate, é a dimensão humana deste fotógrafo que não pára de nos surpreender em cada uma das suas fotografias.

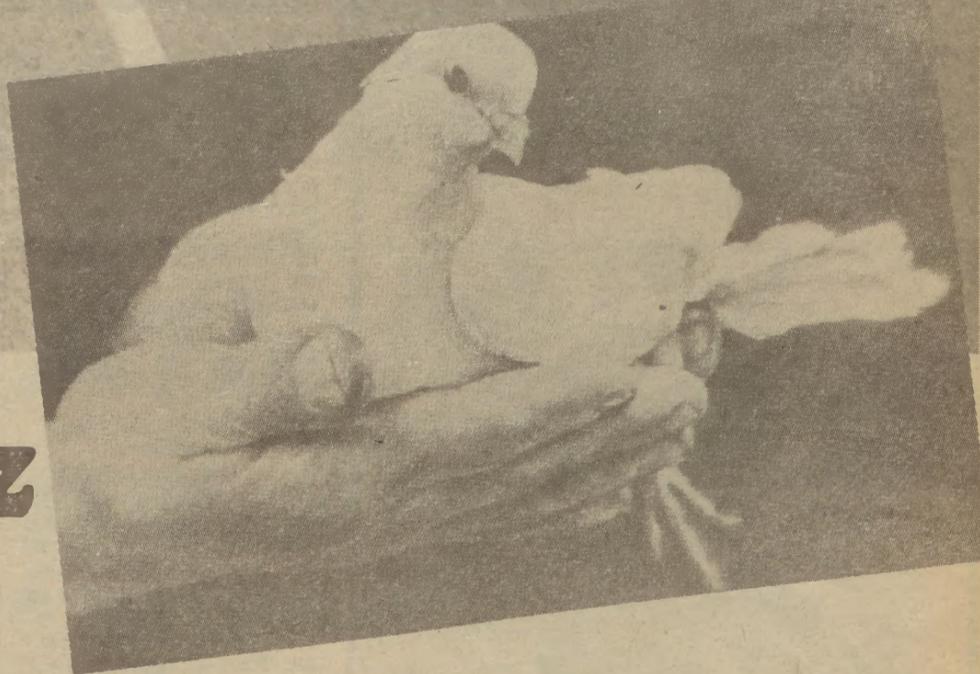
É ele próprio quem afirma ser o Homem um dos temas que lhe é mais querido. Daí que ele nos surja nas suas diferentes condições; com a sua tristeza e a sua alegria, com os seus defeitos e qualidades.

Mas sempre com um H maiúsculo, mesmo quando não nos aparece explicitamente na fotografia. Porque Baltermants tem uma profunda consideração e confiança no Homem. Por isso, também para com ele é exigente.

Deste grande mestre da fotografia já se disse: «o seu trabalho de 30 anos constituiu uma grande escola para Baltermants. Hoje é uma pessoa com que se aprende, o que constitui o maior reconhecimento que lhe podem fazer».

Um reconhecimento que se estende um pouco por este planeta fora. E que exactamente por isso, a sua obra não poderia deixar de estar presente no maior acontecimento político-cultural do País: a Festa do «Avante!».





A luta pela Paz em exposição

A Cidade Internacional ganha este ano um, se ainda possível, maior peso na Festa do «Avante!». Não só pela maior relevância que assume no terreno, mas também por intermédio da sua programação. Por isso, será neste espaço que se realizará uma das exposições centrais da Festa, e que está subordinada ao tema geral da **luta pela Paz**.

Trata-se de uma exposição que estará patente em cerca de duzentos metros quadrados e que abordará os diversos aspectos relacionados com a luta pela paz, tanto internacional, como em Portugal.

O facto de a luta pela paz ser objecto de uma das exposições centrais da Festa do «Avante!», explica-se pela grande importância que os comunistas dão a esta frente de luta, uma vez que a ninguém mais do que eles a Paz importa.

Porquê? Porque tendo os comunistas como objectivo a construção de uma

sociedade mais justa, de uma sociedade sem classes virada para o bem-estar do homem, a Paz é condição fundamental para o seu desenvolvimento harmonioso. Com eles lutam milhões de pessoas em todo o mundo. Pessoas que cedo se aperceberam quais os reais perigos que a política imperialista e armamentista encerra para o planeta. Será desta luta que a exposição que se situa na Cidade Internacional nos falará, agora, em 1986, ano proclamado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como sendo o Ano Internacional da Paz.

A exposição

Esta exposição — que se realiza junto ao Forum da Solidariedade e ao pé do Centro Vídeo da Cidade Internacional — tem três partes distintas, se bem que complementares.

Logo a abrir, os diversos painéis fotográficos situam-nos no seu contexto.

Aí se fala dos acontecimentos marcantes do último ano. Numa resenha que não se pretende exaustiva, lá estará o contraponto entre a política belicista do imperialismo e os esforços conjugados de todas as forças da Paz. Depois desta breve introdução, a exposição como que se esplanha em dois planos. No primeiro, aparece-nos a denúncia da política

agressiva e belicista do imperialismo. Ai nos dirão das agressões e da ingerência contínua dos círculos mais reaccionários do imperialismo. Ai também, estará a corrida desenfreada aos armamentos promovida pelo imperialismo, com o imperialismo norte-americano à cabeça.

No segundo plano da exposição — e estamos a seguir um critério de puro posicionamento no espaço,

que não de importância — vem a zona dedicada à luta das forças da Paz.

Uma zona onde estarão presentes as suas propostas e a acção dos povos em prol do desarmamento e do desanuviamento das relações internacionais e ainda a luta travada por vários povos pela liberdade e o progresso social.

Mas estamos em Portugal. E é aqui que lutamos. Por isso a situação portuguesa está também contemplada nesta mostra.

No último espaço da exposição fala-se da política de submissão ao imperialismo perpetrada pelos últimos governos e da luta das forças da Paz portuguesas em defesa da paz e por uma política externa de independência nacional.

Ai estarão retratadas as principais acções do movimento da paz, nomeadamente a Marcha da Paz e os diversos momentos de solidariedade para com os povos em luta.

Delegações estrangeiras

À hora do fecho da presente edição estava confirmada a presença na Festa do «Avante!» 1986 de delegações de partidos e movimentos irmãos dos seguintes países: União Soviética, República Democrática Alemã, Bulgária, Checoslováquia, República Popular e Democrática da Coreia, Cuba, Hungria, Jugoslávia, Mongólia, Polónia, Roménia, Vietname, África do Sul, República Federal da Alemanha, Angola, Argélia, Berlim Oeste, Cabo Verde, Canadá, Chile, Etiópia, França, Guiné-Bissau, Grécia, Itália, Líbano, Marrocos, Nicarágua, Palestina, Peru, Ilha da Reunião, El Salvador, São Tomé e Príncipe, Sudão, Sahara Ocidental, Timor Leste. Estará também presente uma delegação da Revista Internacional.

Forum

Ao lado desta exposição, funciona o Forum de Solidariedade. Trata-se de uma zona onde, à parte uma intensa actividade cultural, se realizarão vários colóquios. Particularmente em foco, os momentos de solidariedade para com a luta de vários povos, que contarão com a presença de convidados estrangeiros que nos falarão da luta nos seus países.

Centro de Vídeo

O Centro de Vídeo é também uma novidade na Cidade Internacional.

Trata-se de um espaço que encimará a zona da exposição. Um espaço onde haverá vídeo em programação contínua.

Um espaço que, por imagens, nos falará da luta pela Paz, tanto em Portugal como no resto do mundo, e que constituirá inevitavelmente mais um foco de interesse nesta Cidade Internacional que é a prova concreta de que não há duas Festas iguais.